



*Barão do
Rio Branco
e a
Caricatura*

Coleção e Memória

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado **Embaixador Antonio de Aguiar Patriota**
Secretário-Geral **Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira**

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente **Embaixador José Vicente de Sá Pimentel**

CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA

Diretor **Embaixador Maurício E. Cortes Costa**

COMITÊ EXECUTIVO DA CELEBRAÇÃO

DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE MORTE DO BARÃO DO RIO BRANCO

Coordenador-geral **Embaixador Manoel Antonio da Fonseca Couto Gomes Pereira**

O Barão do Rio Branco e a caricatura: coleção e memória

Coordenação editorial **Maria do Carmo Strozzi Coutinho**

Curadoria e textos **Ângela Porto**

Pesquisa original **CHDD**

Pesquisa de imagens **Lilian Lustosa**

Pesquisa histórica **Nathaniel Braia • Lilian Lustosa**

Projeto gráfico **Ilana Braia e Monica Soffiatti | Páprica Design**

Assistente **Winnie Bello Aragão**

Estagiária **Beatriz Nascimento**

Reprodução e tratamento de imagem **Cesar Barreto**

Revisão de textos **Rachel Ades**

Produção **Ilana Braia e Monica Soffiatti**

Produtora **Le Toon Studio**

Produção gráfica **Maurício Haddad**

Gráfica **Santa Marta**

Patrocínio



Ministério das
Relações Exteriores



Realização





*Barão do
Rio Branco
e a
Caricatura*

Coleção e Memória

Organização Ângela Porto

Rio de Janeiro, 2012



COMISSÃO ORGANIZADORA DA CELEBRAÇÃO DO
PRIMEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO BARÃO DO RIO BRANCO

Presidente Embaixador Antonio de Aguiar Patriota
Ministro de Estado das Relações Exteriores

Membros

- Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira**
Secretário-Geral das Relações Exteriores
- Senhor Julio Cezar Pimentel de Santana**
Assessor do Chefe de Gabinete do Ministro da Defesa
- Primeira-Secretária Luciana Rocha Mancini**
Assessora Internacional do Ministério da Educação
- Senhor Maurício Vicente Ferreira Júnior**
Diretor do Museu Imperial em Petrópolis, Ministério da Cultura
- Ministro Aldemo Serafim Garcia Júnior**
Assessor Internacional do Ministério das Comunicações
- Professor Doutor Jacob Palis**
Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
- Ministro Rodrigo de Lima Baena Soares**
Assessor Especial da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República
- Primeiro-Secretário Rodrigo Estrela de Carvalho**
Assessoria Especial da Presidência da República
- Senhora Mônica Rizzo Soares Pinto**
Diretora do Centro de Referência e Difusão da Fundação Biblioteca Nacional
- Doutora Christiane Vieira Laidler**
Diretora do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa
- Senhora Maria Elizabeth Brêa Monteiro**
Coordenadora de Pesquisa e Difusão do Acervo do Arquivo Nacional
- Professor Doutor Carlos Fernando Mathias de Souza**
Vice-Reitor Acadêmico da Universidade do Legislativo Brasileiro – Unilegis, Senado Federal
- Doutor José Ricardo Oria Fernandes**
Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados

Comitê Executivo

- Coordenador-Geral
Embaixador Manoel Antonio da Fonseca Couto Gomes Pereira
Coordenador-Geral de Pesquisas do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais
- Coordenador de Seminários e Publicações
Embaixador José Vicente de Sá Pimentel
Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão
- Coordenador no Rio de Janeiro
Embaixador Maurício E. Cortes Costa
Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática
- Coordenador de Divulgação
Embaixador Tovar da Silva Nunes
Chefe da Assessoria de Comunicação Social do Ministério das Relações Exteriores



OS AS HS OS



-QUE TRES!



BR **PETROBRAS**

Apresenta

**O Barão do Rio Branco e a caricatura:
coleção e memória**

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, bloco H,
anexo II, térreo, sala 1
70170-900 - Brasília, DF
Telefones: (61) 2030 6033 / 6034
www.funag.gov.br

Impresso no Brasil

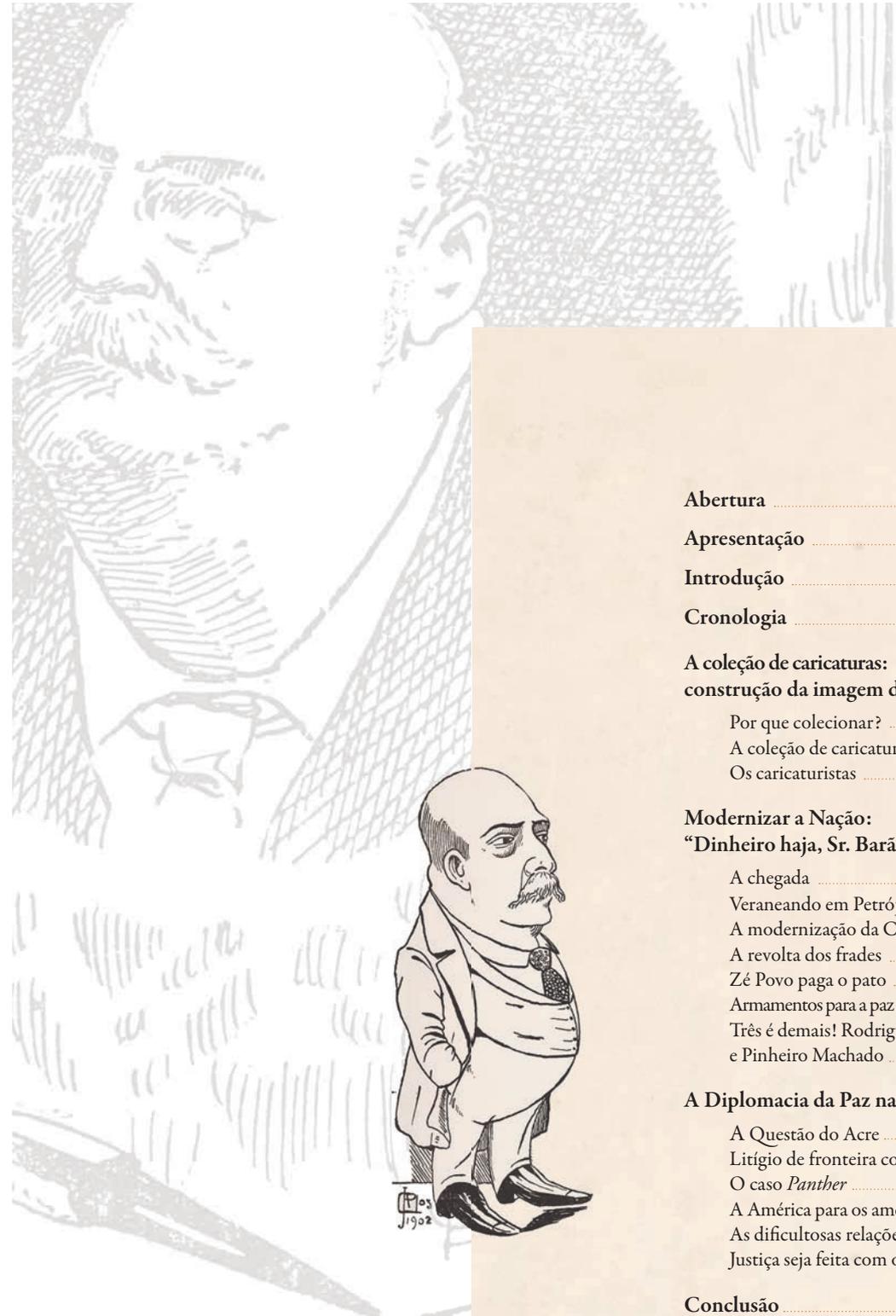
B225

Barão do Rio Branco e a caricatura: coleção e memória / organizadora: Ângela Porto.
– Rio de Janeiro: FUNAG, 2012.
173 p.; 27 cm.

ISBN: 978-85-7631-414-1

1. José Maria da Silva Paranhos Junior (Barão do Rio Branco). 2. Centenário de falecimento. 3. Caricatura. 4. Coleção particular. I. Fundação Alexandre de Gusmão. II. Centro de História e Documentação Diplomática. III. Ângela Porto.

CDU: 347.71“552.1:7129”(=81)



Sumário

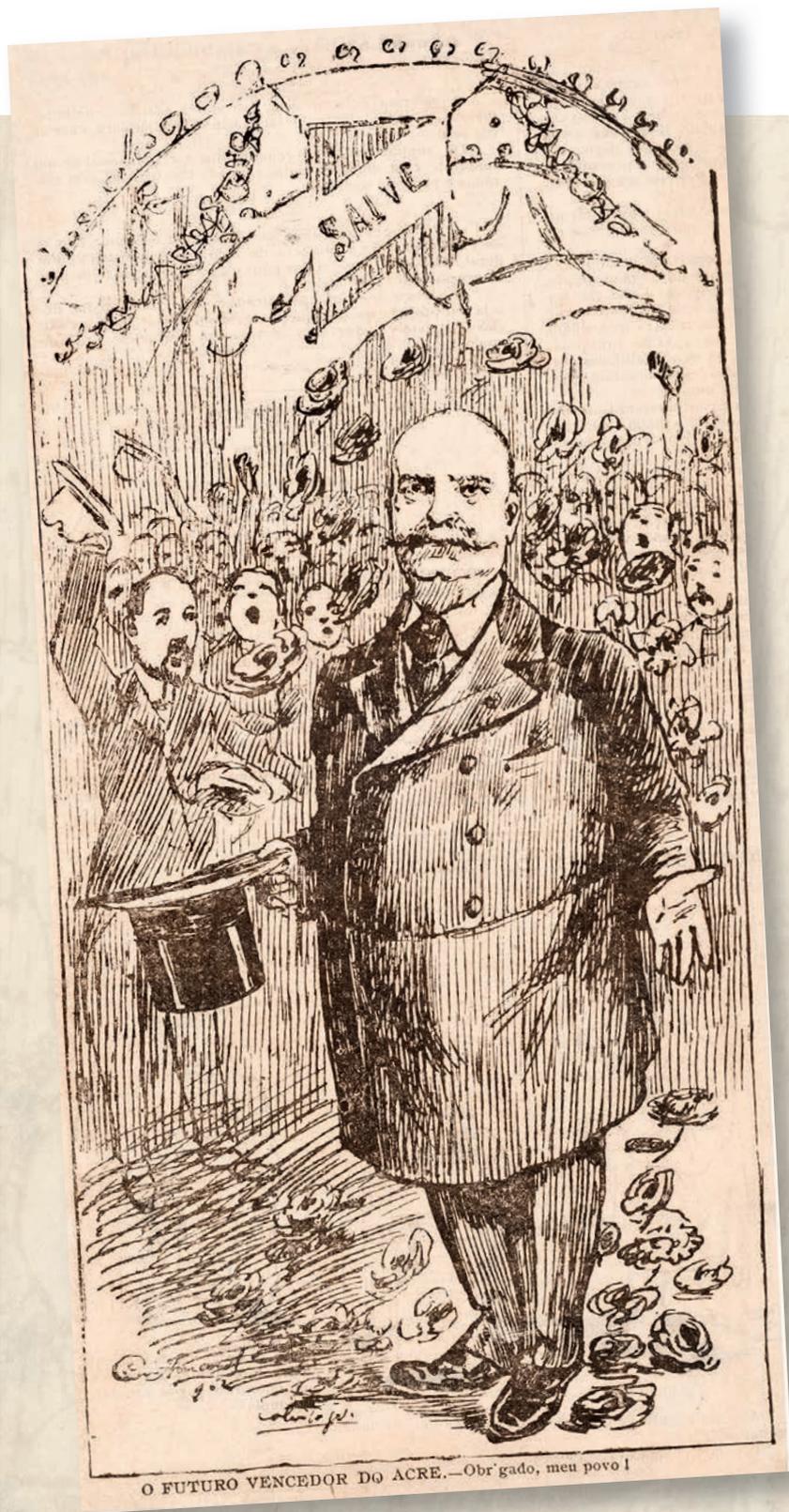
Abertura	9
Apresentação	11
Introdução	15
Cronologia	18
A coleção de caricaturas: construção da imagem de si	23
Por que colecionar?	36
A coleção de caricaturas	44
Os caricaturistas	50
Modernizar a Nação: “Dinheiro haja, Sr. Barão!”	57
A chegada	58
Veraneando em Petrópolis	62
A modernização da Capital Federal	66
A revolta dos frades	78
Zé Povo paga o pato	82
Armamentos para a paz	88
Três é demais! Rodrigues Alves, Rui Barbosa e Pinheiro Machado	92
A Diplomacia da Paz na defesa da soberania	109
A Questão do Acre	110
Litígio de fronteira com o Peru	130
O caso <i>Panther</i>	142
A América para os americanos, vale para todos	146
As dificultosas relações com a Argentina	152
Justiça seja feita com o Uruguai	158
Conclusão	162
Biografia dos caricaturistas	164
Gráficos de distribuição das caricaturas	170
Referências bibliográficas	172



K. Lixto | "Os trez mosqueteiros são quatro" | *Degas*, setembro de 1908

Poucas personalidades da história nacional gozaram de tamanho consenso quanto o Barão do Rio Branco. Ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912, o Barão permaneceu no cargo durante o mandato de quatro presidentes (Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca). Sua atuação na consolidação de fronteiras territoriais transformou-o em personagem constante dos periódicos da então capital federal, o Rio de Janeiro. A época coincidiu com o surgimento de grandes caricaturistas que, sob o impacto de novas técnicas introduzidas na imprensa, renovaram a caricatura brasileira. Pela sua atuação como diplomata, o Barão acabou sendo um dos temas mais recorrentes dessa produção.

A Petrobras entende que o presente volume traz à tona algumas questões muito contemporâneas para a cultura brasileira. Ao reunir e sistematizar essas caricaturas, a publicação trabalha sobre questões de memória, apresentando uma crônica das mudanças pelas quais passa a cidade do Rio de Janeiro, como a renovação urbanística de Pereira Passos e a campanha de Oswaldo Cruz pela vacinação da população e as rivalidades ideológicas presentes no contexto. A própria ideia de identidade nacional ganha contornos geográficos concretos num momento de definição de fronteiras territoriais. Por fim, o sucesso e o caráter pacifista nas delicadas questões diplomáticas, que o tornaram patrono da chancelaria brasileira, são referências incontornáveis na definição da política externa brasileira, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional que vivemos.



O FUTURO VENCEDOR DO ACRE.—Obrigado, meu povo!



Apresentação

O Ministério das Relações Exteriores e a Fundação Alexandre de Gusmão, em conjunto com a Petrobras, têm o prazer de lançar esta coletânea de caricaturas sobre o Barão do Rio Branco e sobre a década em que foi Ministro das Relações Exteriores (1902-1912).

As caricaturas integram uma coleção de 147 volumes de recortes de jornais, que o Chanceler organizou e que hoje fazem parte do Fundo Barão do Rio Branco, depositado no Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro. Dentro dos volumes, cerca de mil recortes são da imprensa ilustrada.

A coletânea é uma das iniciativas destinadas a celebrar o primeiro centenário da morte de José Maria da Silva Paranhos Júnior, Barão do Rio Branco, Patrono da Diplomacia Brasileira.

Antes de seu retorno definitivo ao Brasil, em 1º de dezembro de 1902, para assumir o ministério por convite do Presidente Rodrigues Alves, Rio Branco já era personagem de grande popularidade. Sua vitoriosa atuação como advogado do Brasil, nas questões de limites de Palmas (oeste de Santa Catarina), com a Argentina, e do Amapá, com a França, tinham-lhe granjeado intensa admiração popular. Basta lembrar que a chegada foi apoteótica, sendo conduzido do navio que o trouxera da Europa na galeota, construída em 1808, em Salvador, para uso da família real portuguesa, e utilizada somente para transportar altas personalidades até o cais Pharoux, na Praça Quinze de Novembro, centro do Rio. Dali, foi levado em triunfo até o Clube Naval, onde pronunciou seu primeiro discurso.

Como lembranças desse dia, a coletânea apresenta duas caricaturas. Uma delas, de Bambino, publicada em 2 de dezembro de 1902, retrata a consequência da manifestação do dia anterior, apresentando Rio Branco bem disposto no início e cansado e acalorado ao final. Outra, de J. Carlos, de 13 de dezembro, alude a uma conversa entre Rodrigues Alves, já pronto para dormir, e o Chanceler, imediatamente após a manifestação. O presidente lhe pergunta se a Rua do Ouvidor – a mais importante via comercial do Rio no século XIX e no início do XX – estava bem ornamentada. A resposta foi que “a cor dava-lhe um aspecto encantador”. Ao que retruca Rodrigues Alves: “–Acordava! Que ideia, Barão!”. A graça aqui está no trocadilho com o verbo acordar, dado que um dos apelidos do presidente era Soneca, por trazer no semblante um permanente ar de cansaço.



Acima: grupo de signatários do Tratado de Petrópolis. Foto tomada na Westfália. Fotógrafo não identificado. 17/11/1903 • foto página 11: Augusto Malta

As caricaturas acompanharam Rio Branco durante toda sua gestão à frente do Itamaraty. A coletânea descortina o tratamento dado pela imprensa ilustrada, entre outras, à Questão do Acre, ao desfecho favorável ao Brasil e à grande manifestação popular que recebeu Rio Branco na Praia de Botafogo, no dia 20 de fevereiro de 1904, por ocasião da aprovação legislativa do Tratado de Petrópolis; às negociações de limites com o Peru; ao caso Panther; e à disputa com Estanislau Zeballos, Ministro das Relações Exteriores da Argentina (1906-1908) e seu antigo adversário da Questão de Palmas.

Essa admiração por Paranhos Júnior – a quem, a despeito do regime republicano e da proibição legal de se utilizar os títulos de nobreza conferidos pelo Império, todos só se referiam como o “Barão” –, seus serviços ao País e pelo porte físico – alto, corpulento, calvo e com enormes bigodes – fizeram-no um tipo popular entre os caricaturistas.

Com efeito, relembra Gilberto Freyre, “... caricaturadíssimos foram também nos primeiros anos do século XX, o Barão do Rio Branco, Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Pinheiro Machado; (...). Do segundo Rio Branco se deve salientar que raramente as caricaturas publicadas nas revistas lhe foram desfavoráveis. O que se deve atribuir à grande popularidade que desfrutou com estadista suprapartidário que foi; mas também ao fato de ter sido o seu ministério amigo como nenhum dos jornalistas; e generoso protetor de homens de letras ligados ou não a jornais”¹.

No primeiro período de sua gestão, até por volta de 1908, Rio Branco foi, quase sempre, objeto de caricaturas favoráveis, e de raras desfavoráveis. Exemplo

¹FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. (in SANTIAGO, Salviano. *Intérpretes do Brasil: Retrato do Brasil*. Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002. v. 2. p. 731).

disso é o artista português Alfredo Cândido, que o criticou pela atuação na questão do Acre, mas que, com a assinatura do tratado, publicou *charge* em que apresenta o Barão recebendo uma coroa de louros, na caricatura intitulada “Amende Honorable”². Na segunda parte de sua gestão, o Chanceler passou a ser unanimidade.

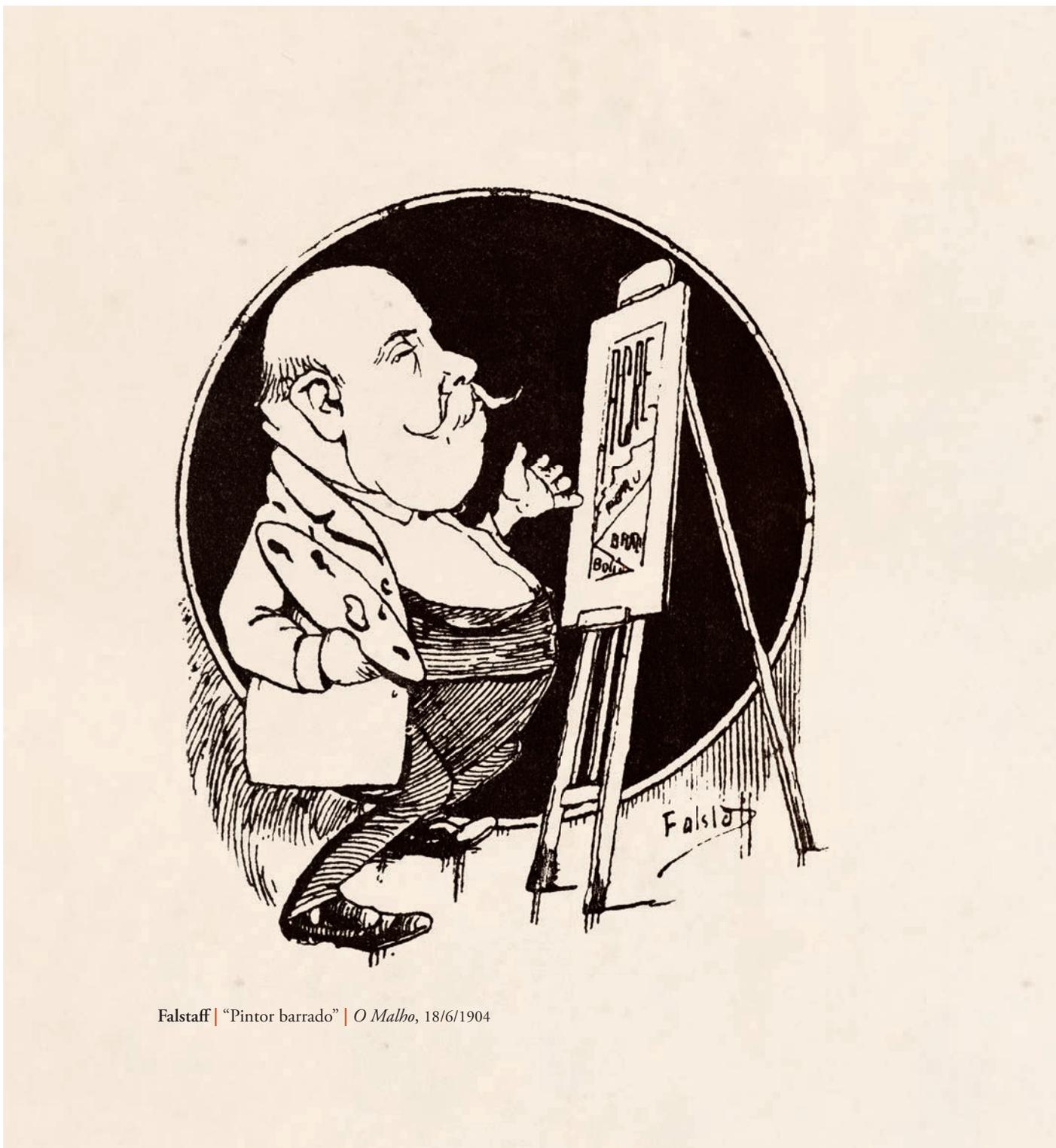
Outra faceta das artes gráficas do início do século XX foi o uso de imagens de personalidades como veículo de publicidade, de que temos exemplo nesta coletânea. Em *O Malho* de 20/6/1908, o caricaturista Lobão celebra a queda de Zeballos do ministério argentino, apresentando o Barão, sob o título “Diplomaticamente”, a tocar piano para fazer publicidade da Casa Standard, do piano “Ritter” e da pianola “Rex”. Outras caricaturas do gênero figuram na coleção. Com a proteção legal ao direito de imagem, hoje Lobão não faria um trabalho assim.

Esta publicação, iniciativa conjunta do Ministério das Relações Exteriores, da Fundação Alexandre de Gusmão e da Petrobras, põe à disposição do público uma parte do acervo de Rio Branco, até agora mantida inédita, e apresenta um aspecto particular da história da caricatura brasileira. Mostra também que, numa época de diplomacia secreta, a popularidade do Chanceler tornou o público mais interessado na política externa. Poder-se-ia dizer que sua habilidade jornalística permitiu que se fizesse, no início do século XX, algo que hoje é conhecido como “diplomacia pública”.

Ao agradecer mais uma vez à Petrobras pela disposição de participar deste projeto, tão logo lhe foi apresentado, com isso reafirmando sua vocação de estímulo à cultura brasileira, nossos votos são de que os leitores possam apreciar a arte dos grandes caricaturistas brasileiros de há cem anos, bem como a do menos conhecido dentre eles: o próprio Barão do Rio Branco, aqui representado por uma caricatura que fez de Raimundo Nonato Pecegueiro do Amaral, seu chefe de gabinete.

Embaixador Manoel Gomes Pereira

²Isto é, pedido de desculpas.



Falstaff | "Pintor barrado" | *O Malho*, 18/6/1904

Introdução

Durante o período em que foi Ministro das Relações Exteriores, Rio Branco coletou uma série de caricaturas, saídas na imprensa da Capital Federal, especialmente aquelas que se referiam a seus feitos na diplomacia. Ele ocupou a pasta sob quatro presidentes, desde que foi convocado ao cargo no governo de Rodrigues Alves, até sua morte, ocorrida durante o governo de Hermes da Fonseca. A coleção de caricaturas do Barão do Rio Branco cobre, portanto, o período de 1902 a 1912 e contempla os grandes temas que frequentaram a imprensa na época. Ao todo são mais de mil caricaturas, distribuídas em mais de 140 volumes de recortes de jornais, que fazem parte do Arquivo Histórico do Itamaraty. Essas caricaturas bem demonstram o muito que se pode revelar de nossa história política e diplomática através da irreverência do humor. Estão aqui reunidas 200 selecionadas desta coleção, fotografadas por Cesar Barreto e que dele receberam tratamento de imagem de alta tecnologia.

As caricaturas foram todas digitalizadas e identificadas pelos pesquisadores do CHDD - Centro de História e Documentação Diplomática, em fichas, por autor, data e periódico de publicação, bem como receberam, sempre que possível, observações sobre seus conteúdos. Este trabalho inicial foi de grande utilidade para nossa pesquisa. Muitas dessas ilustrações, no entanto, haviam sido recortadas e arquivadas, durante a gestão de Rio Branco, sem data ou identificação do periódico. Fizemos, então, o rastreamento dessas informações para que não se perdesse o valor documental. O estado de conservação dessas imagens é muito variado, embora todas estejam guardadas da mesma forma. Algumas apresentam marcas de dobra ou recorte malfeito, com perda de conteúdo informativo, mas que tentamos de todo jeito recuperar, seja pela pesquisa, seja pelas habilidades artísticas da equipe.

O conjunto das caricaturas, em sua totalidade e particularmente as que são aqui apresentadas, permite uma rara leitura da primeira década do século XX, da cidade, do Brasil e das relações internacionais. A Belle Époque é um período de transformações nos grandes centros do mundo ocidental e o Brasil precisava estar à altura do ideal cosmopolita para seduzir o estrangeiro na busca de investimentos e na obtenção de empréstimos que sanassem a combalida economia nacional. A Capital Federal, cartão-postal do Brasil, é remodelada no quadriênio do Presidente Rodrigues Alves. A reforma urbana, da qual fora encarregado o

engenheiro Pereira Passos, prefeito da cidade, associada à campanha de saneamento, conduzida por Oswaldo Cruz, tinha como projeto “o feito emblemático da regeneração da capital” (SEVCENKO, 1983:25). O Barão do Rio Branco estimulava e apoiava todas as medidas tomadas com este fim, buscando, na modernização da capital, retorno em sua política exterior.

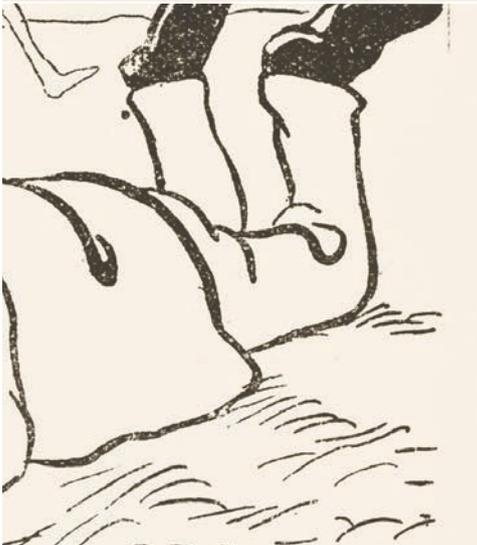
O Barão começou sua coleção assim que chegou ao Rio de Janeiro para assumir o Ministério das Relações Exteriores. Voltava, depois de 26 anos vivendo no exterior, coberto de glórias devidas a suas ações diplomáticas anteriores, que resultaram em vitória e conquista territorial para o país. Seu prestígio era uma unanimidade nacional e fora chamado para dar cabo à Questão do Acre, tema candente, que exaltava os ânimos e dividia as opiniões. Há, portanto, muitas *charges* que enaltecem seus feitos diplomáticos, mas também há aquelas que satirizam de maneira agressiva sua política exterior. *Charges* sobre assuntos que despertavam o interesse do Barão aparecem fartamente na coleção, como, por exemplo, a remodelação da cidade, as campanhas sanitárias e as intrigas da política interna.

Nossa seleção baseou-se em critérios objetivos, ou seja, foram escolhidas as mais representativas dos acontecimentos do período, as que tinham o Barão como figura central e as que estavam em melhor condição de reprodução. Buscamos também reunir um número diversificado de artistas.



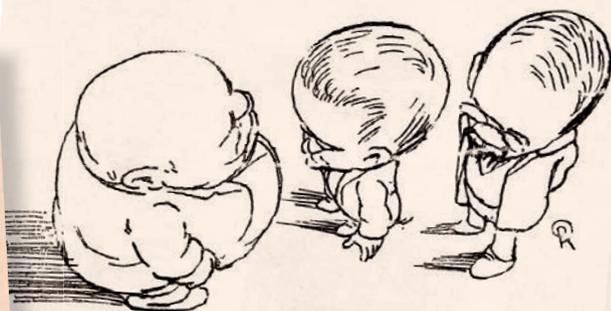
O álbum de caricaturas, *Rio Branco e a caricatura: coleção e memória* está organizado em três seções. A primeira analisa a coleção propriamente dita e o hábito de colecionar, o papel da caricatura no período e os grandes nomes da imprensa ilustrada presentes na coleção, assim como procura dar uma visão do significado das escolhas feitas pelo colecionador. A segunda traça a conjuntura histórica do período, ilustrada pelas caricaturas. A terceira procura acompanhar a política externa de Rio Branco, no período em que esteve à frente do ministério, pelas caricaturas da coleção que ilustram a seção. Além disso, apresenta uma cronologia da vida de Rio Branco entre 1902 e 1912 e uma breve biografia dos caricaturistas aqui apresentados.

O trabalho de seleção de imagens foi feito por Lilian Lustosa, assim como a elaboração das legendas e do gráfico. A pesquisa de textos históricos e biográficos foi realizada por Nathaniel Braia. As *designers* Ilana Braia e Mônica Soffiatti fizeram o projeto gráfico, com a assistência de Winnie Bello Aragão. A produção do projeto foi de Ilana Braia e Monica Soffiatti e a coordenação editorial de Maria do Carmo Coutinho. A curadoria e redação dos textos coube a Ângela Pôrto. Agradecemos a toda equipe de funcionários do CHDD o apoio para a realização deste trabalho. Agradecemos carinhosamente aos herdeiros de J. Carlos, que gentilmente nos autorizaram a publicação de seus desenhos.





Sem título | *Jornal do Brasil* | 1º/12/1902



Raul | "O Crônico Acre" | *O Malho*, 25/7/1903



Falstaff | "Os armamentos para o Perú"
O Malho, 11/6/1904

1902

Convidado pelo Presidente Rodrigues Alves para Ministro das Relações Exteriores, reluta em aceitar o convite, mas finalmente decide ocupar a pasta. Inicia sua viagem em 11 de novembro e desembarca no Rio de Janeiro em 1º de dezembro. Volta ao Brasil, depois de 26 anos no exterior, e é recebido por uma multidão em seu desembarque. No mesmo dia segue para Petrópolis. No dia 3 de dezembro toma posse no cargo de Ministro das Relações Exteriores.

1903

Em fevereiro, aluga no bairro de Westfália, Petrópolis, uma casa de propriedade do Visconde de Cruzeiro, onde fixa residência. Deste local estabelece negociações diplomáticas diretas com a Bolívia. O Barão consegue a cessação de hostilidades, em 21 de março, e em 17 de novembro é assinado o Tratado de Petrópolis, que dá definitiva incorporação do Acre ao território nacional. É de imensa repercussão a vitória diplomática de Rio Branco.

1904

O Barão propugna pela necessidade de uma melhor preparação militar do País. Suas ideias influem decisivamente no saneamento, remodelação e modernização da cidade. Inicia a negociação de litígio de fronteira com o Peru, pendente na Questão do Acre.

Cronologia

do Barão no ministério



Raul | "Boas Festas" | *Jornal do Brasil*, 27/12/1905



Raul | "Trocadilho cor de rosa" | *Jornal do Brasil*, 11/8/1905

1905

A representação do Brasil em Washington é elevada à categoria de Embaixada, sendo Joaquim Nabuco o primeiro embaixador. O Itamaraty obtém a nomeação de um cardeal para o Brasil, recaindo a escolha no arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Incidente internacional, com a canhoneira alemã *Panther*, em Itajaí, Santa Catarina.

1906

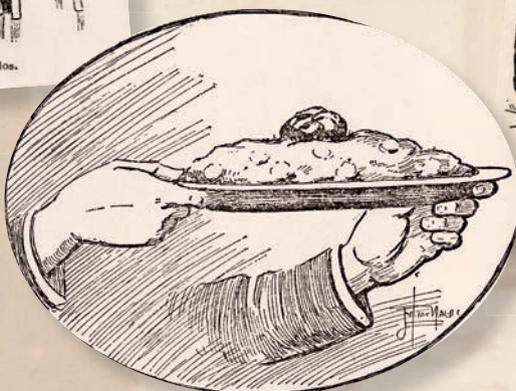
Protesto formal do Brasil à Alemanha, que dá as necessárias satisfações, e o caso *Panther* é encerrado pelo Itamaraty. Em maio é assinado o tratado que estabelece a fronteira entre o Brasil e a Guiana Holandesa, atual Suriname. Reúne-se no Rio de Janeiro a III Conferência Pan-Americana, com a presidência efetiva de Joaquim Nabuco, embaixador em Washington, a honorária de Rio Branco e Elihu Root, Secretário de Estado estadunidense. Com discurso inaugural de Rio Branco, a conferência reuniu representantes de 19 países do continente. Em 15 de novembro, é mantido no cargo de ministro pelo novo presidente, Afonso Pena.



— Creio, Sr. Ruy, que, descalçada a bota, está o mal sanado, por via dos callos.
— Lá isso, não; com troca de territórios não embarco...

K.Lixto | "A bota do Acre".
O Malho, 3/10/1903

Julião Machado
"O prato do dia do Sr. Zeballos"
O País, 20/3/1908



Luiz | "O caso Allsop"
Jornal do Brasil, 30/11/1909

1907

Em 24 de abril é assinado o tratado que fixa os limites entre o Brasil e a Colômbia. De junho a outubro realiza-se, na Haia, a II Conferência da Paz, um dos primeiros atos de diplomacia parlamentar multilateral em que países não europeus foram convidados. O Presidente Afonso Pena nomeia Rui Barbosa representante do Brasil. A participação brasileira alcança grande projeção internacional, fruto de intensa troca de telegramas entre Rio Branco e Rui Barbosa.

1908

Em 30 de janeiro Rio Branco assume a presidência do IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para a qual fora eleito no ano anterior, sucedendo a João da Cunha Lustosa Paranaguá, Marquês de Paranaguá. Inicia-se uma crise política, fomentada pela imprensa portenha, causada pela pretensão argentina de determinar limites para a ampliação das Forças Armadas brasileiras.

1909

Em 21 de janeiro é entregue ao ministro chileno, em Petrópolis, o projeto do "Tratado de cordial inteligência e arbitramento entre Brasil, o Chile e a Argentina". Solucionada a questão de limites com o Peru, depois de cinco anos de negociações. É mantido à frente do Ministério das Relações Exteriores pelo novo presidente da República, Nilo Peçanha, que assumiu o poder após o falecimento de Afonso Pena. Em 30 de outubro é assinado o tratado que concede ao Uruguai o condomínio da navegação da Lagoa Mirim e do Rio Jaguarão. No final desse ano é declarado presidente perpétuo do IHGB.



L.F. | "A prêmio"
O Coiô, 4/6/1903

Ilegível | "A realidade da situação"
O Século, 4/6/1909



Julião Machado | "A diplomacia"
O Paiz, 4/8/1911

1910

1911

1912

A sucessão presidencial agita a política interna do Brasil desde o ano anterior. Insistentemente convidado, Rio Branco recusa a candidatura à Presidência da República. Rui Barbosa se candidata e dá início à sua "Campanha Civilista", em oposição à candidatura do Marechal Hermes da Fonseca, que é apoiada pelo Barão. Eleito presidente, Hermes confirma o Barão na pasta do Exterior, pela terceira vez. Grande agitação na política interna. Revolta dos Marinheiros.

Condecorado com a Ordem do Libertador, da Venezuela. Faz seu último discurso, no Clube Militar, defendendo-se das acusações de militarista e imperialista. "Nem militarista, nem imperialista — pacifista!"

Grave situação na política interna. Bombardeio de Salvador, na Bahia, impressiona profundamente Rio Branco. Por não concordar com a violência da política dominante de Pinheiro Machado, escreve de Petrópolis pedindo demissão do cargo de Ministro das Relações Exteriores ao Marechal Hermes, que a nega. Agrava-se a saúde do Barão. Morre no dia 10 de fevereiro, de insuficiência renal. É enterrado no dia 12, no cemitério de São Francisco Xavier. É decretado luto nacional e o Carnaval é suspenso e transferido para abril.





A Coleção de Caricaturas:

Construção da imagem de si

*“Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas:
arrumamos, desarrumamos, reclassificamos.
Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma
imagem, para nós mesmos e, às vezes, para os outros”*

Philippe Artières





Barão do Rio Branco | Caricatura a óleo sobre cartão de José Avelino Gurgel do Amaral
Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty.



Barão do Rio Branco
“Pecegueiro do Amaral”
A Avenida, nº 25, 1904

José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), Barão do Rio Branco, ou simplesmente “o Barão”, como era carinhosamente chamado pelo povo¹, era um boêmio, na juventude. Foi algumas vezes criticado por seu comportamento ousado para os padrões da sociedade brasileira de sua época, mas tornou-se, por suas conquistas e ações firmes na diplomacia, o orgulho maior dos brasileiros.

Ruben Gill², homenageando o Barão no centenário de seu nascimento, diz que ele “possuía a intuição e o gosto pela arte do *caricare* e chegou a planejar escrever a história da caricatura brasileira”. Além disso, recebeu, quando ocupou o Ministério das Relações Exteriores, “apaixonada assistência dos profissionais da *charge* no periodismo do Rio de Janeiro” e “veio a ser, sem dúvida, o homem de governo do qual mais se ocupou em todos os tempos a caricatura no Brasil”³. Exageros à parte, o fato é que o Barão do Rio Branco expressou seu gosto pela arte da caricatura como colecionador e como artista.

¹ Ver Revista *Fon-Fon*, 24/2/1912: “A simples enunciação das palavras – o Barão – já todo mundo sabia que se tratava de Rio Branco. O Barão era ele, exclusivamente ele”.

² Produziu entre 1942-1945 uma série de reportagens, no jornal *Dom Casmurro*, intitulada “O século boêmio”, em que abordava a vida de artistas brasileiros, principalmente caricaturistas.

³ Ver edição especial de *Dom Casmurro*, Natal de 1944, “Rio Branco e a caricatura”, citado por Herman Lima, *História da Caricatura no Brasil*, p. 293.



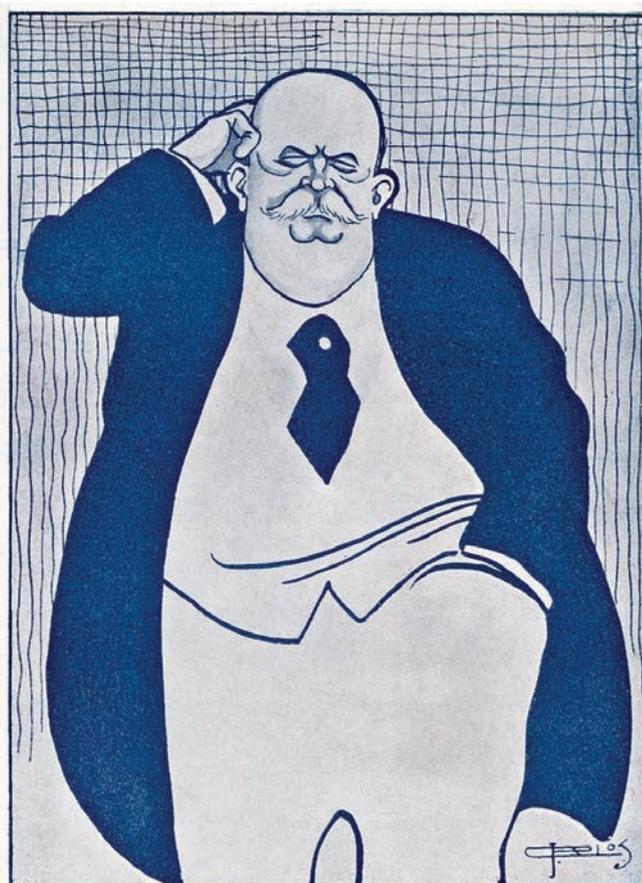
“Respondo pela palavra do chefe.
Temos em breve as obras do porto.”

Raul | "Folhetim II" | *Tagarela*,
21/5/1903

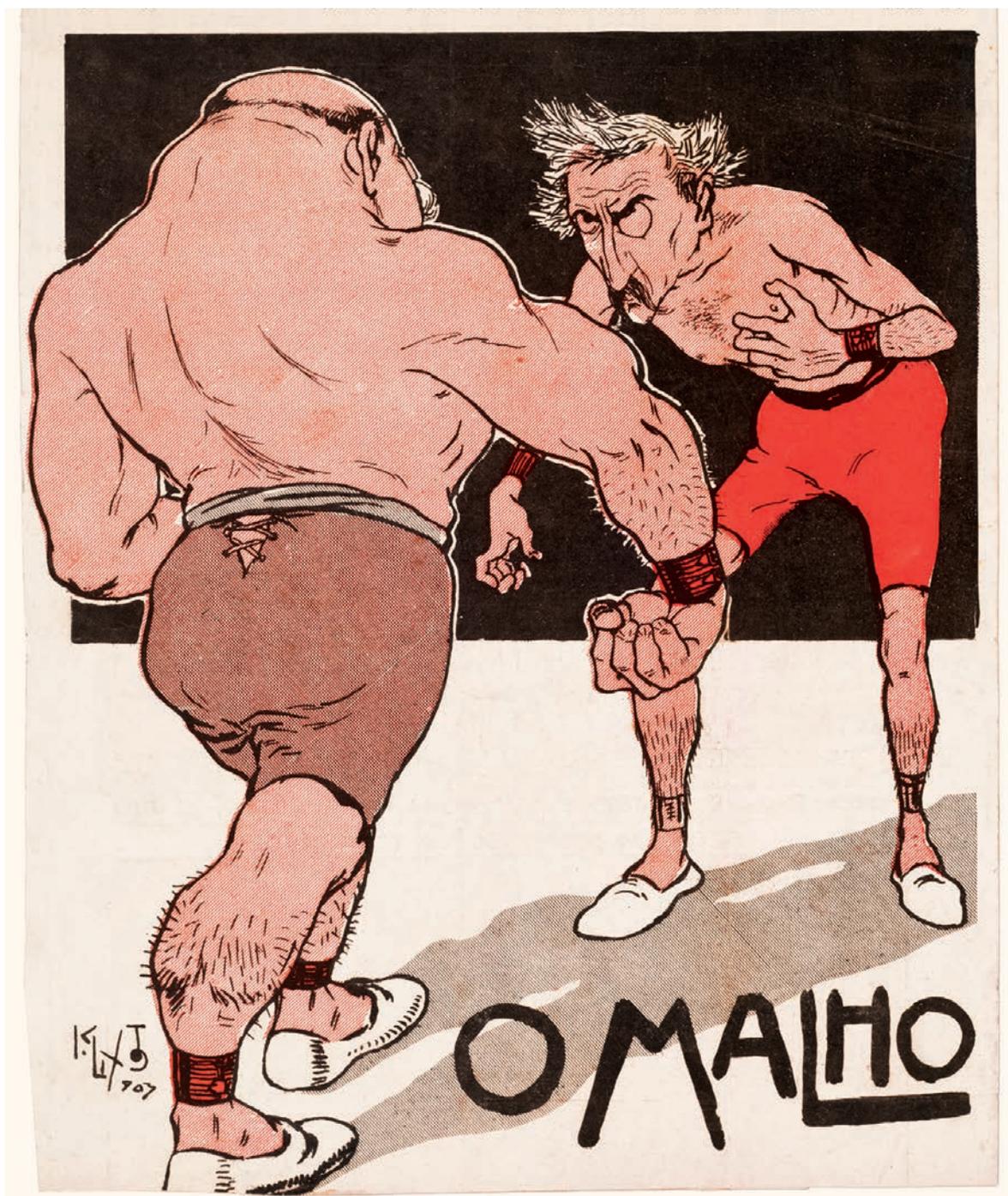
“- Estes senhores diplomatas do Largo
da Mãe do Bispo...
São capazes de fazer alguma asneira...
e estragam-me o capitulo.”

J. Carlos | "O Barão aprehensivo"
Careta, 5/9/1908

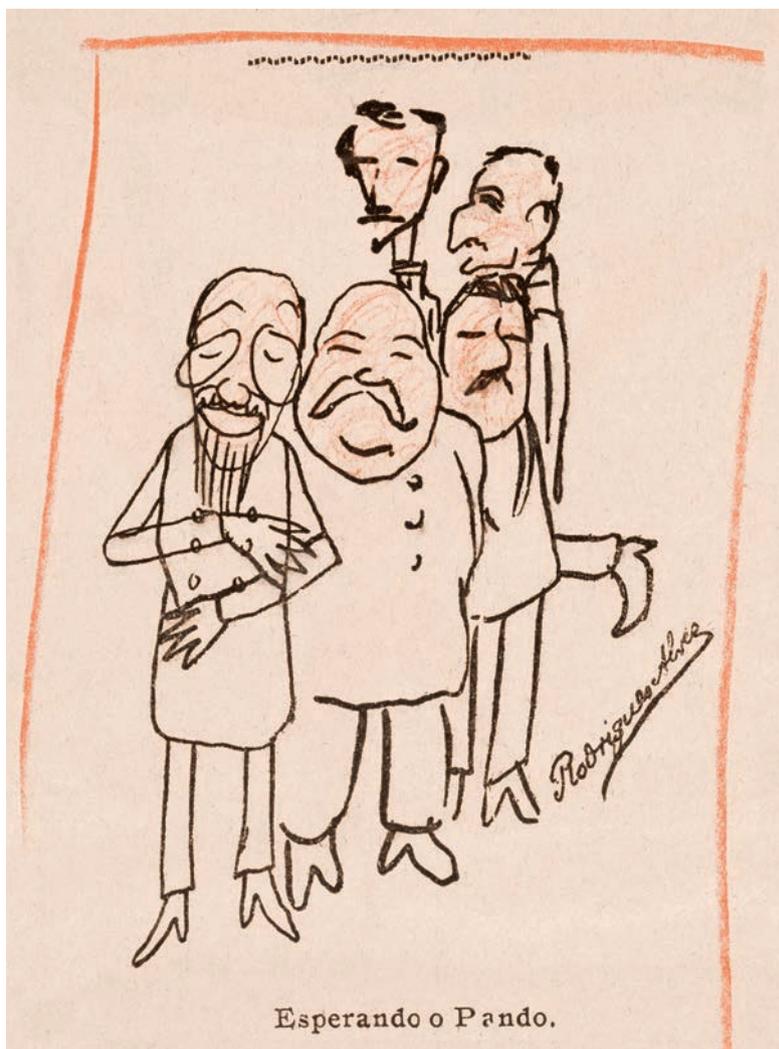
No começo do século XX, a caricatura é considerada a grande arte brasileira. Na efervescência da Belle Époque, multiplicam-se as publicações dedicadas ao gênero e consagram-se muitos artistas. *A Tagarela*, *Fon-Fon*, *O Malho* e *Careta*, só para citar algumas, são revistas que surgem neste período e revolucionam a imprensa ilustrada, com a predominância da cor e de um novo formato, tudo em papel de melhor qualidade. Nelas, o desenho de humor ganha cada vez mais espaço e o desenhista ocupa lugar privilegiado com suas *charges* publicadas nas capas. Em suas páginas, destacam-se os traços de Raul, K. Lixto e J. Carlos, denominados de “trio de ouro” da primeira metade deste século⁴, que fazem parte da geração de caricaturistas iniciados na imprensa nos idos de 1900 e que dão as novas diretrizes da caricatura nacional.



⁴ Tudo o que aconteceu até os anos 50, as transformações na cidade, no modo de vida, na política nacional e internacional foi observado por eles e transposto para o papel com humor irreverente. Ver sobre isso Herman Lima, *op. cit.*

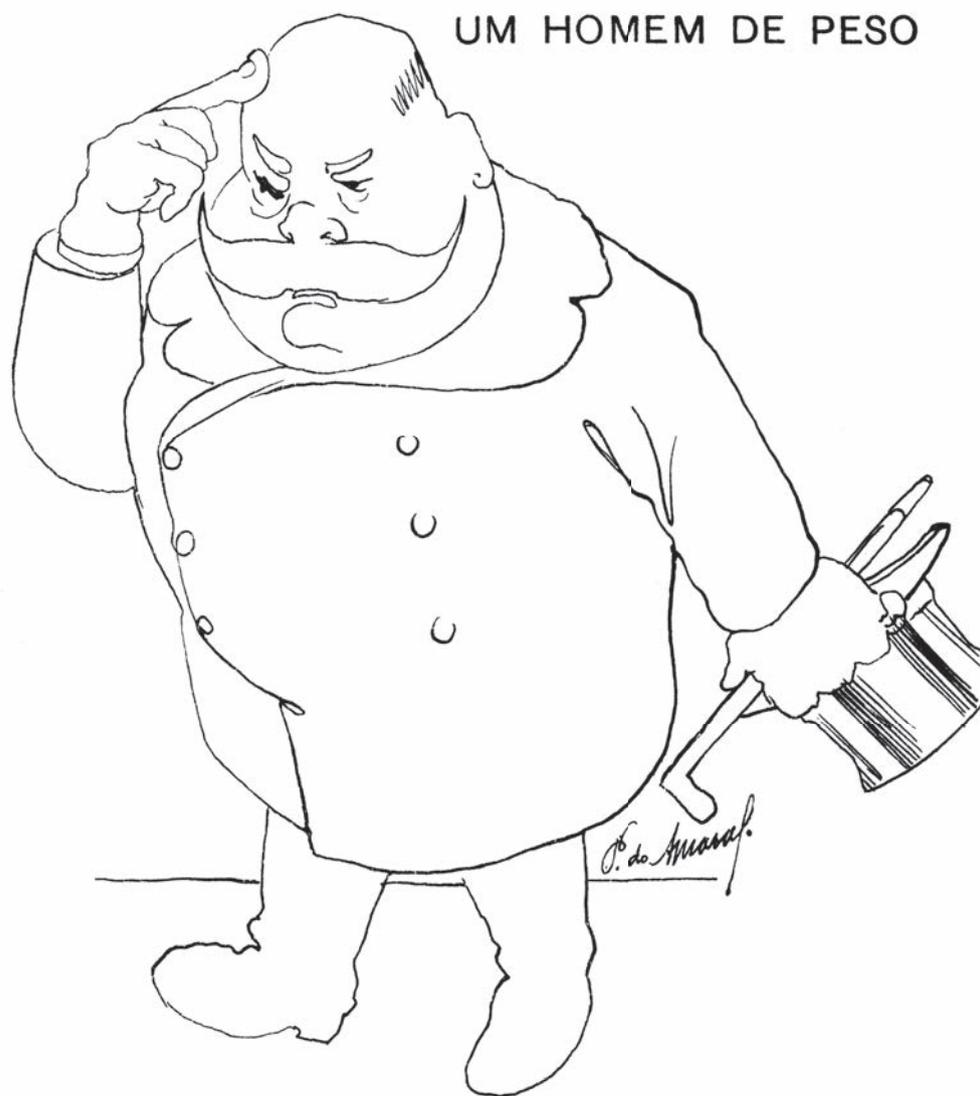


A caricatura era tão prestigiada nesta época que muitos se aventuraram na arte, como o Barão e até o Presidente da República Rodrigues Alves. Vale observar que este desenho foi selecionado pelo colecionador, que marcou com seu lápis de trabalho a imagem e a coloriu. Este era um hábito do Barão que, assim, destacava documentos de seu especial interesse. Também o chefe de gabinete de Rio Branco, Pecegheiro do Amaral, arrisca-se em caricaturá-lo, retribuindo da mesma forma a impressão que um faz do outro.



Rodrigues Alves | “Esperando o Pando”
Tagarela, 29/11/1903

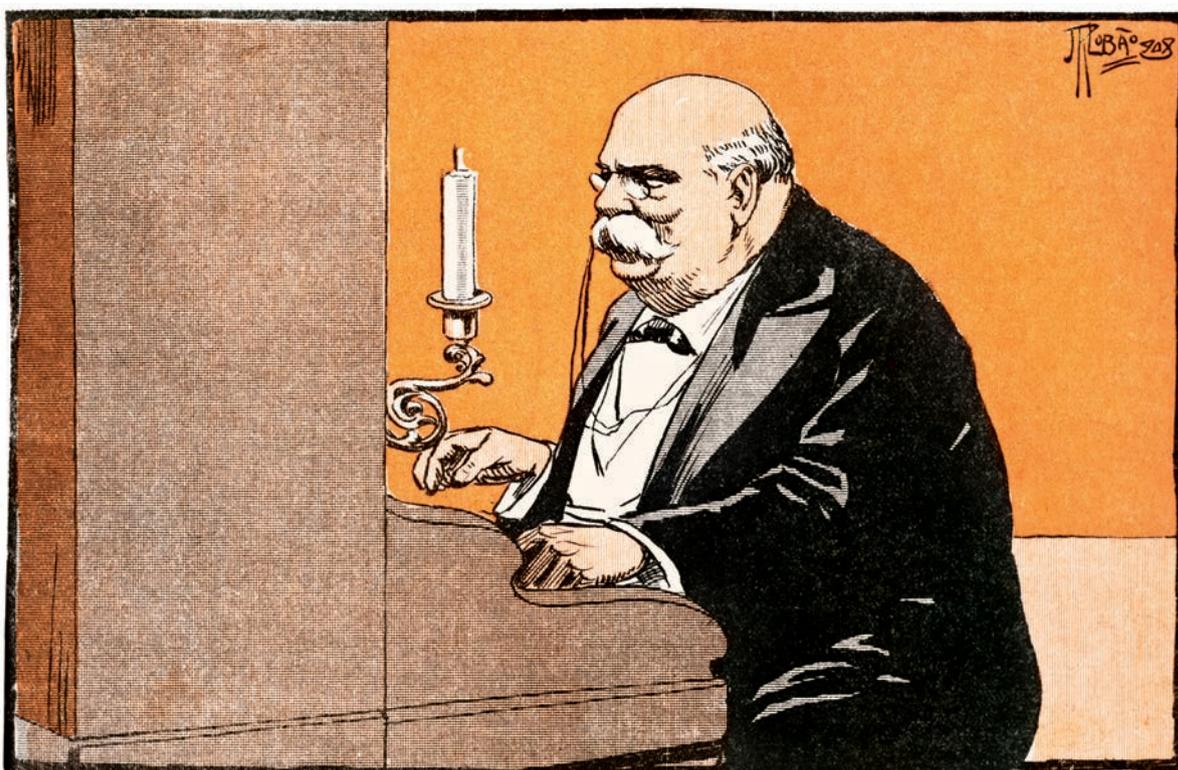
UM HOMEM DE PESO



“Desenho que nos enviaram. A julgar pela assignatura, deve ser da lavra do sr. Pecegueiro do Amaral, o Pelino de S. Ex., o retratado.”

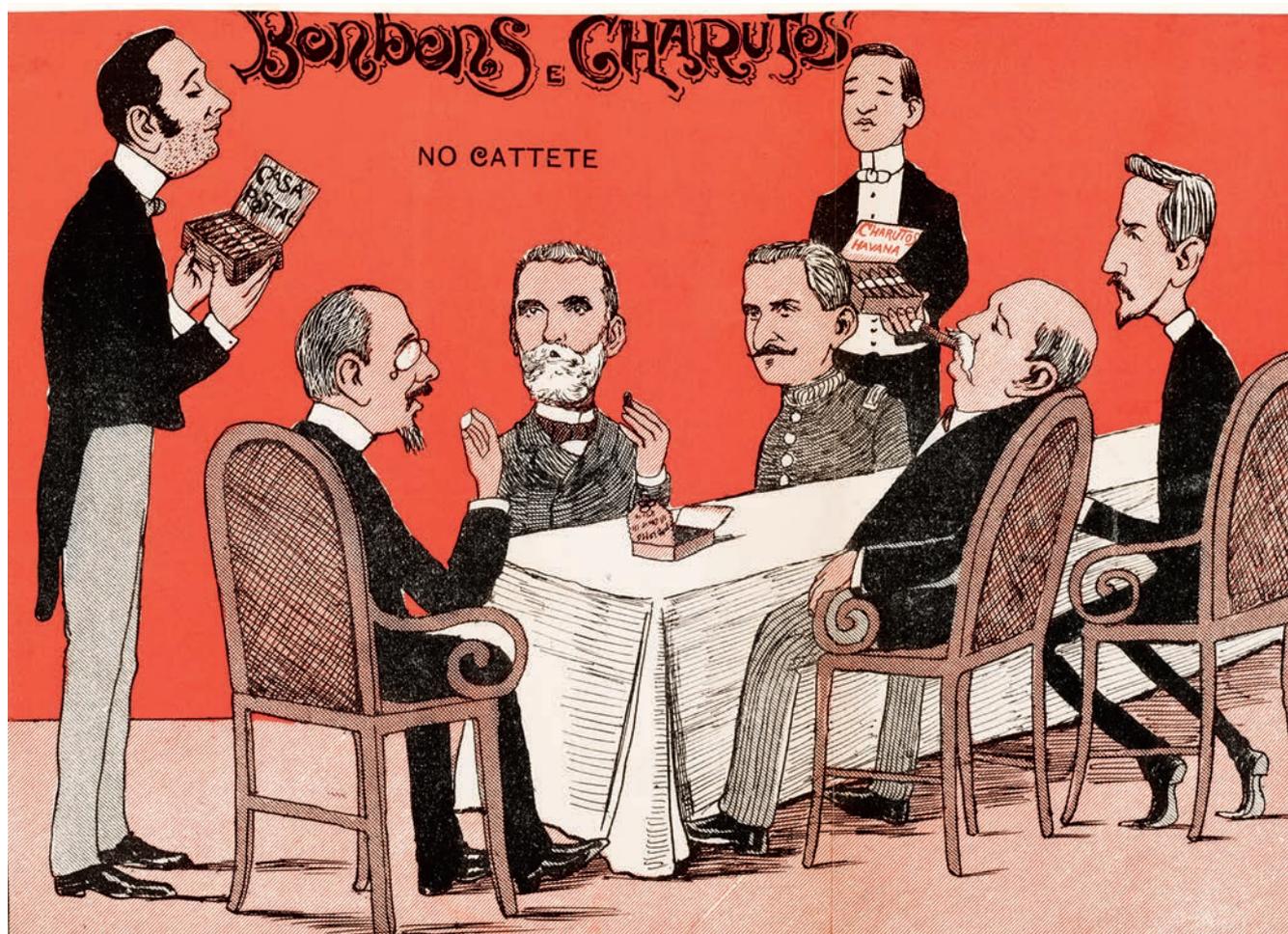
Pecegueiro do Amaral | “Um homem de peso” | *Tagarela*, 8/9/1904

A caricatura é, neste momento, a arte que mais se presta à propagação de ideias, de representações, especialmente devido à sua penetração e aceitação na sociedade. Está a serviço tanto da política como da propaganda por sua imensa capacidade de veicular mensagem. Os profissionais do traço encontram no Barão um bom modelo de publicidade.



“ – Agora que o Zeballos virou de catambrias, posso com mais vigor, certeza e harmonia, tocar o hymno da paz... Nada melhor para isso do que o piano Ritter, sem duvida alguma o melhor e o mais perfeito que se conhece nas boas rodas. Casa Standard, Ouvidor 72, Rio. Filial em S. Paulo, Galeria Crystal 14 – Prestações semanaes de 12\$000, e outras condições favoráveis à posse immediata de um piano “Ritter” ou pianola “Rex”.

J.R. Lobão | “Diplomaticamente” | *O Malho*, 1º/8/1908



“R. A. – Como são saborosas estas balas!... E... pacíficas!

R. B. – Bonbons... os da Casa Postal! iguaes aos do Bernardo... áquelles que tantos comi quando era pequeno!
Hoje gosto mais dos bons charutos de Havana.

L. M. – A Casa Postal por causa das obras da Avenida mudou-se para a rua do Ouvidor 111.

N. e A. – O nosso companheiro das finanças bem podia dispensar uma verba para comprar na Casa Postal as festas para o nosso exercito e marinha, que bem as merecem, depois de tanta... promptidão!

Nota – A redação do O Malho aceita boas festas, mas bonbons só da Casa Postal.”

J. Dubois (Alfredo Cândido) | "Bonbons e charutos - No Cattete" | *O Malho*, 10/12/1904

A caricatura é tanto um meio de instrução política para o povo como um veículo de mensagem da opinião pública para os políticos.



K. Lixto | "Alleluia! Alleluia!" | *O Malho*, 2/4/1904

“Photographia instantanea de Zé Povinho, distincto desenhista, nas horas vagas em que procura divertir-se”

Alfredo Cândido | “Artista Zé” | *A Larva*, 27/11/1903





Os recursos de linguagem mais em voga neste período eram o trocadilho e as frases de duplo sentido, que davam maior leveza às sátiras políticas. Raul foi o grande mestre no uso destes recursos, que eram bem apreciados pelo Barão, haja vista sua forte presença na coleção.

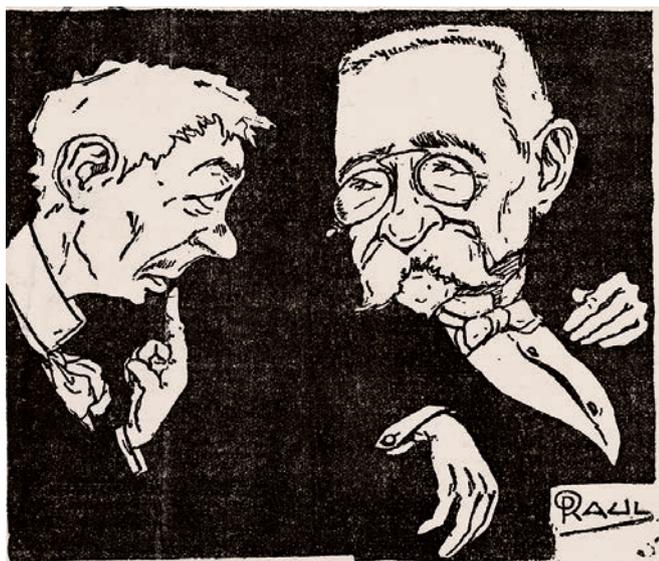
“- Então agrava-se a questão do dito?
- Que dito?
- O dito Acre.
- Ah! acredito...”

K. Lixto | “Sempre o Acre”
O Malho, 25/4/1903



“- Com este calor, não vai um copinho de cerveja, Barão? Olhe que aqui temos a cerveja que você mais ama.
- Qual?
- Pois é sabido que você ama a Pá.”

O.I.S. (Raul) | “Um trocadilho de Sua Excelência”
O Malho, 6/12/1902



“- V. Ex. deixará passar todas as injustiças do Congresso?
- A minha “força” está na “sancção”.
NOTA – A piada de S. Ex. é muito boa. Samsão era o symbolo da força...”

Raul | “Um trocadilho do Dr. Affonso Penna”
Jornal do Brasil, 22/12/1906



DIPLOMACIAS...

- Então, Barão, o Acre?...
- Oh! o Acre... o Acre... Está-me descreditando.
- Acreditamos...

Por que colecionar

O ato de colecionar está relacionado à necessidade de o ser humano possuir coisas ou alimentar desejos internos, satisfazendo, dessa forma, seus anseios ou fetiches. Visto desta maneira, pode enquadrar-se na categoria de *hobby*, simplesmente. Mas, podemos fazer uma reflexão sobre os significados que assumem os objetos materiais da vida social e cultural. De imediato, observamos que as coisas que usamos, possuímos ou guardamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre quem buscamos ser. Fazem declarações sobre nossa identidade, nossos objetivos e, mesmo, nossas fantasias⁵. De acordo com Clifford:

“...o fato importante a considerar aqui é que eles [os objetos colecionados] não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam (na medida em que os objetos são categorias materializadas) a percepção que temos de nós mesmos individual e coletivamente (*Apud.* GONÇALVES, 2007:27)”.

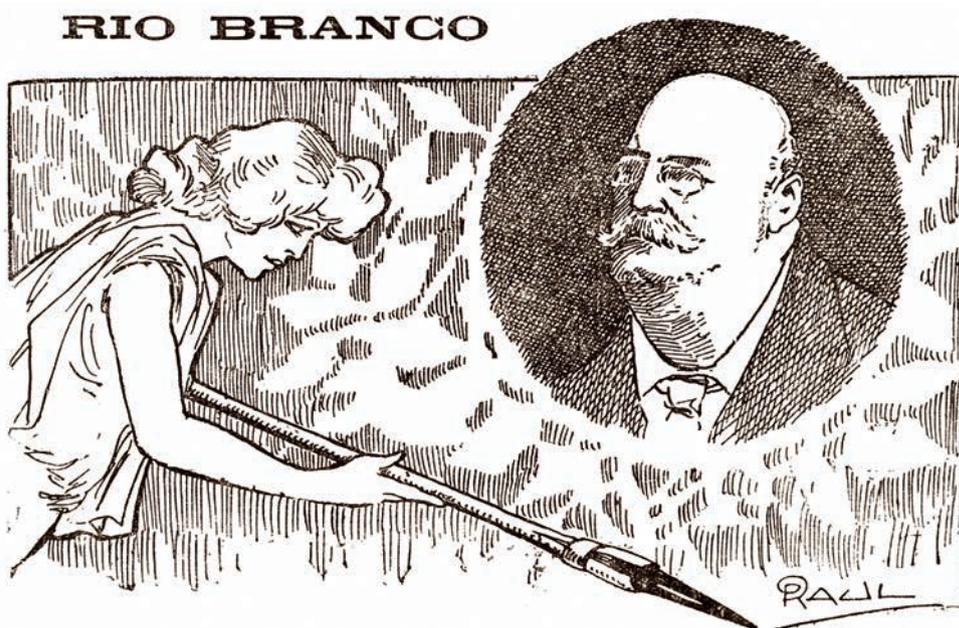
“Rio Branco: - Tento no leme, que a grita dos jornaes argentinos procura desviar-me do rumo!...E, talvez por ironia, talvez por despeito, chamam-me lá o Chancellor de Ferro...Pudera! Estavam habituados aos chancelloreres de banana!...”

J.R. Lobão | Sem título | *O Malho*, 1º/8/1908

⁵ Sobre este assunto ver José Reginaldo Gonçalves. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*.



Objetos materiais acumulados por indivíduos de relevância são investidos de um interesse público e histórico incontestável. Também é importante sublinhar que, enquanto ocupantes de cargos de natureza política, acumulam documentos que se relacionam ao exercício dessa atividade, que a expressam e a comprovam⁶. O ato de colecionar, em se tratando especialmente desses indivíduos, corresponde ao de constituir um arquivo pessoal, com motivação memorial. Por outro lado, “arquivar a própria vida” não é uma prática neutra, uma vez que se dá destaque a certas passagens. Manipula-se, assim, a existência, omitindo, rasurando e sublinhando os episódios que a compõem. Esta é a “única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto”, de construir um destino para si mesmo, de ter sua identidade reconhecida e de testemunhar sua existência. É deixar um legado da própria vida, que sobreviverá ao tempo e à morte⁷.

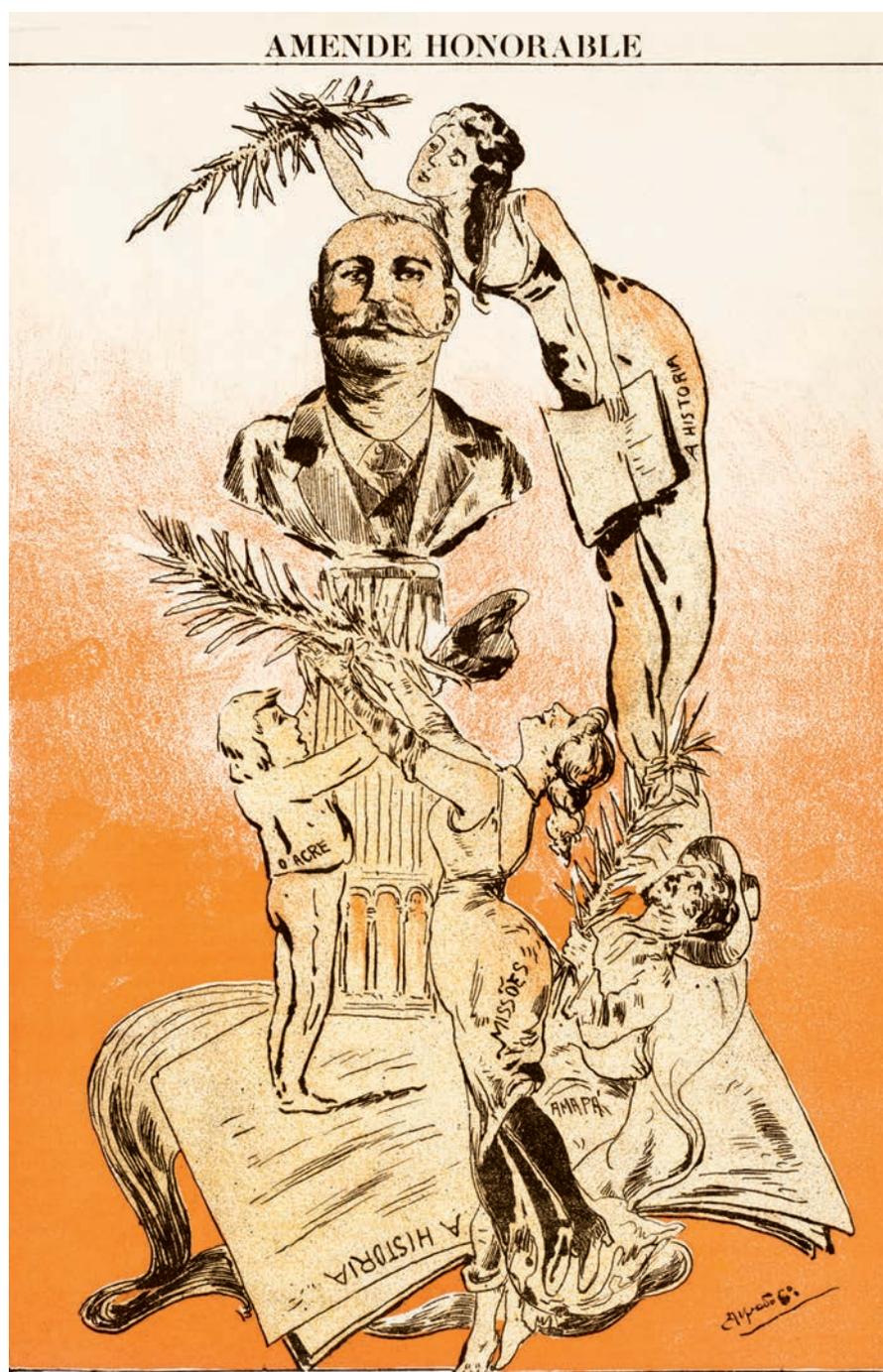


“Herdou do pae a calva e a consciencia
E em todas as “missões” que tem cumprido.
Firmou bem alto do Brasil querido
A vasta e varonil independencia!”

Raul | “Rio Branco” | *Jornal do Brasil*, 20/4/1909

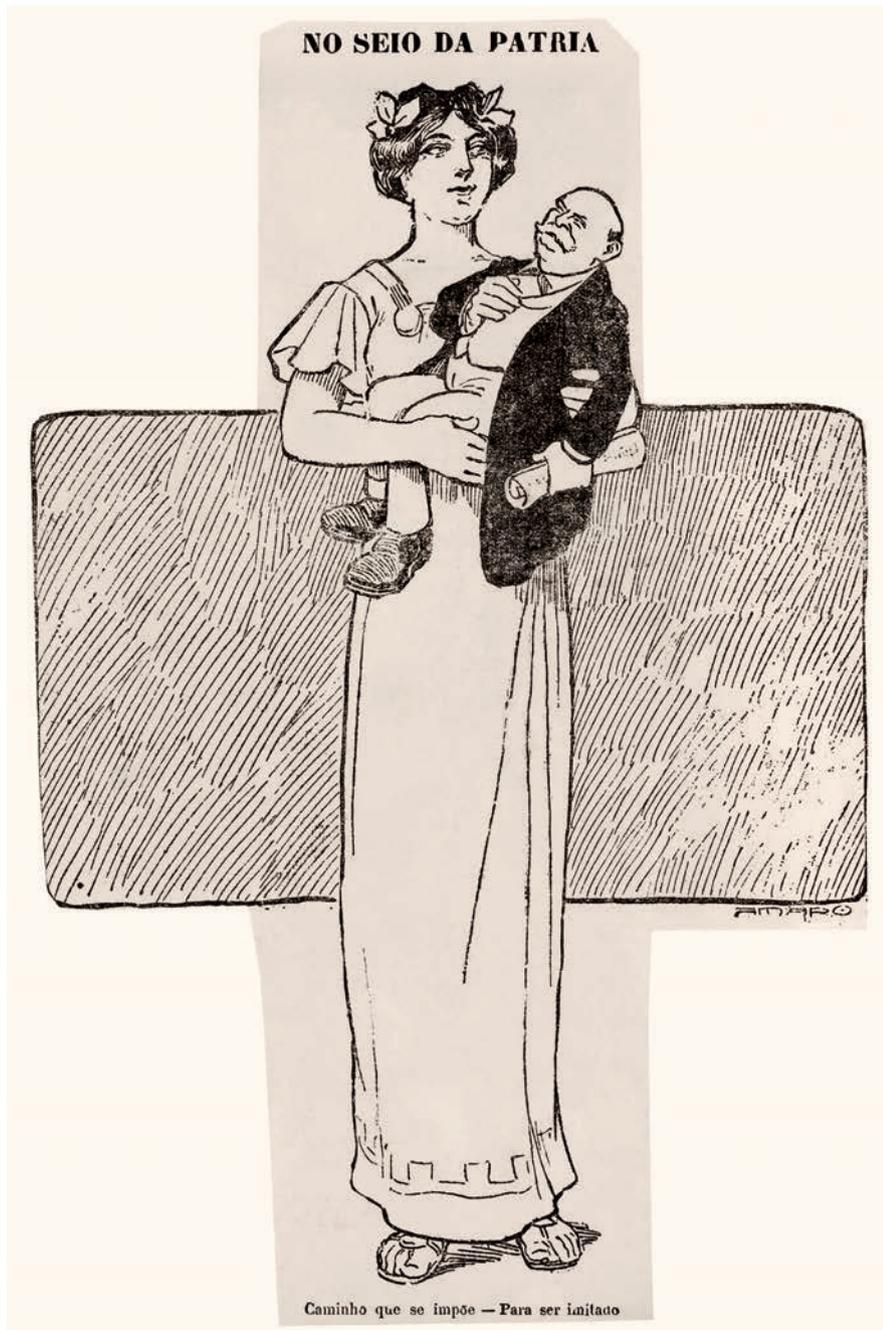
⁶ Sobre este assunto ver os estudos de Luciana Heymann. *O indivíduo fora do lugar*, e *Indivíduo, memória e resíduo histórico*.

⁷ Sobre este assunto ver Philippe Artières. *Arquivar a própria vida*.



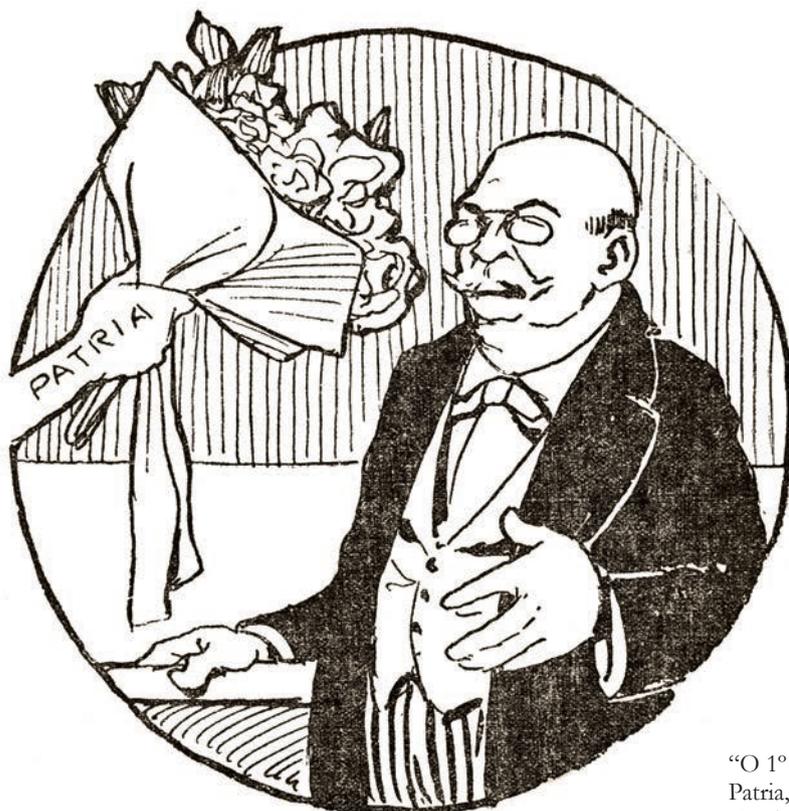
“Atravessaste as opiniões mais desencontradas e a todas nós procuramos interpretar nas columnas d’este semanario. Hoje limitamo-nos a transportar para aqui uma das páginas da Historia.”

Alfredo Cândido | “Amende honorable” | *A Larva*, 11/1/1904



Arquivos pessoais, como se configura a coleção de caricaturas do Barão, constituída de documentos relacionados à sua trajetória política geram uma “ilusão biográfica” de acordo com a reflexão empreendida por Bourdieu. O autor alerta

“(…) que o indivíduo, ao contar sua vida ou expor suas memórias, atuaria como ideólogo de sua própria história, selecionando certos acontecimentos significativos em função de uma intenção global e estabelecendo entre eles conexões adequadas a dar-lhes coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real; trata-se de um esforço de representação, ou melhor, de produção de si mesmo” (*Apud.* HEYMANN, 1997:47).

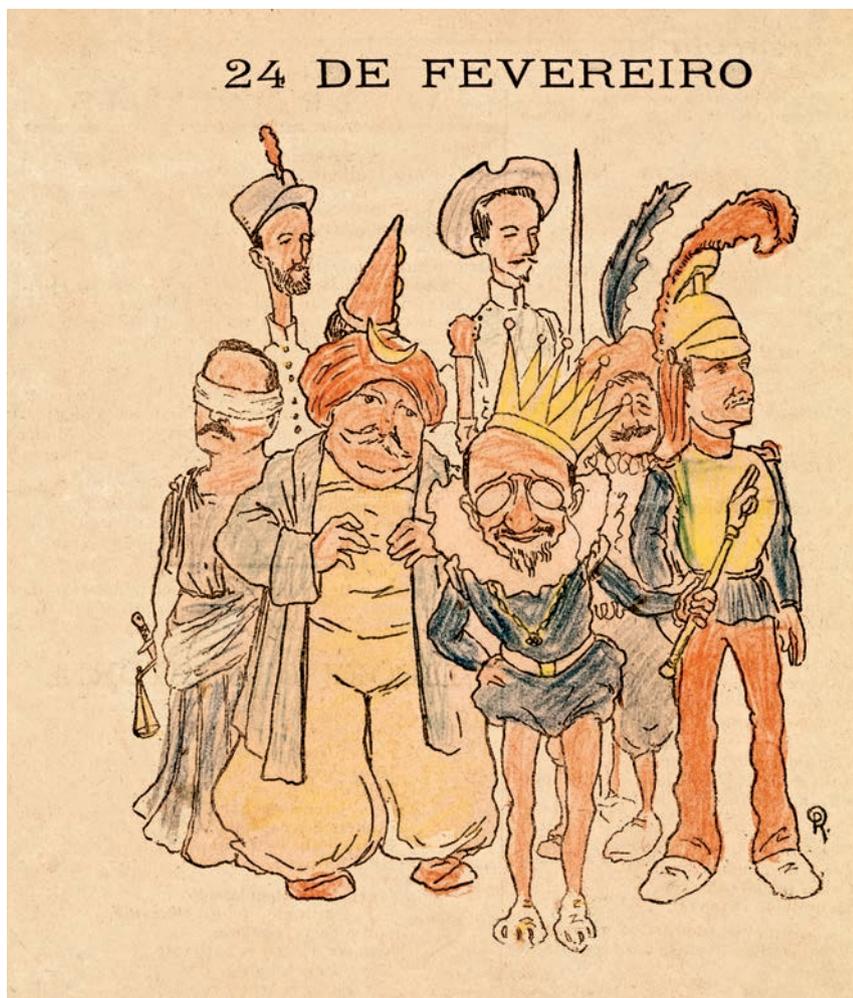


“O 1º de Dezembro – Ao grande brasileiro, a Patria, agradecida, presta as homenagens que lhe são devidas, pela victoria do Amapá.”

Sem assinatura | "O 1º de dezembro"

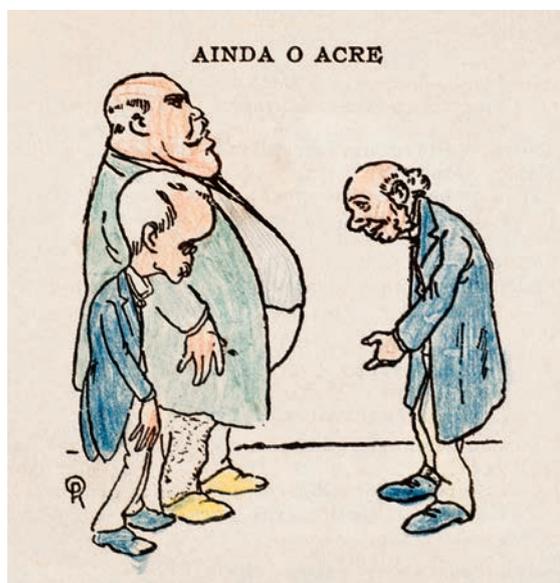
Jornal do Brasil, 5/12/1909

Ainda em relação aos arquivos pessoais, Luciana Heymann adverte que é importante lembrar que a configuração final destes pode ter sido resultado tanto do esforço do titular quanto de um secretário e que jamais estamos seguros sobre o que foi guardado originalmente, o que foi destruído ou se perdeu. Ao menos quanto à coleção de caricaturas do Barão temos, em boa parte delas, a impressão de sua marca. As imagens a seguir foram coloridas pelo lápis de trabalho de Rio Branco.



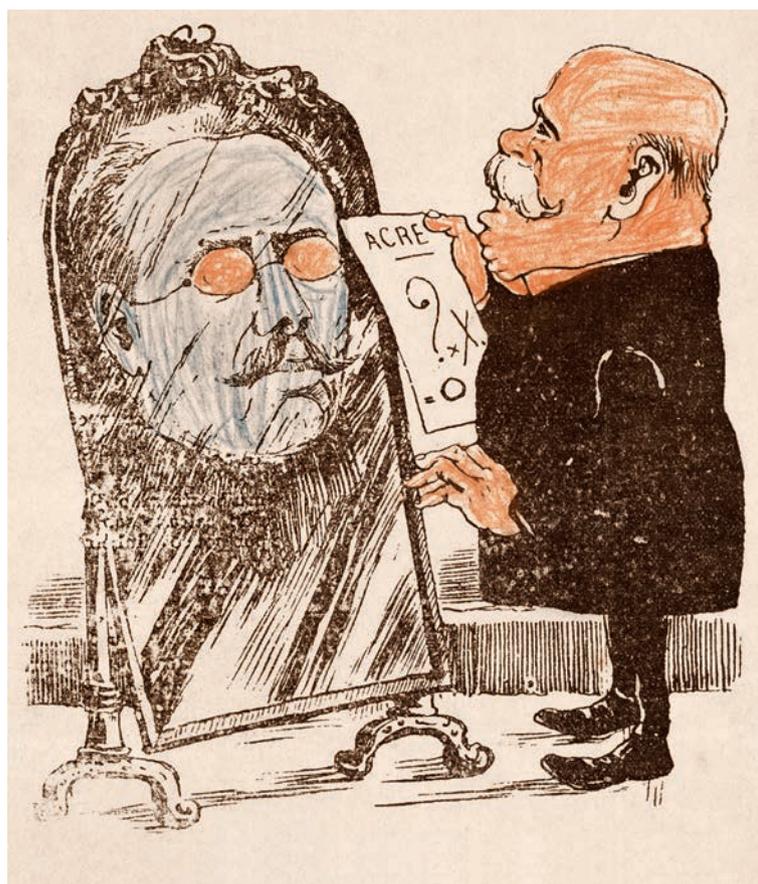
“Como deveria ser feita a recepção no palácio, na data da constituição. Seria perto... n’uma terça-feira gorda...”

Raul | “24 de fevereiro”
Tagarela, 24/2/1903



"- Você, Cabo Frio, si apanhasse essa trapalhada do Acre quando moço...
- Envelhecia mais depressa..."

Raul | "Ainda o Acre" | *O Malho*, 22/8/1903



"Mirar-me neste espelho, nunca!
Não é lá muito polido..."

Sem assinatura | "A pendenga"
O Malho, 5/12/1903



“Isto é que é ministro! Ainda dizem que é ministro dos Estrangeiros... Ministro dos brasileiros é que ele é!”

Renato de Castro | Sem título
O Malho, 14/2/1903

A coleção de caricaturas

Entendemos a coleção de caricaturas do Barão do Rio Branco e assim a apresentamos, como uma narrativa de si. Não é à toa que determinados temas têm uma presença bem mais significativa na coleção do que outros. É o caso da Questão do Acre, que se destaca pela grande quantidade de peças. Era considerada pelo Barão sua obra maior, como afirmou ao presidente Rodrigues Alves em sua exposição de motivos:

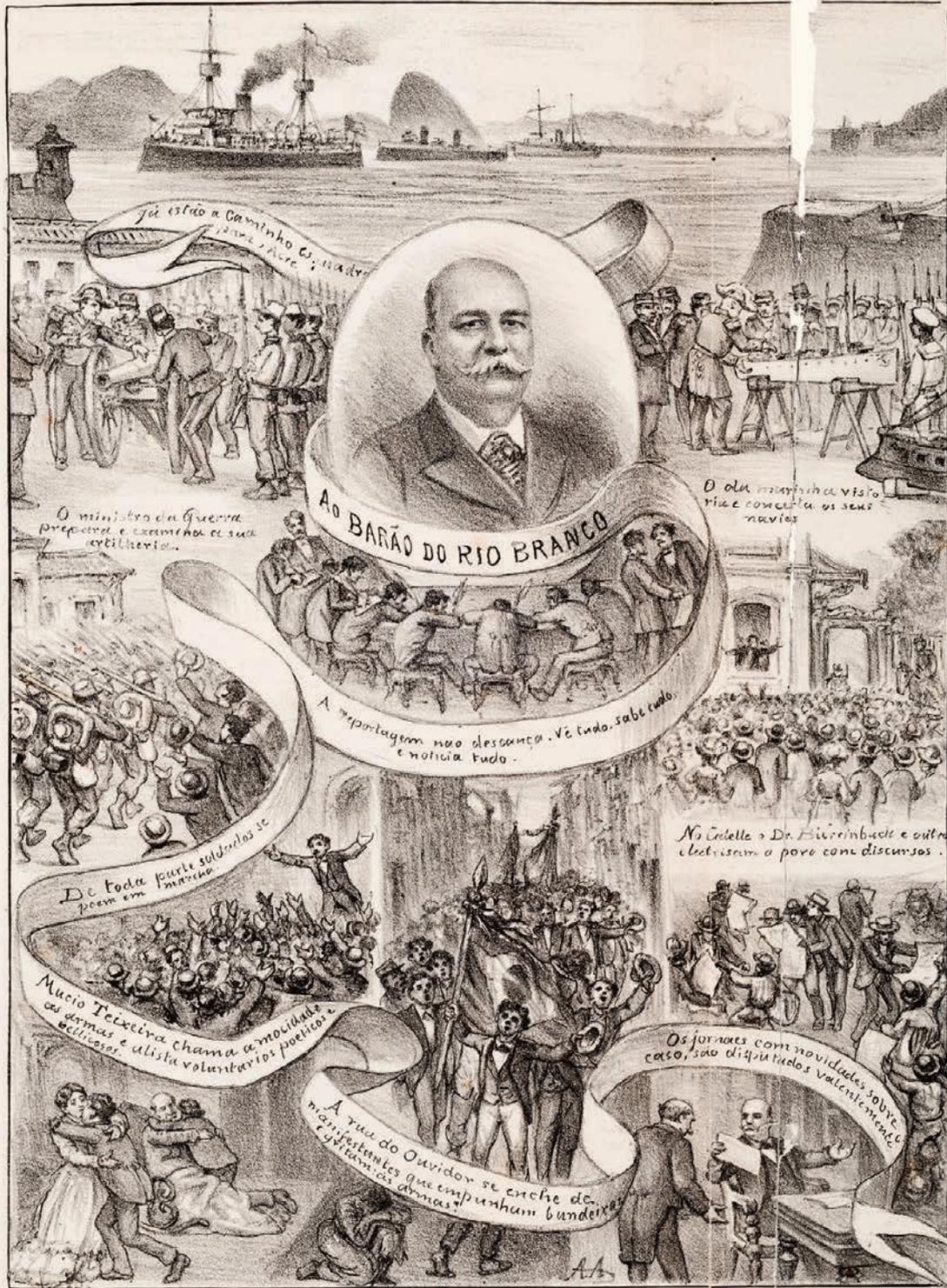
“Com sinceridade, afaço a Vossa Excelência que para mim vale mais esta obra (...) do que as duas outras, julgadas com tanta bondade pelos nossos concidadãos” (Tratado de Petrópolis - Exposição de Motivos, 1903)

As caricaturas de Renato de Castro e Angelo Agostini, ambas de 14/2/1903, foram coletadas bem antes do bem-sucedido tratado e parecem prenunciar estas palavras.

“Ao Barão do Rio Branco”
“Já estão a caminho esquadras para o Acre.”;
“O da marinha vistoria e conserta os seus navios.”;
“A reportagem não descansa. Vê tudo, sabe tudo e noticia tudo.”;
“No Cattete, o dr. Bierrinback e outros electrizam o povo com discursos.”;
“De toda parte soldados se põem em marcha.”;
“Mucio Teixeira chama a mocidade as armas e alista voluntários poéticos e belicosos.”;
“A rua do Ouvidor se enche de manifestantes que empunham bandeiras e gritam as armas.”;
“Os jornais com novidades sobre o caso, são disputados valentemente.”
“Os patriotas despedem-se de sua família para ir lutar pela honra nacional! Mas de repente, um telegrama da Bolívia, declara aceitar as últimas propostas do barão do Rio Branco. Vitória para o barão e para todos nós.”

Angelo Agostini | “O Barão do Rio Branco e o Acre” | *Don Quixote*, 14/2/1903

O luto de Rio Branco e o Acre.



Os patriotas despedem-se de suas famílias para ir lutar pela honra nacional!

Mas de repente, um telegramma da Bolivia, declara aceitar as ultimas propostas do barão do Rio Branco. Victoria para o barão e jura todos nós

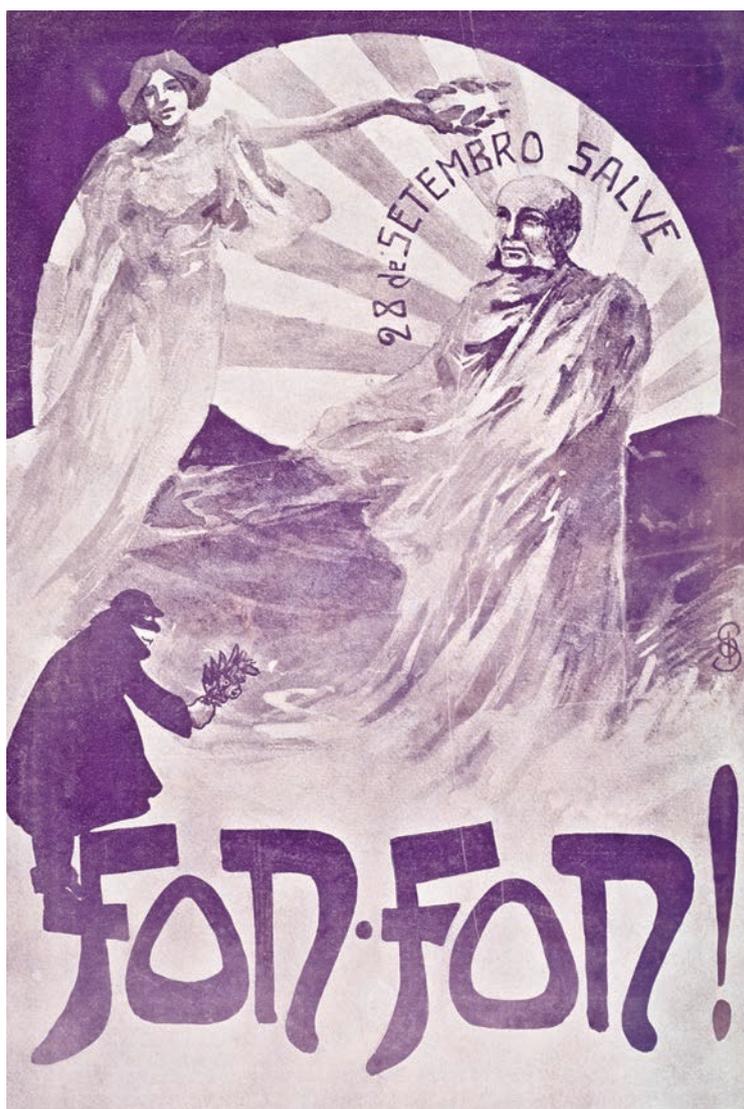
É também extremamente significativa a ausência de caricaturas sobre a Conferência da Haia⁸. Tema de suma importância para a política externa brasileira e na qual o Barão teve atuação decisiva, mas da qual sai glorificada outra figura, a de Rui Barbosa, celebrizado como a Águia de Haia. A conferência se realizou de 15 de julho a 18 de outubro de 1907, e foi assunto corrente na imprensa ilustrada. Mas, com exceção de algumas *charges* sobre a questão de fronteiras com o Peru, que o atormentava neste momento, o Barão só guardou uma significativa caricatura, publicada em *A Gazeta*, São Paulo. A ilustração traduz a homenagem que lhe fez o governo do Estado de São Paulo e a direção da Faculdade de Direito: Rio Branco é aclamado por uma multidão como um herói da pátria, seus feitos são nomeados em coroas de louros, dentre eles Haia, e a representação desta cena se dá sob a égide da figura de seu pai, o visconde do Rio Branco.



Sem assinatura | "À Rio Branco a Pátria" | *A Gazeta*, 4/10/1907

⁸ A única caricatura na coleção que faz referência explícita à Conferência da Haia data de janeiro de 1909, portanto de ano e meio após o evento e satiriza Rui Barbosa. Ver esta caricatura mais adiante. Por outro lado, vale lembrar que os volumes de recortes do ano de 1907 não trazem caricaturas até novembro.

A memória de seu pai, como homem político e esteio moral, acompanhou José Maria da Silva Paranhos Júnior por toda sua trajetória. O reconhecimento que tinha pelo Visconde era sabido e admirado por todos, tantas vezes o fizera publicamente. O Barão aparece, reverenciando a figura paterna, depois de uma vida igualmente coroada de glórias, nesta homenagem que lhe fazem em comemoração à Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871, graças à atuação do visconde do Rio Branco.



O.I.S. (Raul) | "28 de setembro salve"
Fon-Fon!, 28/9/1908

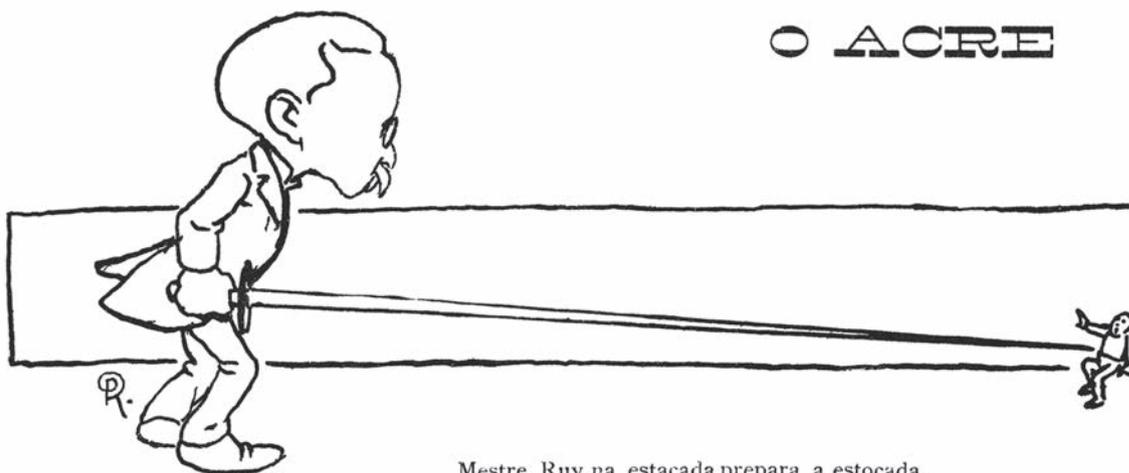


“Rodela de primeira ordem foi o resultado da conferência de Haya, fazendo com que mestre Ruy visse perdido o seu latim diante da attitude amistosa de muitos países.”

Raul | “Rodelas do anno passado”
A Notícia, 3/01/1909

Vale registrar a presença de diversas caricaturas referentes a Rui Barbosa na coleção. Apesar da admiração mútua entre este e Rio Branco, suas relações foram marcadas por dissidências. Rui renunciou ao cargo de plenipotenciário negociador na Questão do Acre, opondo-se às teses do Barão, e este deu apoio à candidatura de Hermes da Fonseca à presidência da República, opondo-se à candidatura civilista. O Barão reconhecia a argúcia intelectual e verbal do senador, tanto que o convidou a representar o Brasil na Conferência da Haia, mesmo depois dos ataques que este lhe infligiu por suas negociações com a Bolívia. E, por outro lado, Rui, antes de lançar-se candidato à presidência da República, em 1909, defende, na imprensa, a candidatura de Rio Branco, que a recusa e acaba por apoiar seu opositor, o marechal Hermes. No entanto, as diferenças entre ambos não impediram que, juntos, atuassem com brilhantismo na primeira vez que o Brasil participava da Conferência da Paz da Haia⁹. A partir deste episódio, o país adquiriu grande respeitabilidade na política internacional. Como bem lembrou Isabel Lustosa:

“O encontro dessas duas importantes figuras da cena política e intelectual brasileira foi festejado nas páginas da imprensa e saudado pelo povo das ruas, em manifestações espontâneas de orgulho e afeto. Foi certamente o momento de maior popularidade da diplomacia brasileira”. (in: TEIXEIRA, 2007:9)



Mestre Ruy na estacada prepara a estocada...

Raul | "O Acre" | *Tagarela*, 9/1/1904

⁹O Brasil fora convidado a participar da I Conferência de Paz da Haia, em 1899, mas declinou fazer-se representar.



Alfredo Cândido | "Bibliotheca Nacional" | *A Larva*, 18/9/1903

Os caricaturistas

Rio Branco mereceu, como observa Herman Lima¹⁰, a atenção de todos os grandes nomes da imprensa ilustrada. Não apenas sua projeção política e carisma, mas seu físico avantajado e a imponência de sua figura favoreceram esta situação. Recebeu, igualmente, tanto elogios quanto críticas agressivas à sua atuação na diplomacia. As sátiras mais ferinas partiram de K. Lixto e do português Alfredo Cândido, ilustrador de *A Larva*.



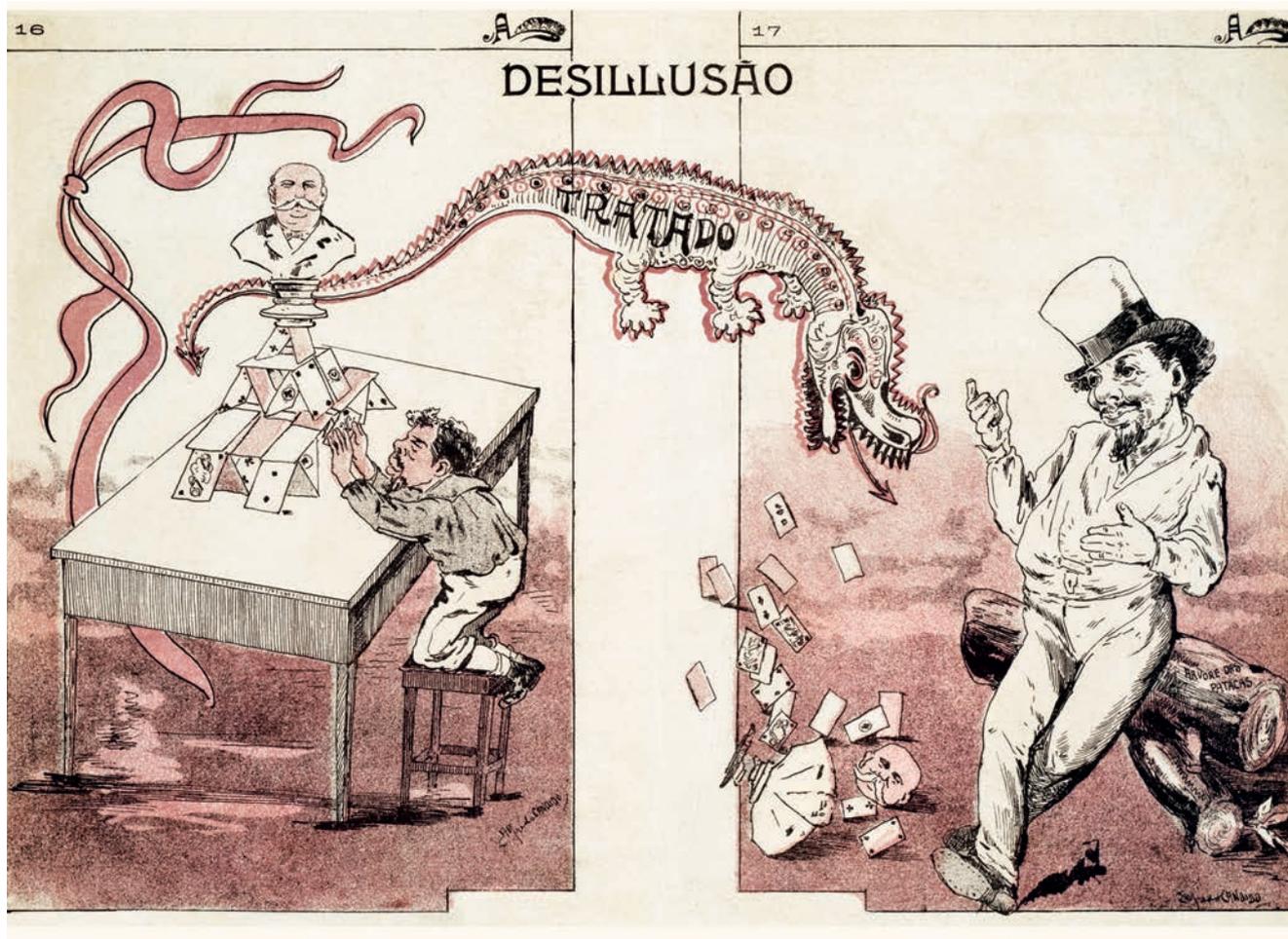
“(O Barão monologando):

- Vinte mil contos, um pedaço de território, uma estrada de ferro, um porto a custa do Zé-povinho. Vamos ver si as bichas pegam... Ora si pegam?! Não fosse eu um idolo para estes papalvos!...”

K. Lixto | “Pegarão?”

Correio da Manhã, 27/10/1903

¹⁰ Ver capítulo “Rio Branco e a caricatura”, em Herman Lima, *História da Caricatura no Brasil*, pp. 293-307.



“Os castellos que erguia o pensamento...”

Alfredo Cândido | "Desilusão" | *A Larva*, 25/10/1903

Mas, o tema preferido dos caricaturistas era a vaidade do Barão, que foi explorada por quase todos.



“Prestigio feito de vento e que se desmancha no ar.”

Leonidas | “O primeiro dos patriotas”
Correio da Manhã, 27/8/1904



“Está verificada a razão por que o cometa não embarfustou pelos domínios da Terra: - tinha firmado um tratado de limites, graças à nossa chancellaria.”

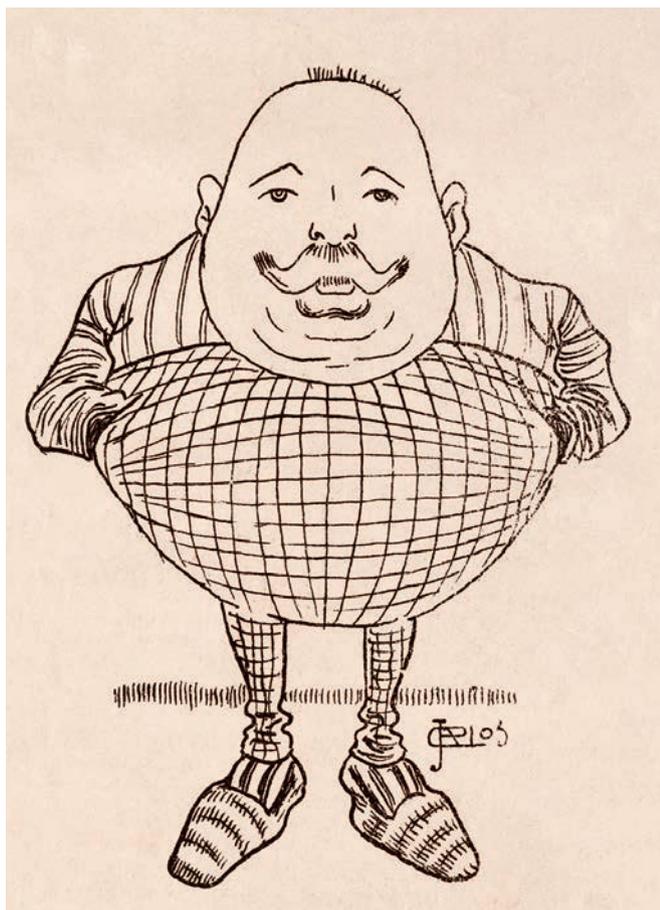
Raul | “Um Furo de Reportagem”
Jornal do Brasil, 25/5/1910



“B. R. B. - Confesse, minha sra., que v. ex. tem sido injusta para commigo.
 R. - Nem tanto, caro barão, depois d’amanhã completo 13 annos e o sr. 60.
 B. R. B. - Mas eu ainda fiz mais que a mocidade republicana.”



D.C. | "O cabo pavão"
Sem identificação de periódico, 1903



"- Dizem que estou muito inchado com o tratado... Engano, eu sempre fui assim... gorducho."

J. Carlos | "O Acre" | *Tagarela*, 14/1/1904

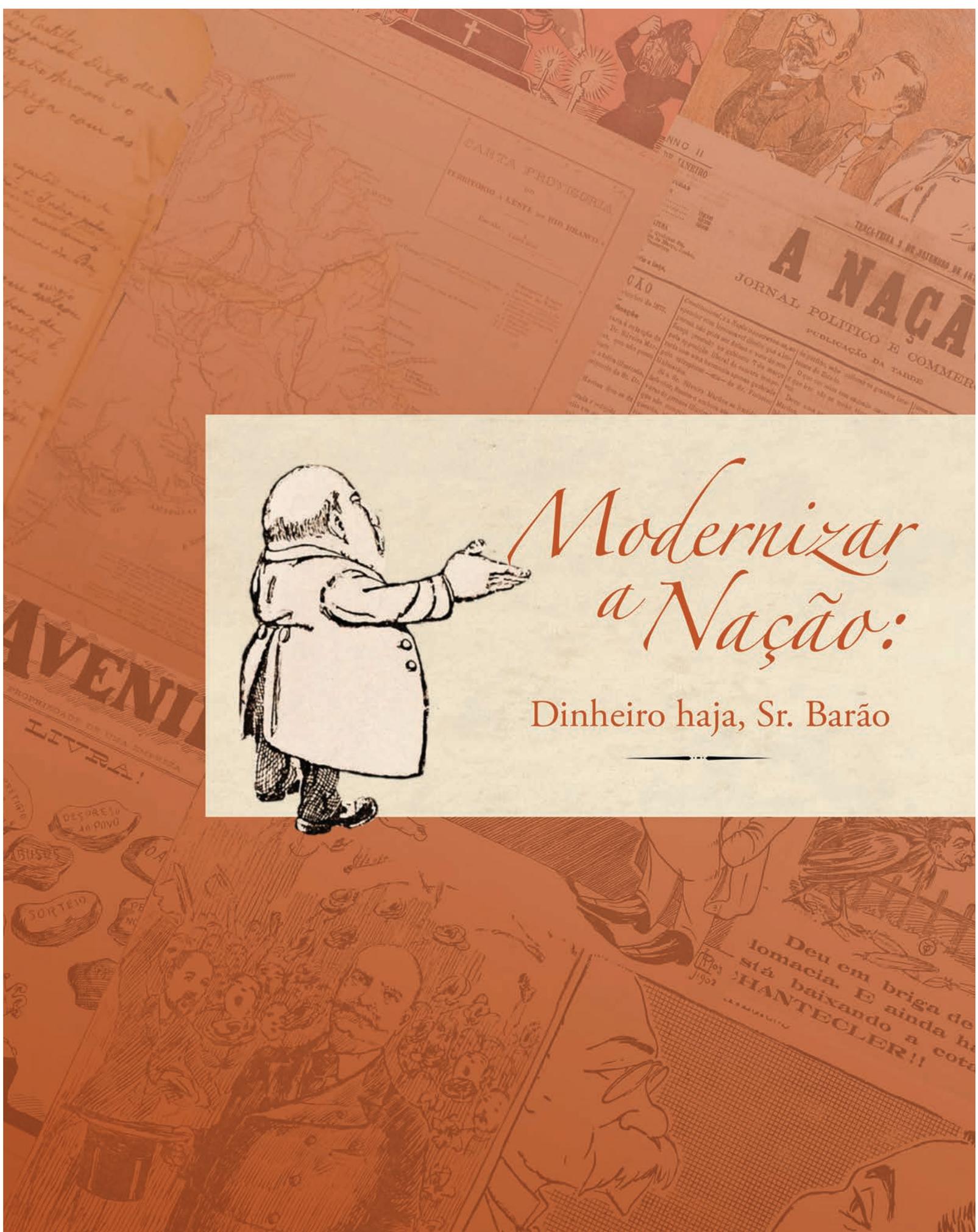


“Vae o barão seguindo a salerosa
Rapariga de plagas bolivianas
E vai-lhe a galantear coisas levianas :
São phrases amorosas, cor de rosa.”

L. F. | Sem título | *O Coiô*, 7/12/1903



Handwritten text in Portuguese, including phrases like 'Sou com a primeira esquadra...', 'de novo marechal...', and 'Vale de Atafay...'



Modernizar a Nação:

Dinheiro haja, Sr. Barão

A chegada

Ao desembarcar no Rio de Janeiro para assumir o Ministério das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco teve bem a dimensão do que o aguardava: festejos e homenagens, mas também grandes dificuldades a serem enfrentadas. Foi uma das “mais impressionantes manifestações de rua jamais testemunhadas pela Capital Federal” e “logo teve o prenúncio do que seria uma vida de notoriedade”, como observou Rubens Ricupero (in: FUNAG, 2002:68).

Entre todas as manifestações de apreço recebidas ao longo da vida, esta foi talvez a que mais emocionou Paranhos, como demonstrou no discurso que pronunciou na recepção que lhe fazem no Clube Naval:

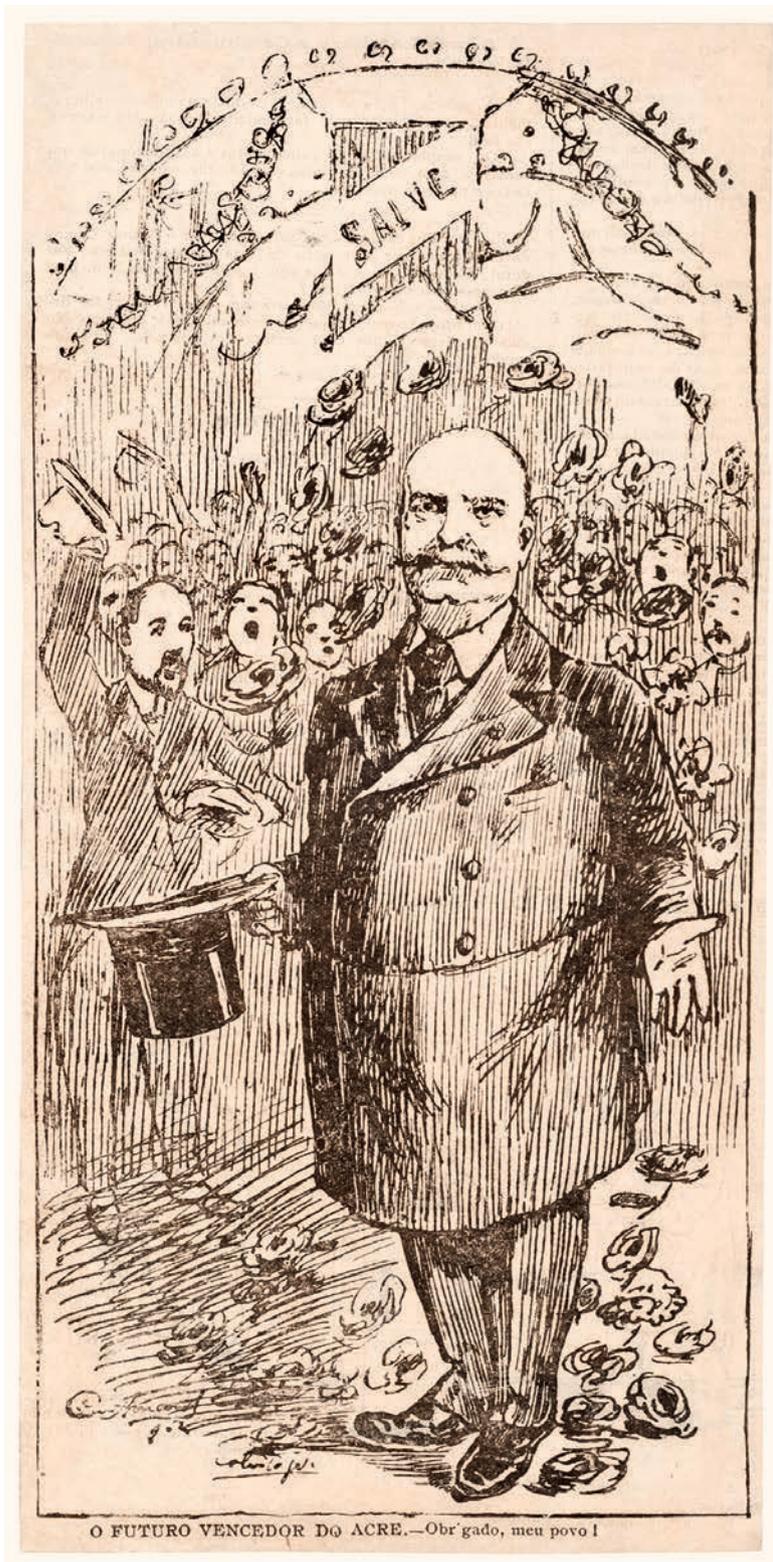
“Nenhuma gratidão me abalou mais do que esta que recebo dos poderes públicos, da nação a que me ufano de pertencer, do povo fluminense, da mocidade das escolas (...) Obedeci ao seu apelo [do presidente Rodrigues Alves] como um soldado a quem o chefe mostra o caminho do dever. Não venho servir a um partido político, venho servir ao Brasil que tanto desejamos ver unido, íntegro e respeitado”. (Discurso no Clube Naval, dia 1º de dezembro de 1902)



“A meus braços, Rio Branco!”

Rodrigues Alves | “Desenhos que nos vieram do Cattete” | Tagarela, 13/12/1902

Aclamado como o futuro vencedor do Acre, o Barão trazia na bagagem vitórias memoráveis, tais como a que obteve na Questão de Palmas contra a Argentina, em 1895, e a do Amapá contra a França, em 1900. Esta última “assumiu proporções verdadeiramente heroicas no imaginário brasileiro”, por tratar-se de um embate difícil e quase impossível de lograr êxito. A França, na época, era uma grande potência e possuía uma diplomacia forte. Mas, como em todas as questões diplomáticas com as quais se defrontou, o Barão preparou uma memória bem documentada, fundamentada por mapas e tratados, e, com a sólida argumentação que marcou seu estilo, saiu vitorioso (CORRÊA, 2012: 273).



“Obrigado, meu povo!”

Crispim do Amaral | “O Futuro vencedor do Acre”
O Malho, 6/12/1902



"Primeira espiga."

Raul | "A chegada"
Tagarela, 6/12/1902



Bambino | "O calor"
Jornal do Brasil, 23/12/1902

Muitos motivos pesaram na decisão de Rio Branco em vir para o Brasil. Relatou em aceitar o convite para o Ministério das Relações Exteriores porque acabara de assumir a Legação em Berlim (1901-1902), tinha horror ao calor e às epidemias que grassavam na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, considerava mal conduzida a política diplomática brasileira em relação a Questão do Acre (in: FUNAG, 2002:67). Mas será este o apelo mais forte que o fará aceitar o ministério.



Veraneando em Petrópolis

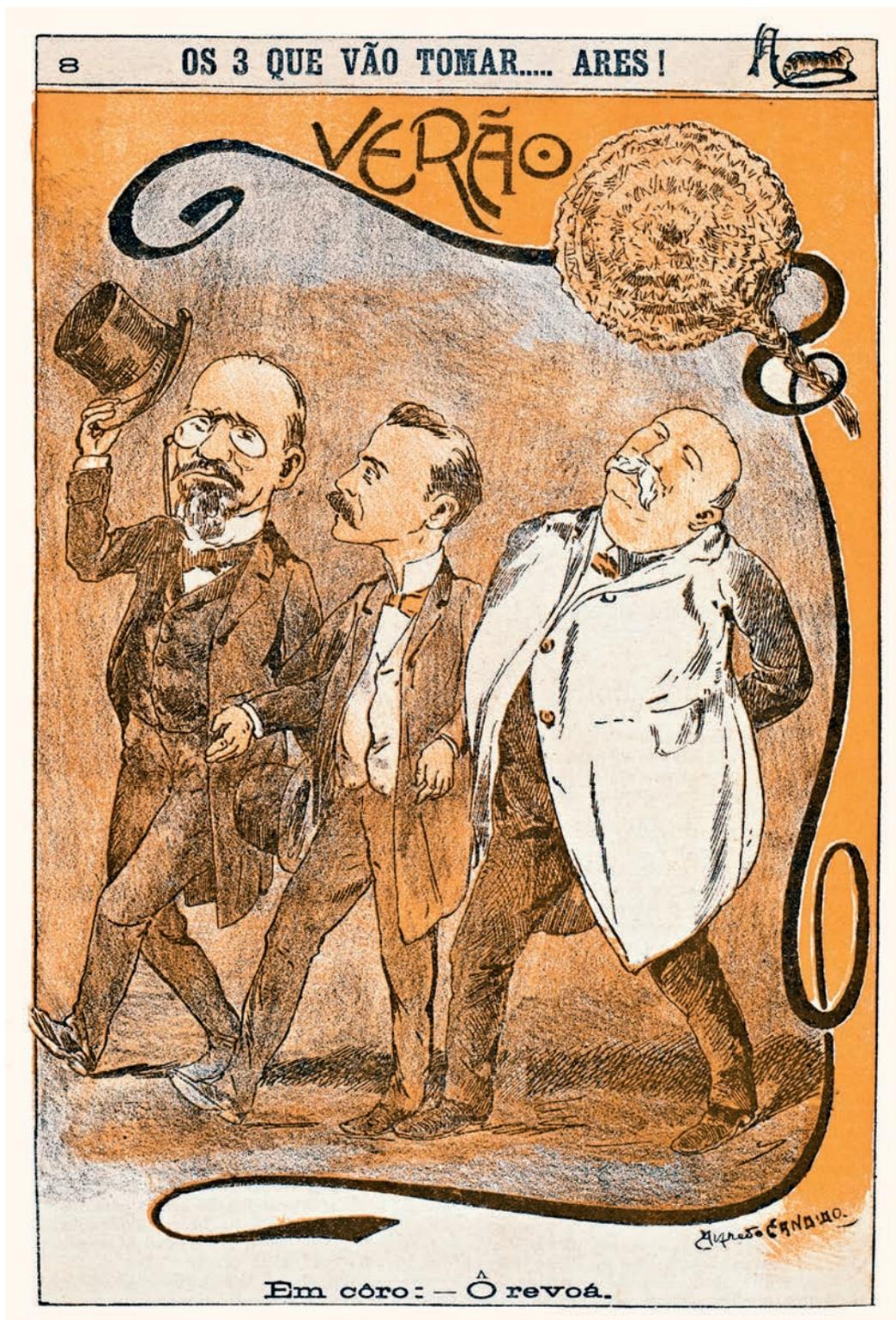
No mesmo dia de sua chegada, sobe para Petrópolis, onde se refugia por temor à febre amarela, como tantos outros membros da elite que durante o verão para lá acorriam. Sua residência no bairro Westfália vai se tornar local de encontros e negociações diplomáticas, entre eles da assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903.



Alfredo Cândido
"Comediografia da semana"
O Mafarrico, 14/2/1903

"Em côro: - Ô revoá."¹

Alfredo Cândido
"Os 3 que vão tomar... Ares!" | *A Larva*, 9/10/1903



8

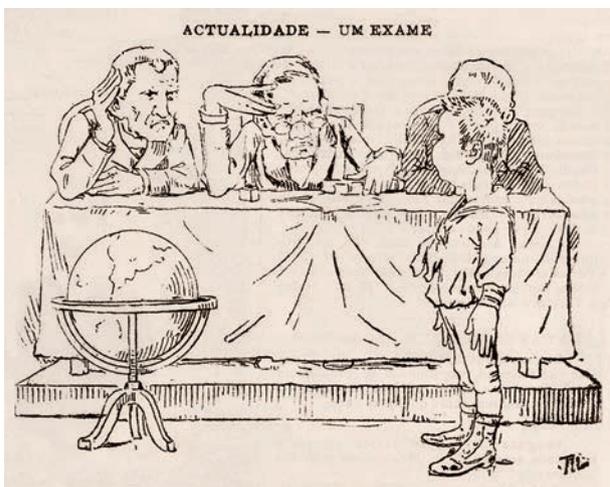
OS 3 QUE VÃO TOMAR..... ARES!

A

VERÃO

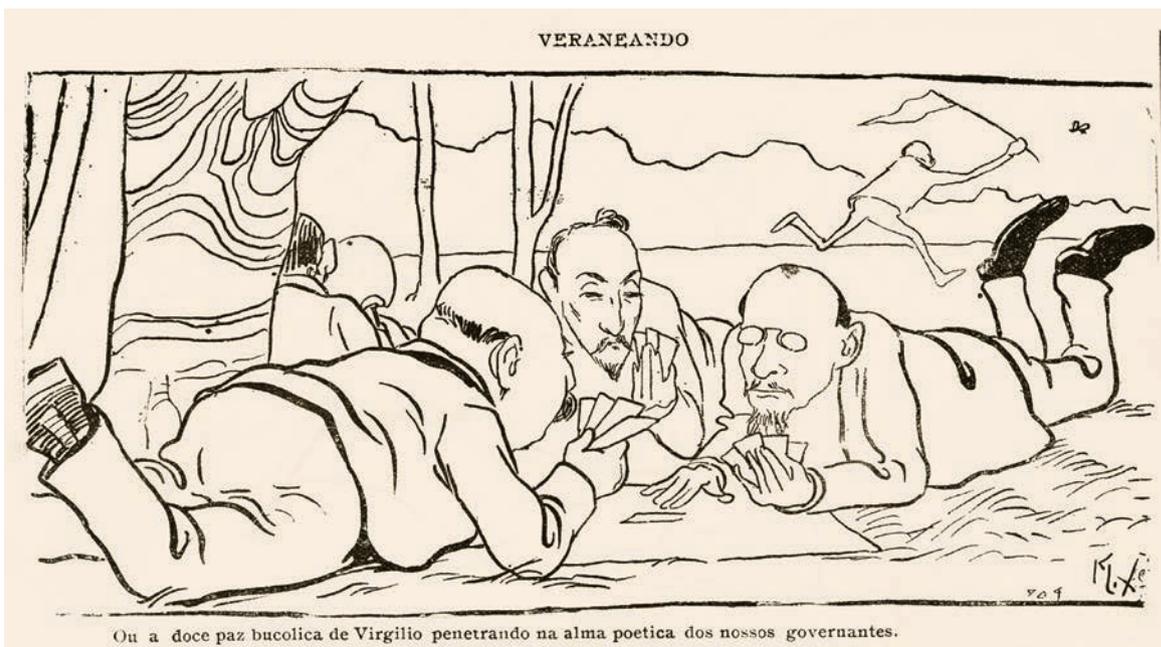
Alfredo CHAVES

Em côro: - Ô revoá.



“Examinador: - Diga, menino: em que parte do territorio nacional está situado o rio Branco?
Alumno: - Papai diz lá em casa que o Rio Branco ora está em Petropolis, ora na rua Larga de S. Joaquim...
- !!!”

Ilegível | “Actualidade - um exame”
O Malho, 4/6/1904



K. Lixto | “Veraneando” | *O Malho*, 27/2/1904



Alfredo Cândido | "Verão" | *A Larva*, 13/11/1903

A modernização da Capital Federal

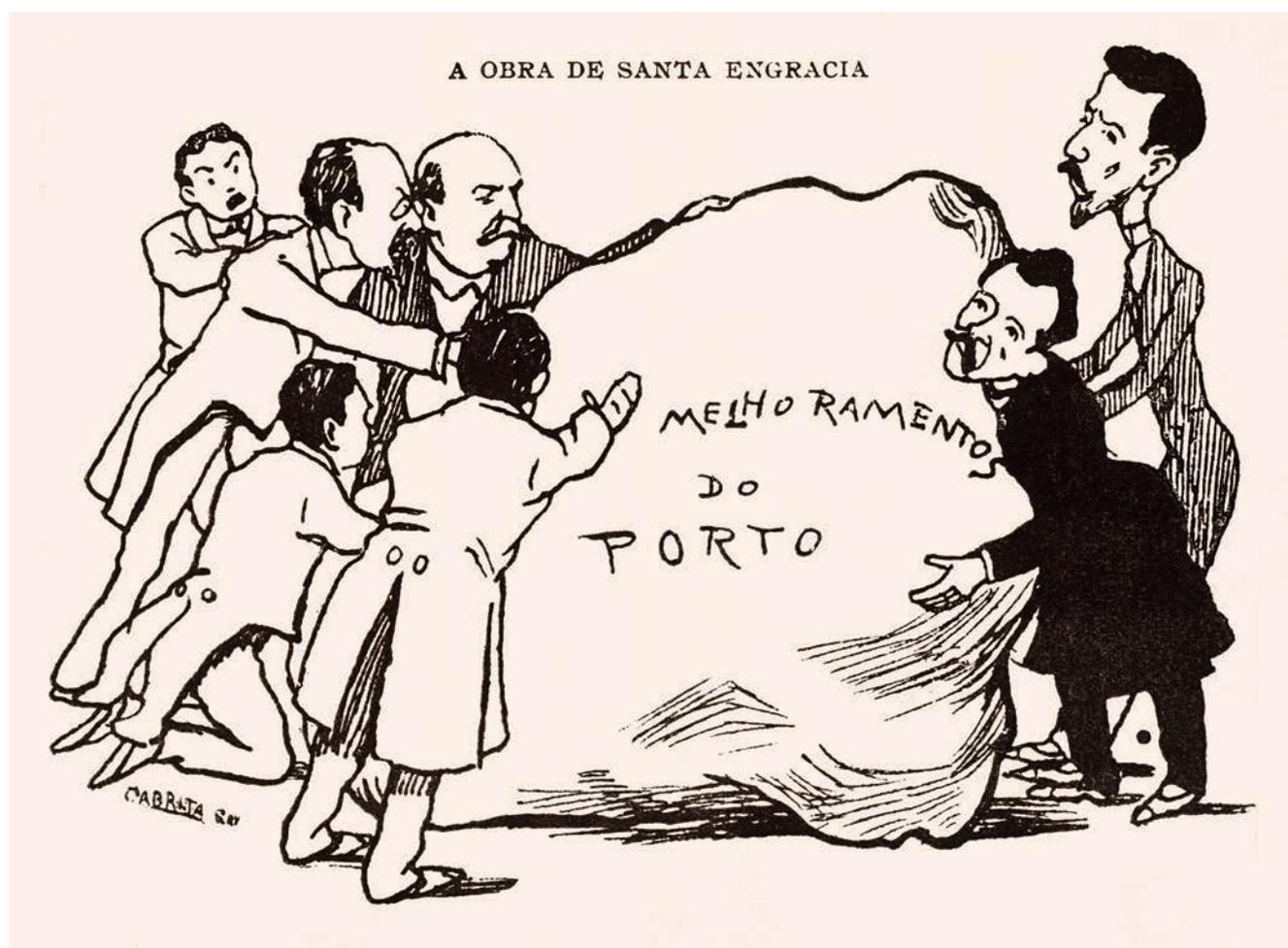
A febre amarela e outras doenças epidêmicas, como a peste bubônica e a varíola, alastravam-se periodicamente no Brasil, estorvando o desenvolvimento econômico trazido pelas exportações do café e da borracha, esta a preços crescentes. A propagação de agentes infecciosos, vetores que acarretariam epidemias, era ocasionado justamente pela intensa circulação entre os portos, com seu fluxo de embarcações e correntes migratórias decorrentes do aquecimento econômico. Somando-se a este quadro a insalubridade da Capital Federal, as mencionadas doenças epidêmicas dizimaram milhares, criando embarços internacionais para o Brasil. No governo de Rodrigues Alves, desempenharam papel fundamental na higiene e melhoramentos urbanos da capital: Oswaldo Cruz, com as campanhas de saneamento; Lauro Muller, responsável pelas obras de modernização do porto; Pereira Passos, prefeito da cidade, comandando o “Bota abaixo”¹; e na articulação de uma ação internacional de combate às doenças, o Barão do Rio Branco. Os quatro serão alvo constante de sátiras publicadas na imprensa e os preferidos dos caricaturistas.



“ Uf! Uma já eu descalcei! Falta a outra!...”

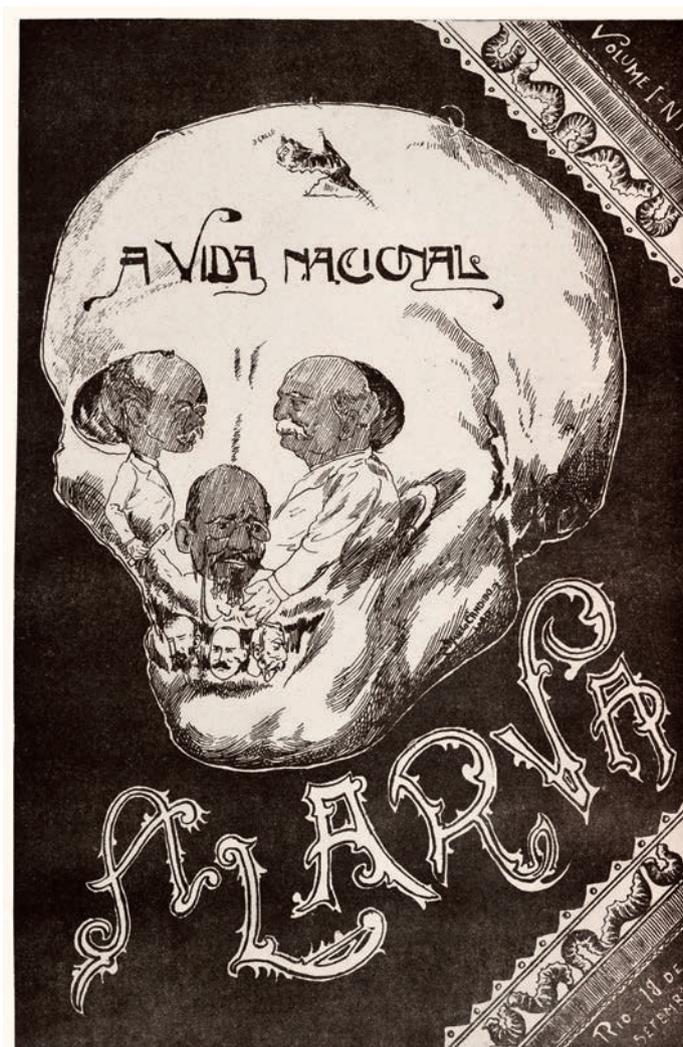
C. Miragi (Julião Machado) | “O calçado do antecessor”
Jornal do Brasil, 30/9/1903

¹ Ver sobre esse assunto Jaime L. Benchimol. *Pereira Passos: um Haussman tropical*.



"Por mais que remexam o bedengó não se mexe."

Cabrita Cry (K. Lixto) | "A obra de Santa Engrácia" | *O Malho*, 14/3/1903



Alfredo Cândido | "A vida nacional"
A Larva, 18/9/1903



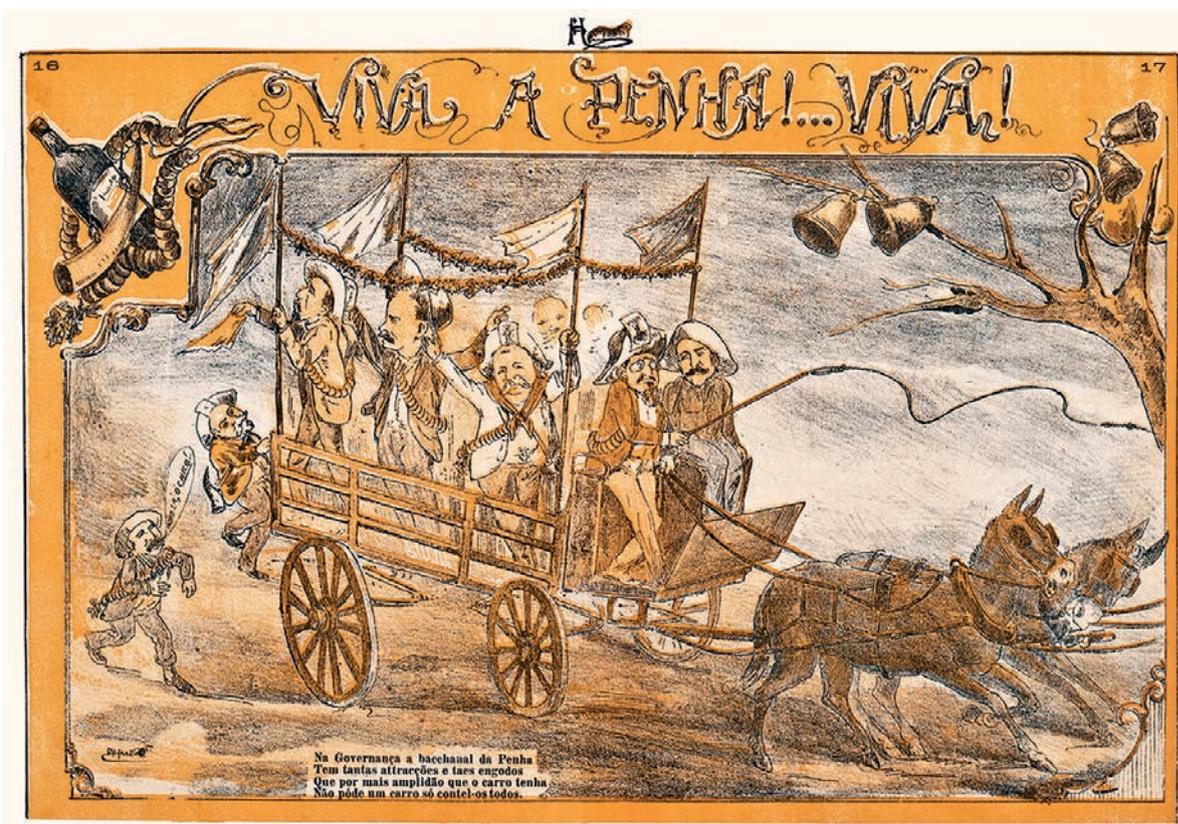
“- Bem dizem que o rabinho é
 o mais difícil de esfolar...”

K. Lixto | "A esfola" | *O Malho*, 15/11/1903



"Passos. - Aperta, Lauro! que o pobre diabo ainda tem sangue!
Lauro. - Aperta, Barão! Força!
Barão. - Isso faço eu; mas este mosquito da hygiene...amolla-me!
R. Alves. - Não o enxotes! É o mais damnado para apertar...
Côro. - Aperta! Ou deita o sangue todo ou morre logo de uma vez!

Falstaff | "A prensa maravilhosa" | *O Malho*, 6/8/1904



“Na Governança a bacchanal da Penha
Tem tantas atrações e taes engodos
Que por mais amplidão que o carro tenha
Não póde um carro só contel-os todos.”

Alfredo Cândido | “Viva a Penha!... Viva!”
A Larva, 1903

O Barão incentivou a remodelação da capital, especialmente as obras do porto e o saneamento, que obstavam as transferências populacionais e de capitais para o Brasil. No campo da saúde, apoiou todas as medidas adotadas por Oswaldo Cruz em suas campanhas de combate às epidemias reinantes e que eram amplamente criticadas na imprensa. Como observou Paulo Buss, Rio Branco participou e estimulou a diplomacia da saúde: já em seu primeiro ano no Ministério das Relações Exteriores, em dezembro de 1902, ao final da I Conferência Sanitária Internacional das Repúblicas Americanas, é formada a primeira organização internacional de Saúde, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). E, “sob os auspícios do Barão, as repúblicas do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai firmam em 1904, no Rio de Janeiro, o compromisso de se informarem mutuamente sobre a ocorrência de doenças e de se ajudarem solidariamente para enfrentá-las” (BUSS, 2012:17).

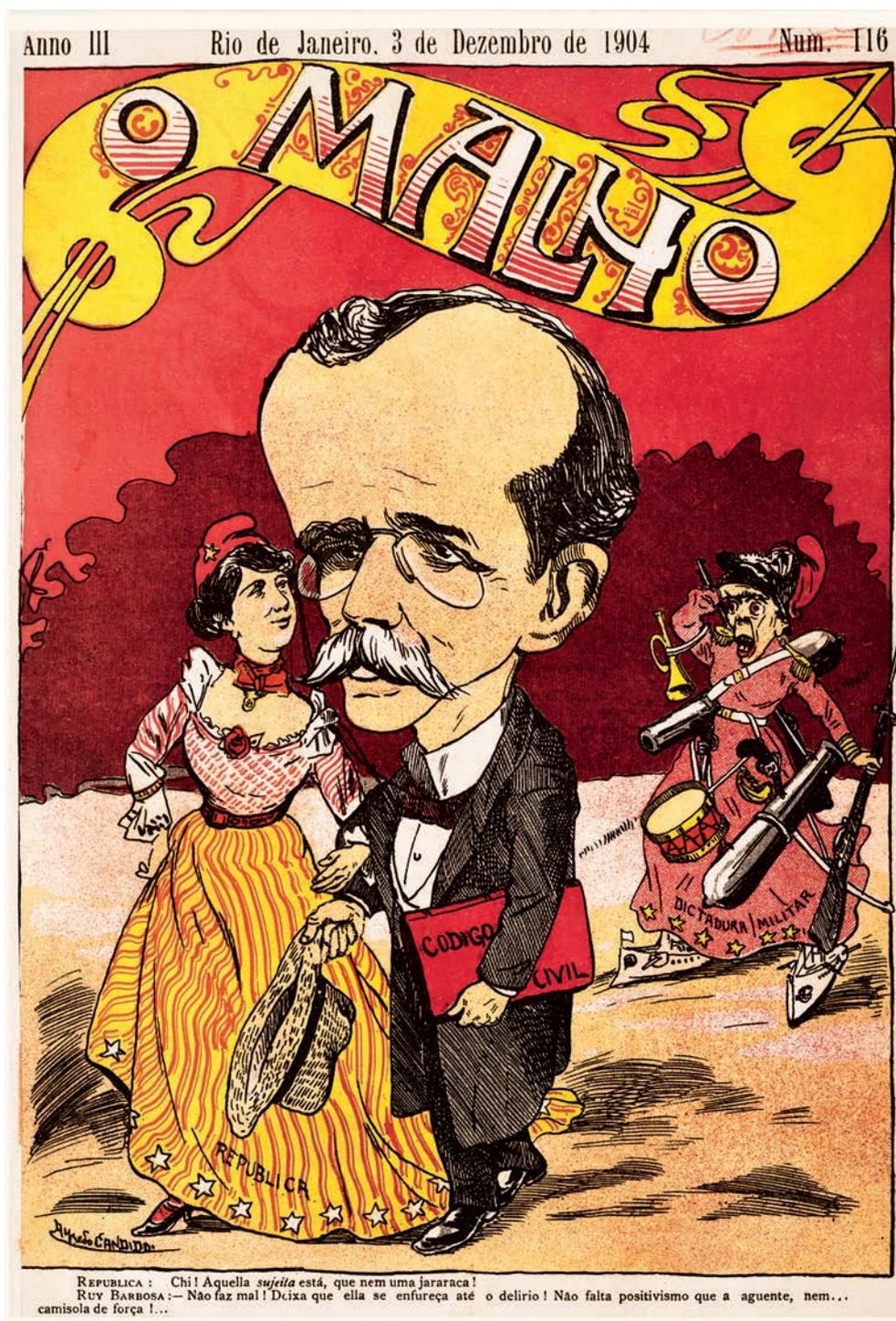
“Attitude do Zé Povo imaginada pelo Sr. Oswaldo Costas Quentes, perante as doçuras do seu regulamento allemão...
Attitude real do Zé Povo



- Ora faça favor de não brincar commigo!
Não quero saber de politiquice! Não tenho instigadores nem medo de caretas!”

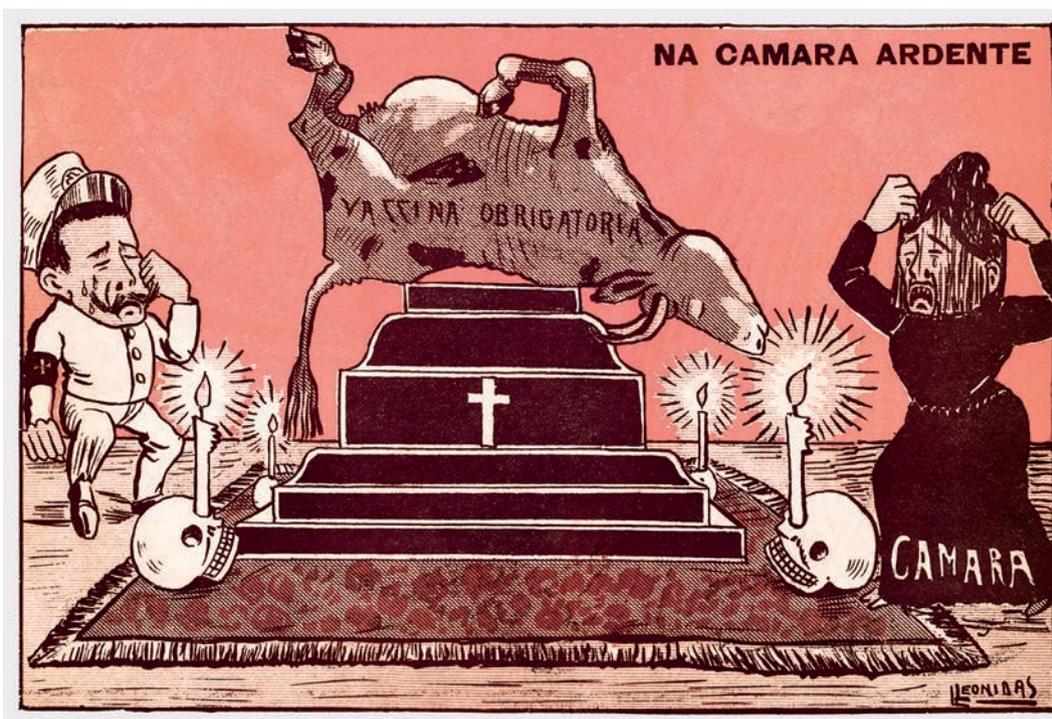
Dudú | “No terreno da vaccina obrigatoria”
O Malho, 19/11/1904





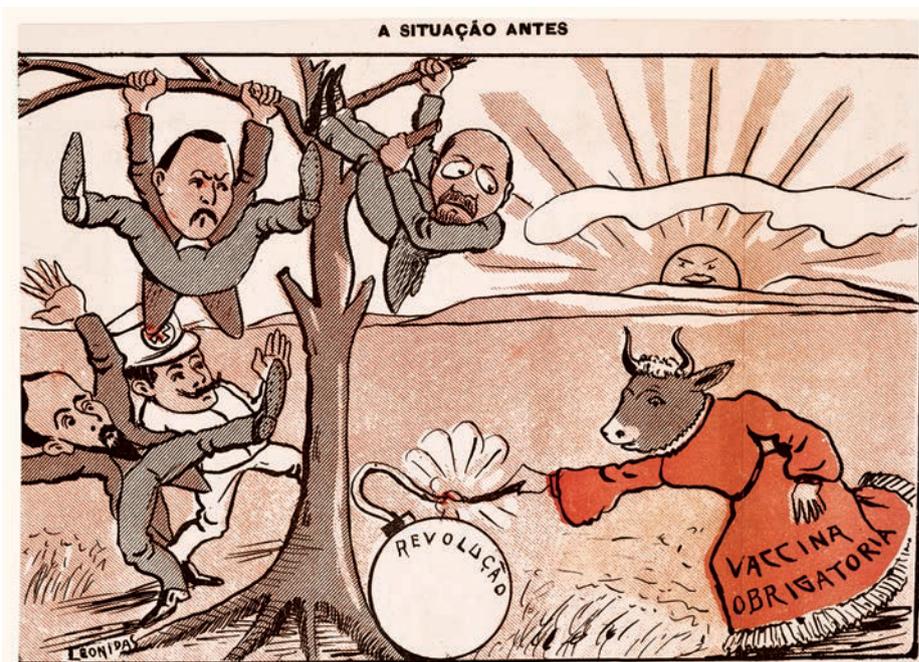
“Republica: Chi! Aquella sujeita está, que nem uma jararaca!
 Ruy Barbosa: - Não faz mal! Deixa que Ella se enfureça até o delírio!
 Não falta positivismo que a agente, nem... Camisola de força!...”

A vacinação antivariólica imposta por Oswaldo Cruz foi alvo de forte oposição e provocou reações violentas da população. No episódio conhecido como a Revolta da Vacina, em novembro de 1904, ocorreram motins pelas ruas do Rio de Janeiro e discursos inflamados de positivistas que se empenharam em combater a obrigatoriedade da vacina. Rui Barbosa, embora não se alinhasse aos positivistas, também combateu tenazmente a medida, e mais uma vez ele e o Barão se posicionaram em lados opostos.



“Oswaldo Cruz: - Tratantes! Mataram-me a vaquinha dos meus sonhos! Aam! aam!
Camara: - Coitadinha da minha filha! Tão bem criada e tão mal fadada! Aam! aam!

Leonidas | “Na camara ardente” | *O Malho*, 3/12/1904

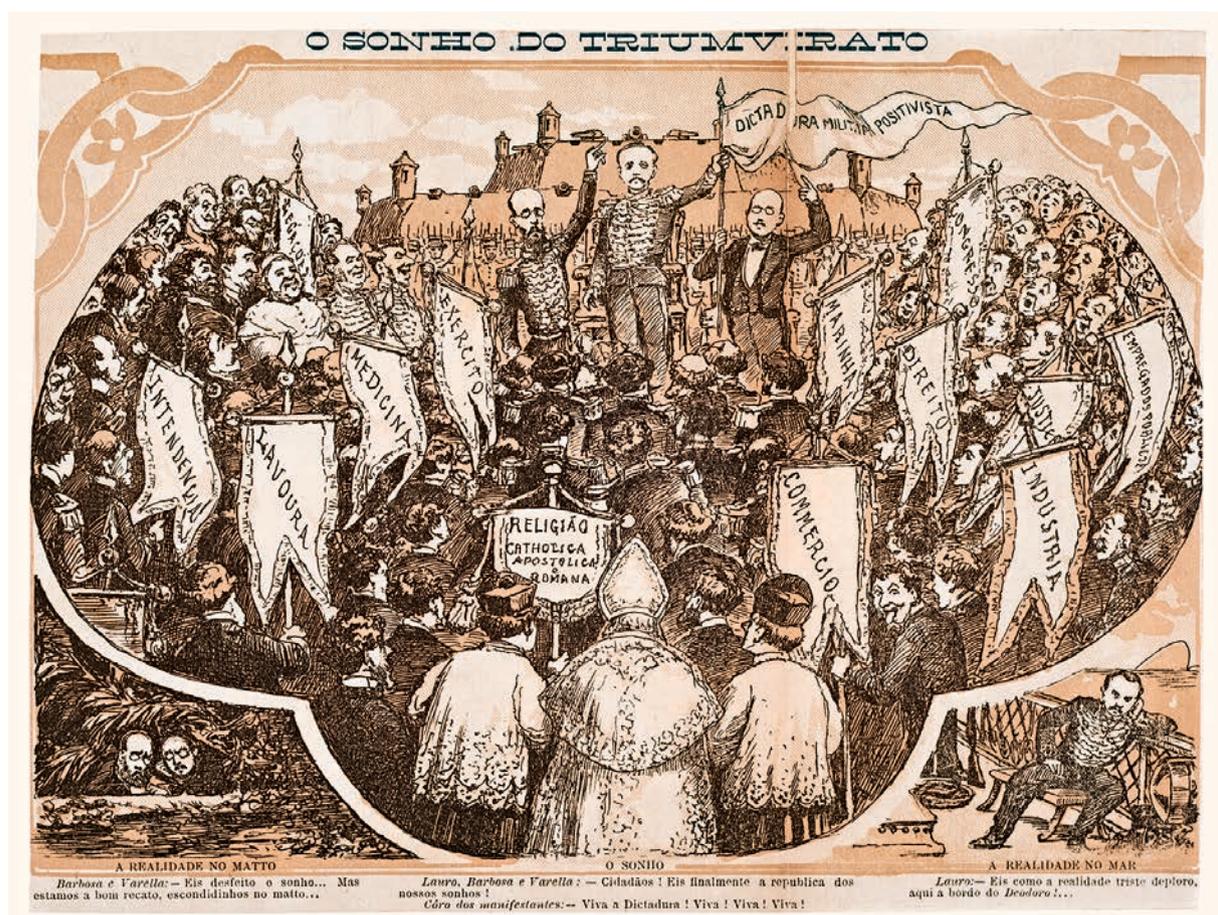


“Todos: - Livra! Que raio de vacca brava nos sahio a tal vacina obrigatória... Está damnada! Quer arrebentar tudo!



Os mesmos: - Olha quem Ella era!... Não ha nada como – mascarar abaixo! cartas na mesa! jogo franco! – Á unha!”

Leonidas | “A situação antes/A situação depois” | *O Malho*, 19/11/1904



“A REALIDADE NO MATTO

Barbosa e Varela: - Eis desfeito o sonho... Mas estamos a bom recato, escondidinhos no matto...

O SONHO

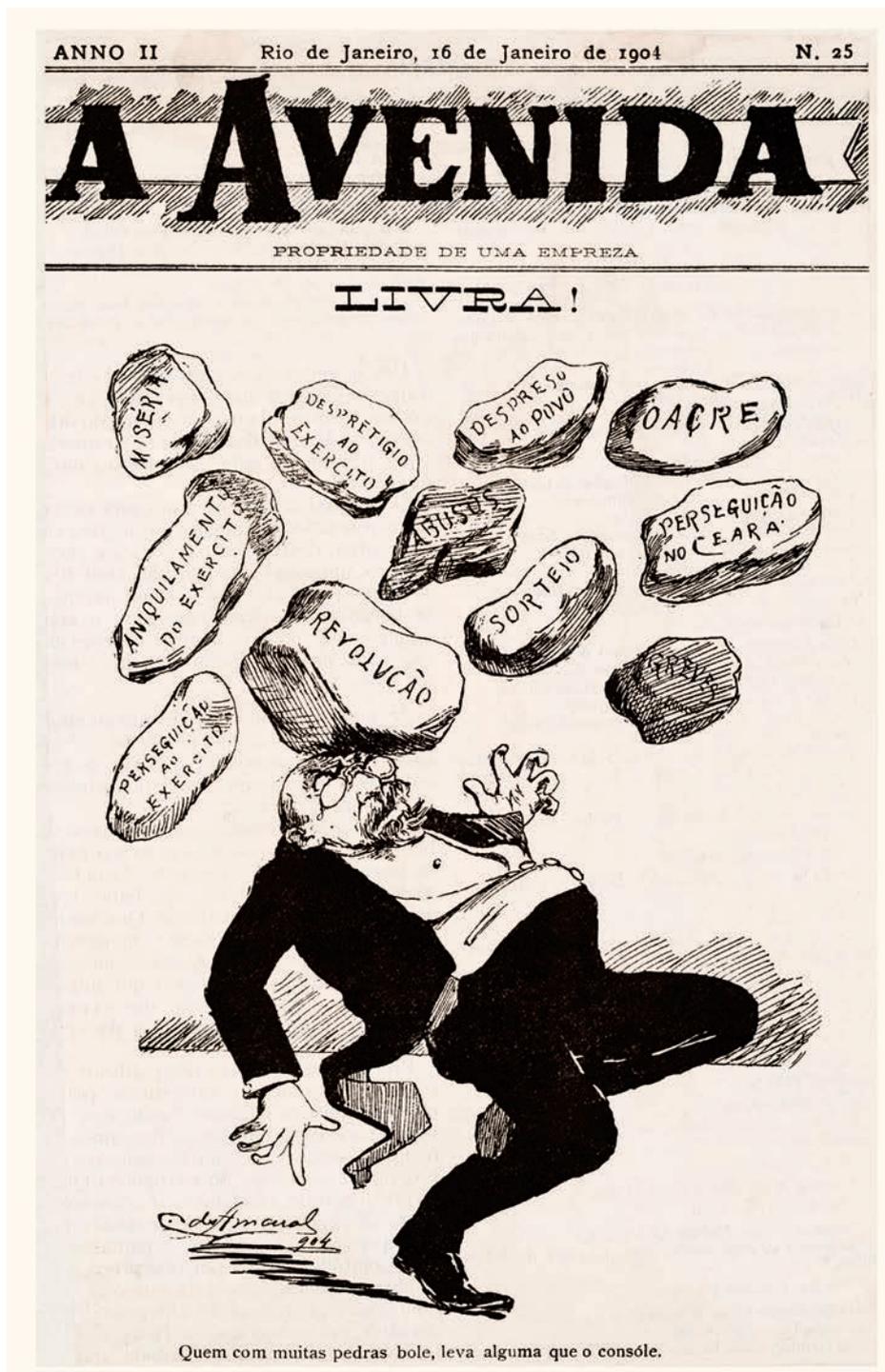
Lauro, Barbosa e Varela: - Cidadãos! Eis finalmente a republica dos nossos sonhos!

Côro dos manifestantes: - Viva a Dictadura! Viva! Viva! Viva!

A REALIDADE NO MAR

Lauro: - Eis como a realidade triste deploro, aqui a bordo do Deodoro!...”

Sem assinatura | “O sonho do triumvirato” | *O Malho*, 17/12/1904



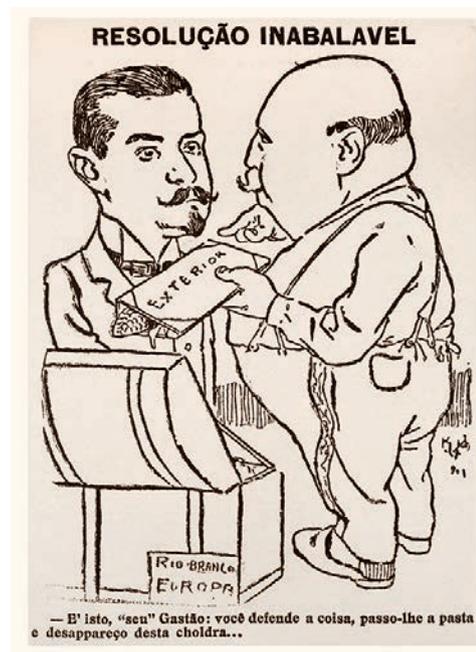
“Quem com muitas pedras bole, leva alguma que o console.”

Crispim do Amaral | "Livra!" | *A Avenida*, 16/1/1904



Vasco Lima | "Na prensa nacional"
A Avenida, 26/11/1904

O ano de 1904 talvez tenha sido o mais difícil do governo de Rodrigues Alves e no qual o Barão teve que enfrentar os maiores desafios na diplomacia e se viu envolvido em questões internas que pouco lhe diziam respeito diretamente. Alvo de críticas por todos os lados manteve-se, no entanto, inabalável no ministério.



“- É isto, ‘sen’ Gastão: você defende a coisa, passo-lhe a pasta e desapareço desta choldra...”

K. Lixto | "Resolução inabalável"
Jornal do Brasil, 4/1/1904



“Exemplo edificante do amor ao proximo ou em phrases benedictinas, a expulsão dos homens pobres do Mosteiro...”

Raul | “Amae-vos uns aos outros” | *Tagarela*, 28/5/1903

A revolta dos frades

Outro curioso episódio com violenta manifestação popular e que recebeu a atenção de Rio Branco foi a Questão Religiosa, como ficou conhecida. O Barão teve de interceder para conter os “ânimos” da população da capital e evitar um incidente diplomático. O caso ocorreu no Rio de Janeiro em 1903, após a Ordem Beneditina decretar a restauração da vida regular do mosteiro carioca. No entanto, o abade, Dom João das Mercês Ramos, apesar de único monge no mosteiro, se opôs fortemente a isto e contou com o apoio da população, gerando grande animosidade contra os monges europeus. Visando resolver a questão, o abade geral, Dom Domingos, foi nomeado abade do mosteiro e convocou o Capítulo Geral para maio de 1903. Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, os padres seculares foram recebidos com uma campanha difamatória nos jornais, comícios populares contra a presença deles e a recusa do abade de São Bento de recebê-los no mosteiro.

“É assim que elles entram no céu.”

Alfredo Cândido | “Para São Bento” | *A Larva*, 25/9/1903

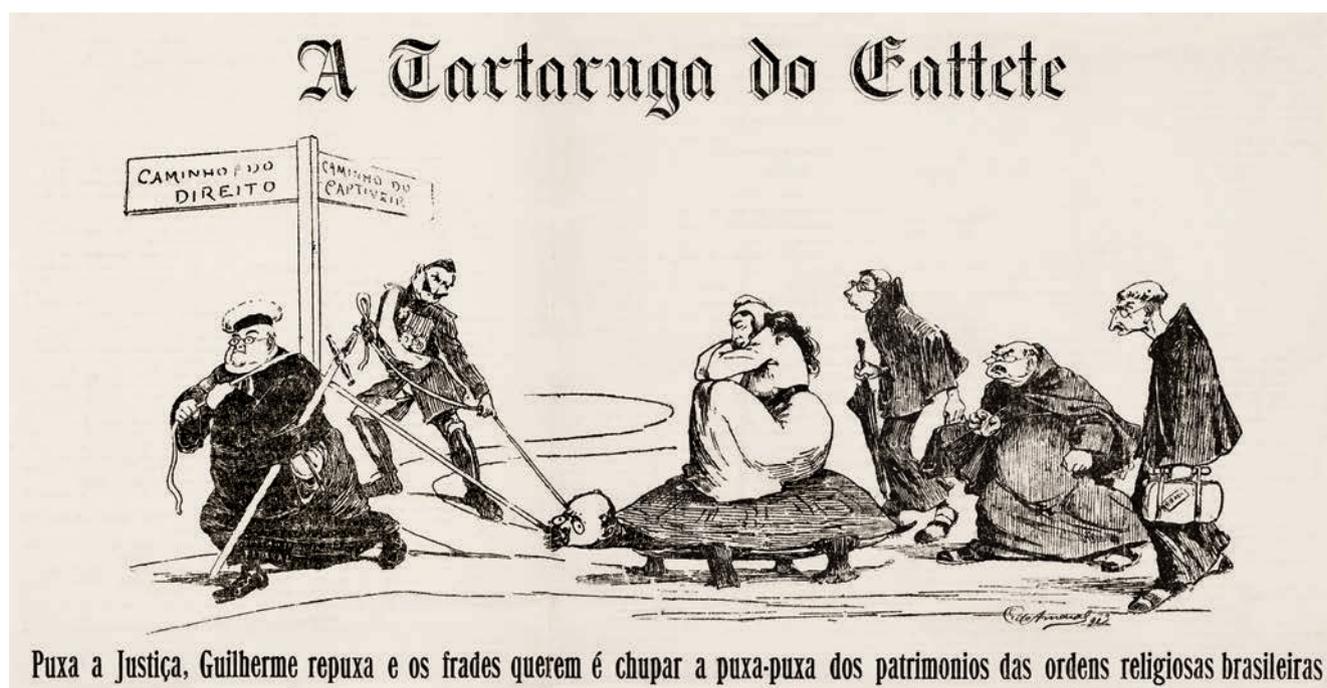


E assim que elles entram no céu.

O abade geral Dom Domingos recorreu à Justiça Federal para obter a posse do mosteiro e, acompanhado de forças policiais, o ocuparam. Pessoas ligadas ao velho abade, entretanto, realizaram violenta campanha com artigos na imprensa local. Após um comício inflamado de seus aliados, a população seguiu para o mosteiro aos gritos de “morrão os frades” para expulsá-los. Estes tiveram que sair às pressas e se refugiaram na casa do arcebispo Dom Joaquim Arcoverde, enquanto o mosteiro era invadido e ocupado por populares. Buscando a restauração da ordem, o mosteiro e seus arredores foram ocupados pelo Exército durante semanas, o que garantiu o retorno dos monges estrangeiros e a abertura do Capítulo Geral, que entre outras medidas, promoveu a restauração da observância monástica na Abadia. (LUNA, 1952: 224-225)

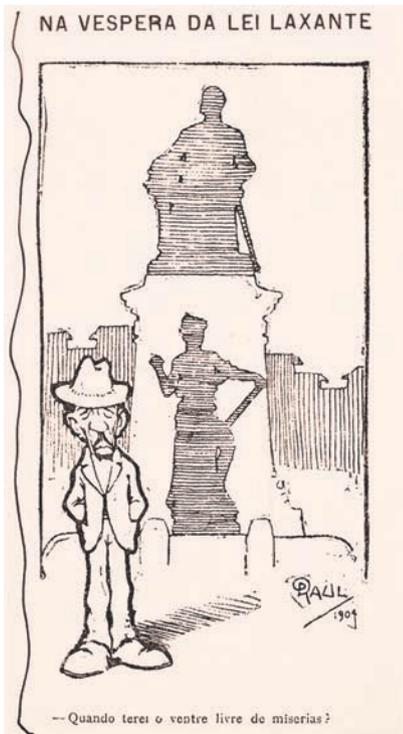


O.I.S. (Raul) | “Quem te viu e quem te vê, mestre Seabra” | *O Malho*, 23/5/1903



“Para a Justiça, Guilherme repuxa e os frades querem é chupar a puxa-puxa dos patrimônios das ordens religiosas brasileiras.”

Crispim do Amaral | “A tartaruga do Cattete” | *O Diário*, 3/6/1903



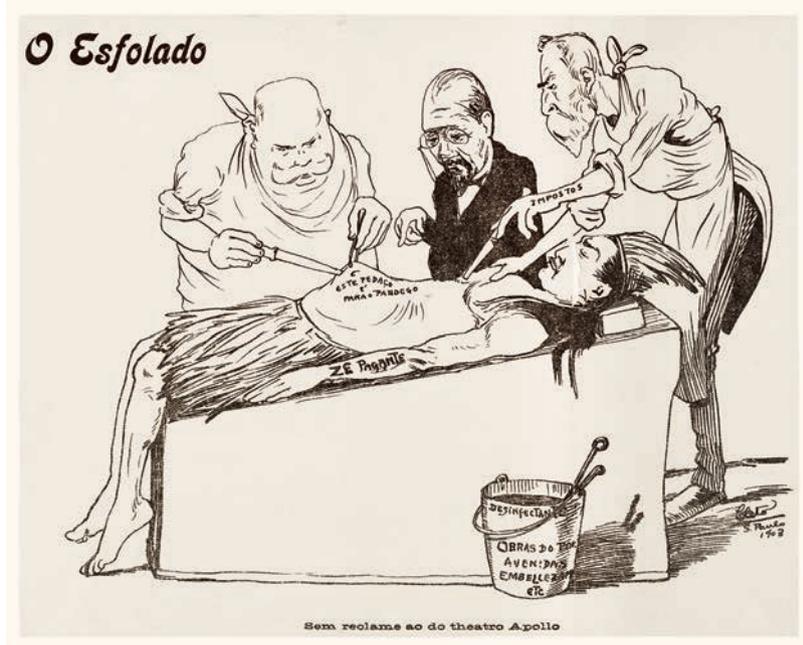
“Quando terei o ventre livre de misérias?”

Raul

“Na véspera da Lei Laxante”
Sem identificação do periódico, 1904

Zé Povo paga o pato

Todas estas questões que agitaram a opinião pública: modernização da cidade, obras do porto, o combate às epidemias, assim como os litígios de fronteiras com a Bolívia e o Peru, seriam pagas por impostos, considerando-se o povo constantemente sangrado por sucessivos aumentos de tributação. O descontrole nos gastos públicos e a consequente espoliação do povo eram temas frequentes das *charges* e a figura do Barão sempre visada direta ou indiretamente. Na comemoração da Lei do Ventre Livre do ano de 1904, vê-se o busto do Visconde do Rio Branco e o Zé Povo de barriga vazia, sob um irônico título que alude à lei proposta por seu pai. A associação: escravidão e exploração do povo se repete na *charge* de J. Carlos, na comemoração dos vinte anos da abolição, ano em que os gastos públicos foram elevados por causa da Exposição Nacional.



“Sem reclame ao do theatro Apollo”

Cleto | “O esfolado” | *Tagarela*,
3/12/1903



“Abolição da escravidão no Brazil”

J. Carlos | "13 de maio" | *O Diário*, 13/5/1908



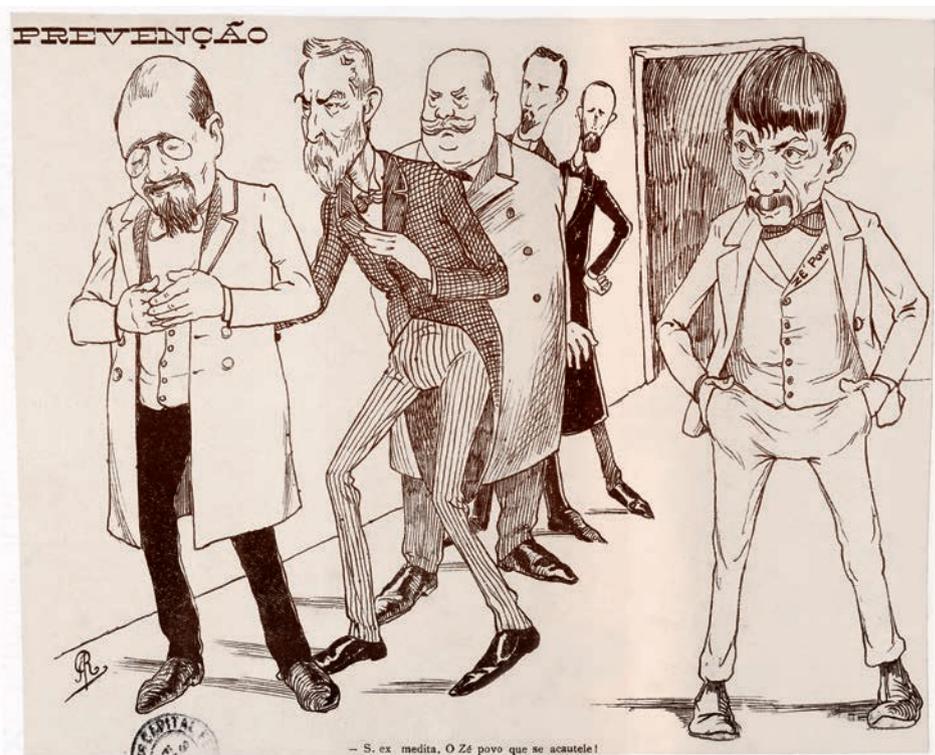
“Lauro (orador oficial): - Bella invenção: enquanto o Zé Povo só chucha quatro semanas de festa, a nossa Penha dura quatro annos. Viva a República!

Todos (menos o Barão): - Viva a Penha

R. Alves: - Barão! Você não diz nada?

Barão: - A minha posição diplomatica não me permite essas expansões: sou obrigado a comer, a beber e a falar... para dentro; mas garanto que, apesar de ventriloquo, sou de todos o mais devoto... (baixinho) – Viva a Penha!”

Sem assinatura | “O governo na Penha ou vice-versa...” | *O Malho*, 8/10/1904

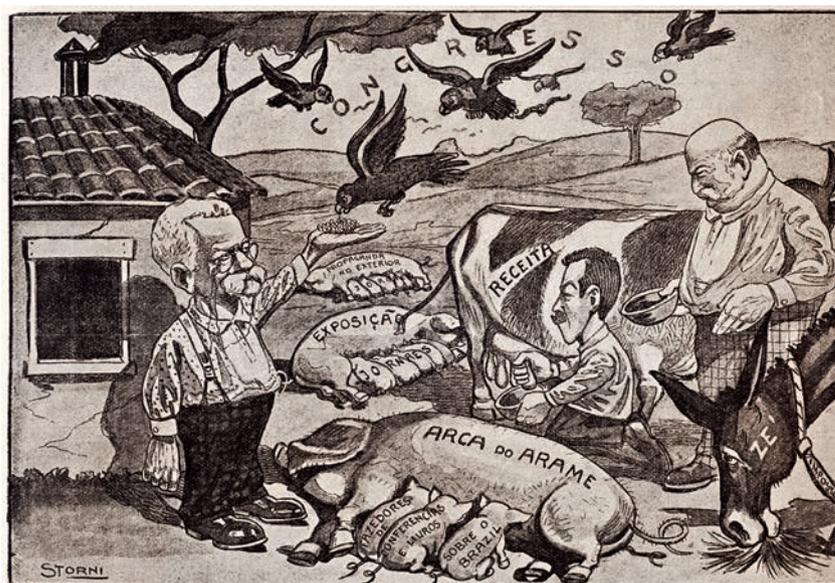


“- S. Ex. medita. O Zé povo que se acautele!”

A.R (Augusto Rocha) | “Prevenção” | *Tagarela*, 4/2/1904

“Penna:- Milho, meus bichinhos,
milho! É justo: tudo mamma...
Por isso mesmo é que não se ouve,
nem grunhidos, nem berros...
Quem vier atrás e tiver de diminuir a
ração, é que vai ver boial!
Só o raio do burro é
que nunca engorda...
Campista: - Barão! Parece que o leite
vai seccando...
Rio Branco: - Não diga isso, nem
brincando, homem de Deus!
Aperte, escorrupiche bem as tetas,
porque eu estou no caso do outro:
tenho de tomar café co
leite haja ou não haja... leite!”

Storni | “No terreiro de papai grande”
O Malho, 12/9/1908





“Pavilhão do Exterior.
Marco do Cattete.
Obelisco da Viação.”

Herônio | “Nova exposição”
O Malho, 15/8/1908

O Barão empenhou-se na política de tornar o Brasil um país respeitado internacionalmente, que atraísse estrangeiros e negócios vantajosos. Para tanto, estimulou todas as medidas que pudessem modernizar e civilizar o país, foi um forte defensor e divulgador da produção nacional. Foi o articulador da Exposição Nacional de 1908, orientada para atrair turistas e capitais estrangeiros e que fazia um inventário da economia brasileira com a exibição de produtos de todos os estados. A exposição custara caro aos cofres públicos, e atribuem ao seu assessor, Pecegueiro do Amaral, o uso corrente da expressão “Dinheiro haja, Sr. Barão”. O Barão era criticado, além de tudo, por gastos excessivos em festividades e banquetes diplomáticos, que promovia para autoridades estrangeiras. (LUSTOSA, 2008:72)

O Brasil participou de todas as exposições universais ocorridas durante o século XIX e início do XX. A partir de 1861, começou a realizar mostras preparatórias, espécies de exposições nacionais com o intuito de pré-selecionar os produtos e realizações que representariam o país internacionalmente. Os pavilhões brasileiros começaram a atrair a atenção do público estrangeiro a partir de 1889, em Paris, nos quais o Barão esteve presente, como grande entusiasta das exposições. Representara o Brasil, na Exposição Internacional de Horticultura de São Petersburgo, em 1884, em que fez ampla propaganda do café².

A exposição nacional de 1908 foi a sétima realizada no Rio de Janeiro e comemorava também o centenário da Abertura dos Portos brasileiros ao livre comércio. Segundo Pereira, “a comemoração do centenário da abertura dos portos foi o pretexto para compor o ‘retrato’ da nação”, uma oportunidade de os brasileiros conhecerem seu próprio país, que estava bastante valorizado no exterior. A Exposição Nacional foi inaugurada em 11 de agosto e ficou aberta ao público até 15 de novembro de 1908. Além do Distrito Federal e de Portugal, único país estrangeiro convidado, quatro estados construíram pavilhões próprios – Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina. A Exposição Nacional de 1908 foi visitada por mais de um milhão de pessoas e reuniu 11.286 expositores brasileiros e outros 671 portugueses. (PEREIRA, *Revista Arqtexto*, nº 16)

² Nessa época José Maria da Silva Paranhos Junior ainda não era Barão do Rio Branco, mas foi recompensado com o título de “Conselheiro” pelo Imperador por sua atuação como Delegado do Governo Imperial na referida exposição (Catálogo da exposição, 2012:29).

NA EXPOSIÇÃO: FOGO-VISTE-LINGUIÇA



“Penna: – Bravos! Muito bem! Muito bem! Isto é que são fogos! Ah! os ingleses...”

Chefe de Polícia (furioso): – Penso o contrario e vou mandar prender o fogueteiro!

Não admitto que se dêem palpites para o jogo do bicho.

Prefeito: – Homem, aquella briga de gallos parece allusiva à harmonia do Conselho...

Rio Branco: – Gosto de ver o canhão aos estouros! É a voz da supremacia diplomática.

E a chuva de ouro!... Que pena não ser de verdade!...

Seabra: – Esplendido, Sr. presidente! Depois do côrso, em que V. Ex. fez tão linda figura, mais esta belleza!

Tavares de Lyra (à parte): – Mão... mão!... Este J. J. tem... jettatura. Era melhor que elle nos favorecesse com a sua ausência...

Zé Povo (depois de puxar a casaca do Penna): – Cuidado, conselheiro! Reflecta que depois d’este fogo de vistas e passada a fumaça da Exposição, nem mais cheiro de polvora ingleza...

Penna (indignado): – Irra!... Nem um momento você me deixa gozar a vida, socegado!...”

Storni | “Na exposição: fogo-viste-linguiça” | *Careta*, 5/9/1908



“Embora crente de que tudo será amistosamente resolvido dentro da esfera diplomática, o governo continua a tomar as devidas precauções, preparando-se para todas as eventualidades.”
 “-Amigos, amigos – negócios à parte!...”

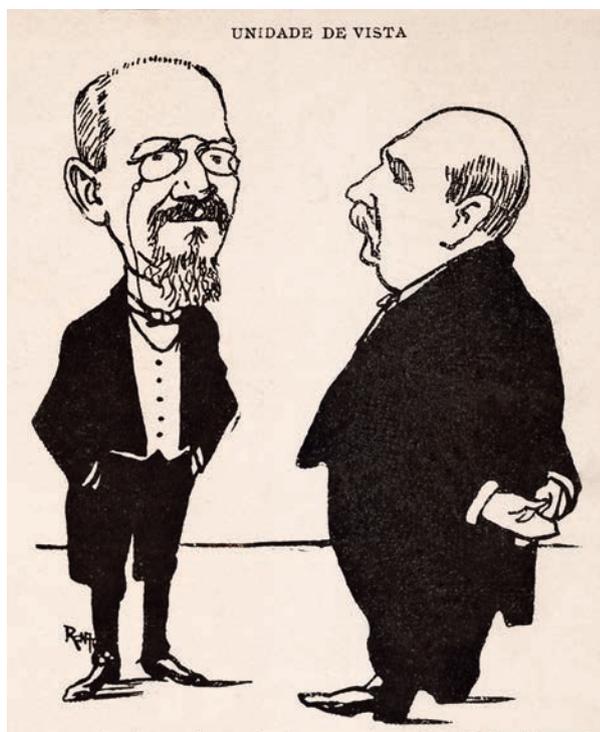
C. Miragy (Julião Machado)

“O Acre, amistosamente”
Jornal do Brasil, 5/2/1903

Armamentos para a paz

O reaparelhamento das Forças Armadas – Exército e Marinha – era necessidade essencial para o Barão, para alcançar sua política de conquistar o respeito de outras potências e garantir a paz nas fronteiras. Fazia constantes apelos neste sentido e reclamações indignadas quando não atendido, como no caso da questão com o Peru, em que acusa o presidente Rodrigues Alves de estar, com a demora:

“dando tempo ao Peru para que se reforce e fortifique em Iquitos, no Juruá e no Purus. Fui ter com o presidente para lhe manifestar minha contrariedade diante de tantos adiamentos, quando desde tanto tempo, no interesse da paz, eu peço e insisto que nos mostremos fortes e prontos para dar um golpe que impressione os peruanos... Eu disse-lhe o quanto me espanta que gastando com o exército mais do que o Chile e a Argentina, não possamos dispor de uns 6.000 homens em momento crítico e decisivo como este”. (VIANA FILHO, 2008:351).



“- Sr. barão, só temos dous homens capazes de endireitar isto; um é V. Ex. nas relações exteriores...
 - O outro é V. Ex., Sr. conselheiro, nos negócios interiores...”

Ilegível | “Unidade de vista” | *O Malho*, 13/6/1903



"O barão - Perú, Perú... muitos tenho eu já engulido em banquetes e até mesmo sósinho. Não é cousa que me assuste... Em todo caso, como mais vale prevenir do que punir, vou pedir ao Hermes e ao Alexandrino que amolem o trinchantente da 'defesa nacional', porque para cartos perús o melhor é a faca que se chama marinha e o garfo que se chama exercito. Com semelhante talher na mão dou conta de qualquer Perú."

Sem assinatura

"Na mesa... Internacional"

A Tribuna, 13/11/1907



"Escala comparativa para demonstrar o tamanho do bom senso ao lado do ardor belicoso."

Raul | Sem título | *O Malho*, 14/2/1903

Fortalecer as Forças Armadas, no entanto, era para o Barão um instrumento de garantia da paz. Estava longe de possuir um "ardor belicoso" ou metas imperialistas, como fora acusado por seus adversários. Nem quando o presidente da Bolívia, general Pando, ameaçou invadir o Acre para conter a revolta de Plácido de Castro³, Rio Branco perdeu seu foco. Em mensagem à missão brasileira em La Paz, transmitiu ao governo boliviano sua disposição em negociar um "acordo honroso e satisfatório" para ambos os lados.

Especialista em história militar e conhecedor de que o poder militar pode ser apoio eficaz à ação diplomática, Rio Branco favoreceu decisivamente as reivindicações do Exército e da Marinha brasileiros⁴. Desde o momento em que chega ao ministério, o Barão pressiona para que o Brasil reaparelhe sua Marinha. Afinal, as pressões do Barão deram resultado parcial e os primeiros *dreadnoughts* brasileiros, o *Minas Gerais* e o *São Paulo*, foram recebidos em 1910, juntamente com outros navios menores.

³ Comandante dos brasileiros revoltosos contra as tropas da Bolívia.

⁴ Troca de correspondência com historiadores coevos dão conta de que Rio Branco tinha planos de escrever uma história militar e diplomática do Brasil. Esse plano não se concretizou, mas foram publicados posteriormente, na *Revista Americana*, de 1916, dois capítulos iniciais, cujos manuscritos se encontram no Arquivo Histórico do Itamaraty. Ver catálogo da exposição "Rio Branco: 100 anos de memória", p. 22.



Estava a S. Ex. a ler A Tribuna, quando chegou o barão e lhe foi logo apresentando um projecto grandioso.

- Sr. Rodrigues, é preciso collocar o Brasil no seu logar, entre as nações civilisadas...

E explica o projeto. Mas S. Ex., que é sarado desvia o corpo, dizendo-lhe:

- Barão, isso tudo é bom, muitíssimo bem bom... O diabo é que arames não hão ... O Galeão já me disse que a comissão do orçamento da nação é de opinião que não se póde esfolar mais o povo, não! Veja você então que é difficil arrancar essa função... Emfim, por que não vai expor o seu plano ao Argollo, barão? Aquillo é um ministrão!



O barão avançou para o quartel-general. Encontrou o Argollo e o Costallat.

- Oh! Estimo enconral-os juntos. Trago aqui um plano destinado a fazer o Brasil entrar no trilho das grandes potencias.

E o barão desdobra a sua linguica de mappas e plantas, fallando em soldados e canhões... - Sim, é apoiada nisso que a diplomacia trabalha!

O Argollo é todo ouvidos, o Costallat parece até comer-lhe as palavras. Por fim, o Argollo disse-lhe:

- Os seus planos são soberbos, barão! Acecite os meus cumprimentos! Mas... Por que não procura o nosso colega da marinha?



O barão atira-se para o Arsenal de Marinha e encontra o almirante Noronha ao telephone “Alô! Alô! Alô!”

- Oh! o barão por aqui?!

- É verdade, caro almirante!

- Um momento, estou a falar com o Pitta, que vive agora a me amolar neste aparelho...

- Deixe lá o Pitta e ouça. Trago-lhe um projecto melhor que o delle. É preciso collocar o Brasil no seu logar, perante as nações civilisadas! Ouça!



E, de pé, o barão desfia a sua meada, falando em couraçados, cruzadores, marinheiros, etc. O almirante enthusiasma-se:

- Barão, o seu projeto é sublime! Mas o barão não precisa que lh’o digam: nós, sem o Bulhões, nada valemos. Por que é que o barão não procura o Bulhões?

O barão, muito encafifado, quase estoura alli na secretaria do Noronha; mas pensando um pouco sahi em demanda da rua do Sacramento.”

Sem autor | "O Barão e o seu projecto" | *O Malho*, 24/9/1904



“R. Alves: - Somnolencia ou morte!”

Leonidas | "Monumento da época"
O Malho, 10/9/1904

Rocha (Augusto Rocha) | "Questão de limites"
Tagarela, 30/06/1904



A. — Felizmente o Perú dorme e...
R. A. — Até você seu Barão !!...

Três é demais! Rodrigues Alves, Rui Barbosa e Pinheiro Machado

Cabe ressaltar, também, a relação de Rio Branco com alguns políticos brasileiros, com os quais interagiu no período em que foi Ministro das Relações Exteriores, dada a forte presença de caricaturas coletadas sobre eles em sua coleção. Destacam-se as *charges* relativas a Rodrigues Alves e Rui Barbosa, sobretudo, e, também, a Pinheiro Machado, quando este despontava como elemento de grande influência na política nacional, no final de sua gestão como ministro.

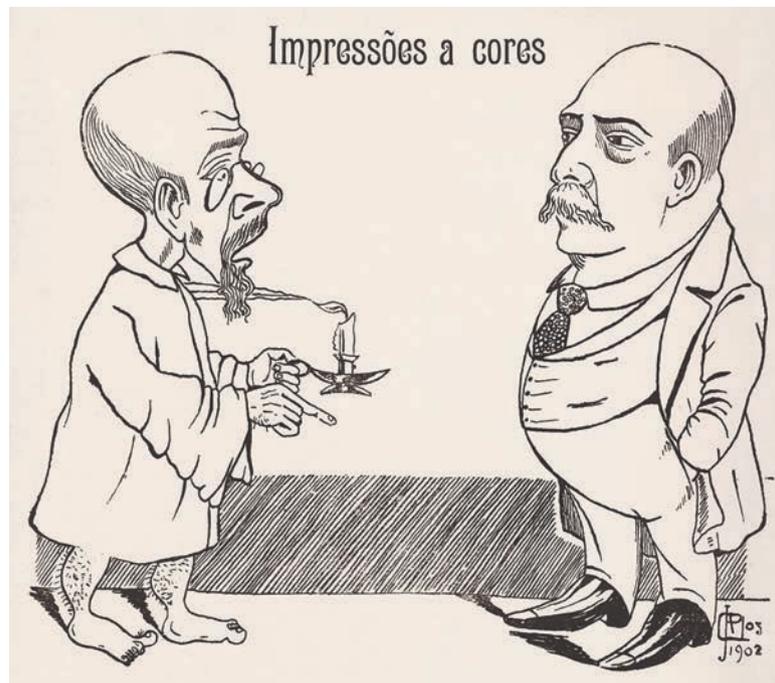
Um dos mais presentes é Rodrigues Alves. O presidente tinha a fama de dorminhoco e era uma das presas prediletas dos caricaturistas. Várias destas sátiras estão presentes na coleção do Barão, o que denota o divertimento que esta pecha de Rodrigues Alves provocava na época. Segundo Isabel Lustosa:

“São inúmeras as *charges* e caricaturas em que aparece de *robe de chambre* ou de camisolão e touca de dormir, dormindo, bocejando ou se espreguiçando. Nos Carnavais que aconteceram durante o seu governo, os blocos de sujo corriam as ruas cantando versão adaptada de uma chula dos tempos do imperador:
O raio, ó sol!
Suspende a lua!
Sai de lençol,
Morfeu à rua...” (LUSTOSA, 2008:58)

É durante o governo de Rodrigues Alves que se iniciam as grandes transformações da primeira República: reforma Pereira Passos, campanhas de saneamento de Oswaldo Cruz e as negociações de limites com a Bolívia e Peru.

"- Então Barão, a Rua do Ouvidor, estava bem ornamentada?
- Linda, simplesmente!
A cor dava-lhe um aspecto encantador!
- Acordava! Que idéia, Barão!"

J. Carlos | “Impressões a cores”
Tagarela, 13/12/1902



Nesta representação, enquanto o presidente dorme sobre a Constituição, um grupo de pessoas dança em roda à volta do cogumelo, onde estão mencionados os principais problemas a serem enfrentados pelo governo. Nela, Rio Branco se destaca pela cartola e o casaco vermelhos.



“O tortulho cresce”

Alfredo Cândido | "Enquanto elle dorme..."
A Larva, 20/11/1903



Nesta última, ainda que mencionada a característica sonolência do presidente, Rodrigues Alves é mostrado em atitude firme e severa. Marca sua assinatura no decreto de degredo dos revoltosos condenados da Revolta da Vacina, que ironicamente foram mandados para o Acre.



“- Ah! não diziam que eu dormia? Pois aqui estou, alerta e firme, para defender a República, e castigar com a Lei os que contra Ella se levantarem!...”

Sem assinatura | Sem título
O Malho, 26/11/1904



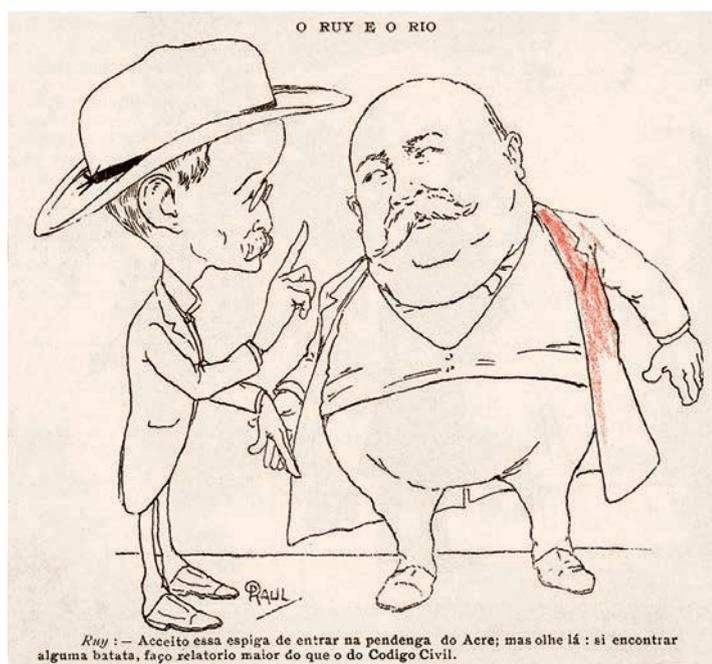
“Ruy - Não quero, senhores, criar-lhes embaraços: exonero-me. Mas, em verdade vos digo, maldito seja aquele que cede ao estrangeiro um palmo do território nacional!”

K. Lixto | “Negócio do Acre”
O Malho, 24/10/1903

Outra figura com presença marcante na coleção é Rui Barbosa. A relação do Barão com o senador, que vinha dos tempos da faculdade de direito, quando iniciaram suas carreiras, foi extremamente oscilante. Mas, apesar disso, o reconhecimento que um tinha pelo outro era público. Rio Branco dedicou-lhe as seguintes palavras de gratidão:

“Quando eu era ainda no estrangeiro um ignorado estudante das coisas pátrias e propagandista humilde e muitas vezes anônimo dos progressos da nossa terra e dos feitos honrosos de nossos compatriotas, foi o conselheiro Rui Barbosa quem, no jornal e com seu brilho costumeiro, chamou a atenção para estes meus pobres trabalhos e tornou conhecida entre nós a minha dedicação à pátria”. (LINS, 1995:137)

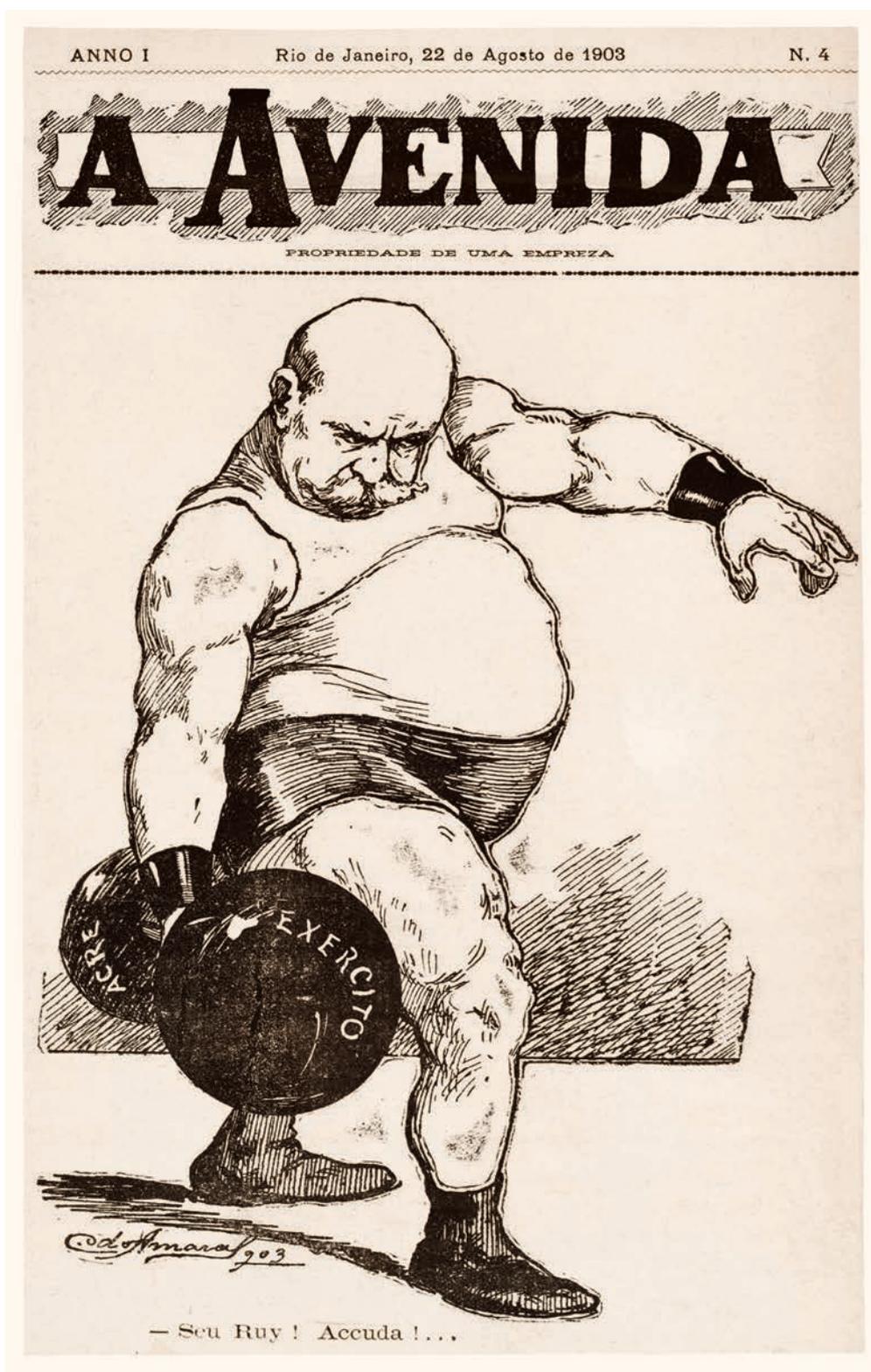
Em julho de 1903, o Barão convida Rui Barbosa para compor, junto a Assis Brasil, a equipe de plenipotenciários brasileiros que negociava com a Bolívia a Questão do Acre. Em 17 de outubro de 1903, exatamente um mês antes da assinatura do Tratado de Petrópolis, que encerrava o litígio com a Bolívia, Rui Barbosa solicitou a dispensa daquela comissão, por discordar das concessões do Brasil à Bolívia, propostas pelo Barão.



"Ruy - Aceito essa espiga de entrar na pendenga do Acre; mas olhe lá : si encontrar alguma batata, faço relatório maior do que o do Código Civil."

Raul | “O Ruy e o Rio” | *O Malho*,
12/7/1903

Ruy : - Aceito essa espiga de entrar na pendenga do Acre; mas olhe lá : si encontrar alguma batata, faço relatório maior do que o do Código Civil.

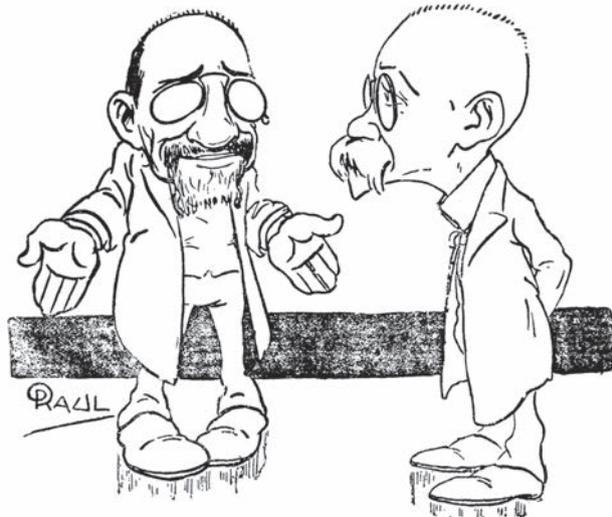


"- Seu Ruy! Acuda!..."

Crispim do Amaral | Sem título | *A Avenida*, nº 4, 1903

O PRESENTE “PASSADO”

Projecta-se a candidatura conciliatória do Dr. Rodrigues Alves para o próximo quadriennio. (Bastidores políticos)



“Projecta-se a candidatura conciliatória do dr. Rodrigues Alves para o próximo quadriennio. (Bastidores políticos)”

– Que diz você do plano?

– Está inclinado...para mim.”

Raul | “O presente ‘passado’”

Jornal do Brasil, 31/03/1908

Quando o Brasil foi convidado a participar da II Conferência de Paz da Haia, em 1907, Rio Branco indicou Rui Barbosa como representante, e com ele trocou intensa correspondência, orientando-o a “atrair a simpatia dos povos fracos e o respeito dos fortes”. Na volta de Rui, consagrado como a Águia de Haia, Paranhos manda a histórica galeota que trouxera a família real, em 1808, para recebê-lo no navio e trazê-lo até o cais onde seria saudado em apoteose popular. Mas, como vimos anteriormente, não houve registro desses acontecimentos na coleção do Barão.

Em 1909, quando se começou a discutir a sucessão do Presidente Afonso Pena, Rui Barbosa sugeriu o nome de Rio Branco, referindo-se a ele com enormes elogios, como era de seu estilo:

“(…) um nome universal; uma reputação imaculada; uma glória brasileira; serviços incomparáveis; popularidade sem rival; qualidades raras; o hábito de ver os interesses nacionais do alto, acima do horizonte visual dos partidos; extremoso patriotismo; ardente ambição de grandes ações; imunidade a ressentimentos políticos, dos quais teve a fortuna de se preservar; uma entidade, em suma, a todos os respeitos, singular para a ocasião, para o caso, para a solução providencial do problema. Era uma candidatura que seria recebida nos braços da nação e levada por ela em triunfo à presidência”. (BARBOSA, 1909:9)⁶

⁶Trecho de “Carta de Rui Barbosa acerca da candidatura Hermes”, aos senadores Francisco Glicério e Antônio Azeredo. O original se encontra na Biblioteca Municipal de São Paulo Mário de Andrade.



"- Pietá di me! A tua resolução é inabalavel? Fechas o coração ás minhas suplicas?
- Hermeticamente!"

Raul | "Lance dramático"
Jornal do Brasil, 20/5/1909

Rio Branco recusou concorrer à presidência, e, depois de muita confabulação, o próprio Rui lança-se candidato em oposição à Hermes da Fonseca, que Rio Branco iria apoiar para desgosto de Barbosa.

As eleições presidenciais de 1909 foram marcadas por grande agitação na política interna e intensos debates até a escolha final de dois candidatos: Hermes da Fonseca, que sairia vencedor, e Rui Barbosa.

Um dos grandes agitadores da campanha de 1909 foi Pinheiro Machado, político experiente e responsável pela formação do "Bloco"⁷, coligação política que buscava fazer frente à prática dos presidentes de apadrinharem seus sucessores e oposta ao "Jardim da Infância"⁸, grupo de Afonso Pena e João Pinheiro. O primeiro candidato do então presidente era seu conterrâneo João Pinheiro, mas, com a morte prematura deste, outro nome é cogitado, o do jovem ministro das finanças David Campista. Por sua inexperiência e juventude, Campista não obteve o apoio esperado.

Como, de fato, durante o processo eleitoral a candidatura de Campista não se firmou, na Convenção de Maio de 1909 o nome de Hermes da Fonseca foi escolhido. Entretanto, ainda havia uma grande divisão de opiniões e, como Fonseca não conseguiu agregar as principais vertentes políticas, a candidatura civilista de Rui Barbosa foi homologada. Rui Barbosa representava o homem de letras, marcado pela lei e pelo direito, influenciado pela cultura europeia, um homem reconhecido pelo seu grande capital cultural no país. Para agitar ainda mais a cena política, o presidente Afonso Pena morre em 14 de junho de 1909 e o vice-presidente, Nilo Peçanha, assume a presidência.

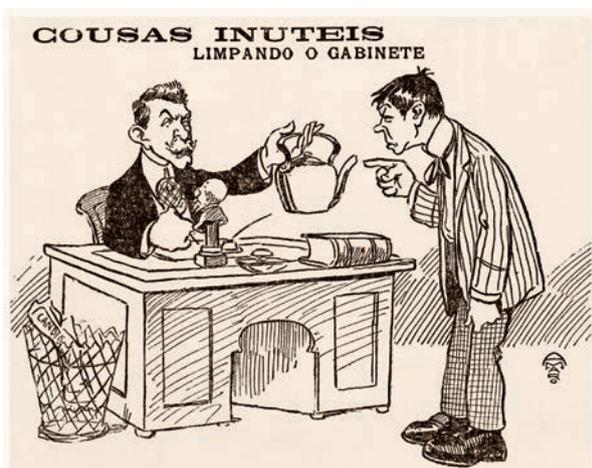
⁷ O "Bloco do Morro da Graça" era composto por políticos que gravitavam em torno de Pinheiro Machado. O nome é uma referência ao local de sua residência, no bairro de Laranjeiras.

⁸ O termo "Jardim da Infância" foi cunhado pelo político baiano Augusto Freitas ao referir-se ao abandono político sofrido pelo "Bloco" por Afonso Pena. "Agora generais obedeciam a soldados e a ingratidão sobrepujava a lealdade, prisioneiros que haviam se tornado de 'políticos da nova raça' que haviam convertido 'este país em um verdadeiro Jardim da Infância'" (FAQUIN, 2007).



"A.P. - Insistes em abandonar-me!...Pois bem, eis ahi as tuas cartas e os teus cabelos!..."

Bambino | "Nuvens" | *Jornal do Brasil*, 23/5/1909



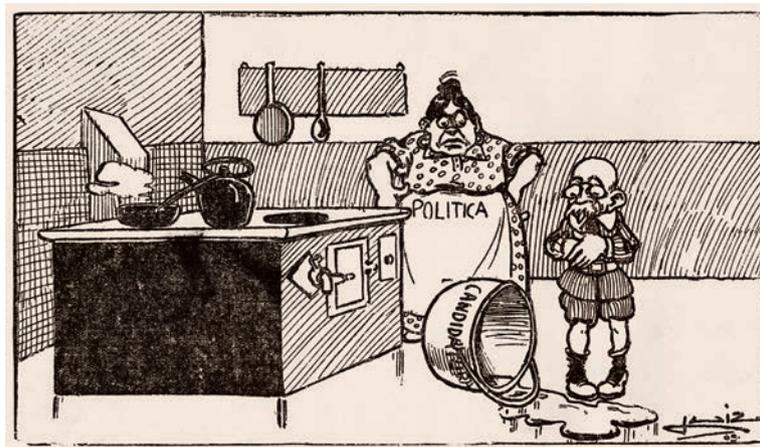
"Limpendo o gabinete

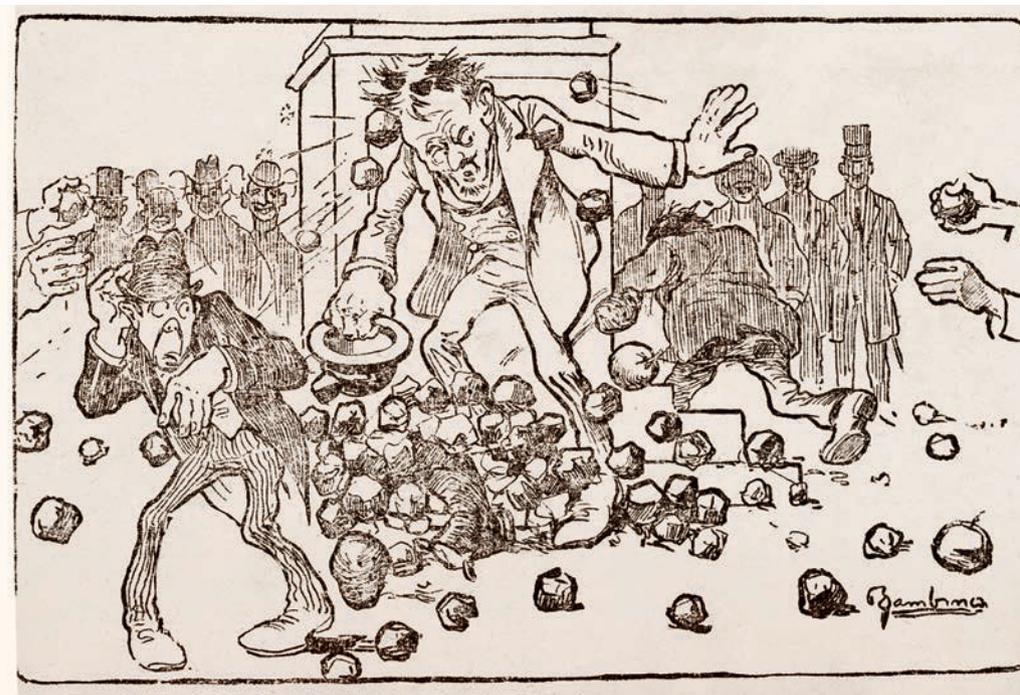
- V. Ex. chamou?
- Sim. Leva já isto daqui.
- Então não é mais preciso?
- Aqui não. Talvez sirva agora para o novo candidato..."

Amaro | "Cousas inuteis" | *Jornal do Brasil*, 27/9/1909

"- Bonito! "Nhô" Fon-fon entornou o caldo!..."

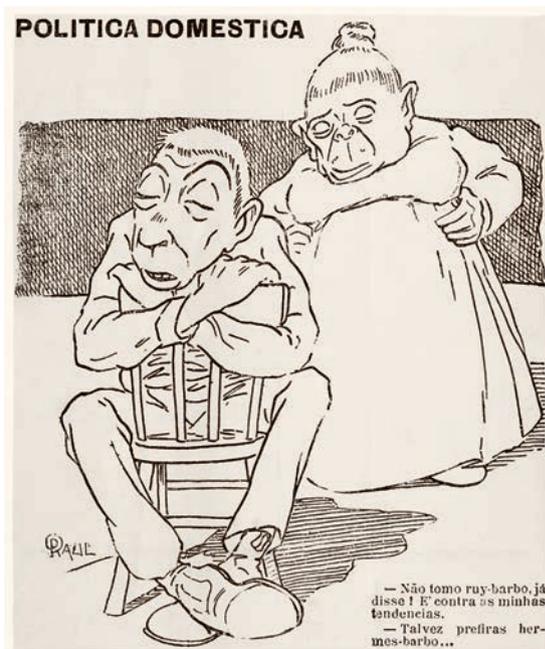
Luiz | "O 'caldo'" | *Jornal do Brasil*, 18/5/1909





"Entre pilherias de espirito correa o comício effectuado hontem no largo de S. Francisco de Paula contra a candidatura Hermes.
Os oradores, mais de uma vez, tiveram de parar e evitar os projectis contra elles arremeçados pelo auditorio."
"Por ahi se vê que a pedra angular da sociedade não serve somente para a oratoria."

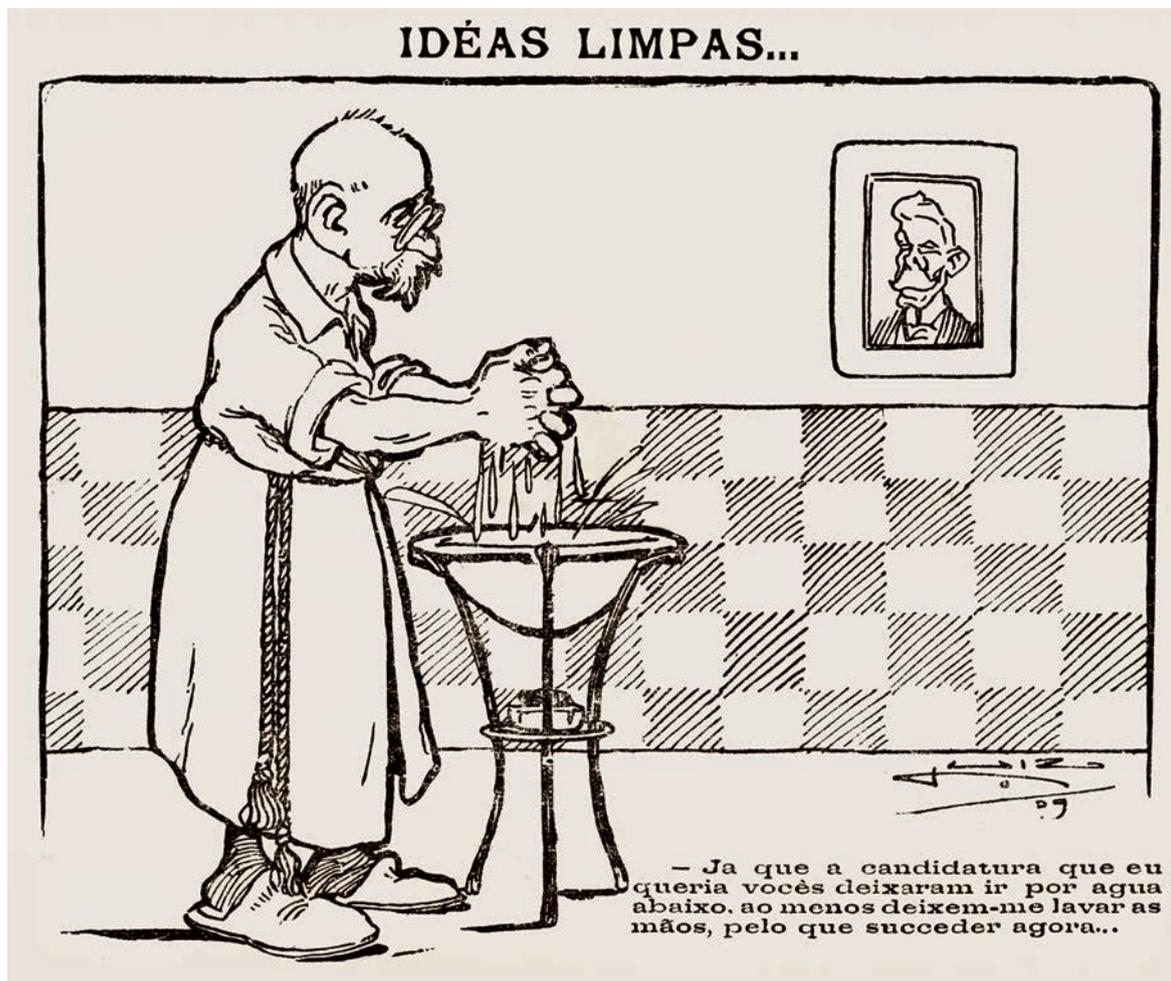
Bambino | "Pedra sobre pedra" | *Jornal do Brasil*, 13/6/1909



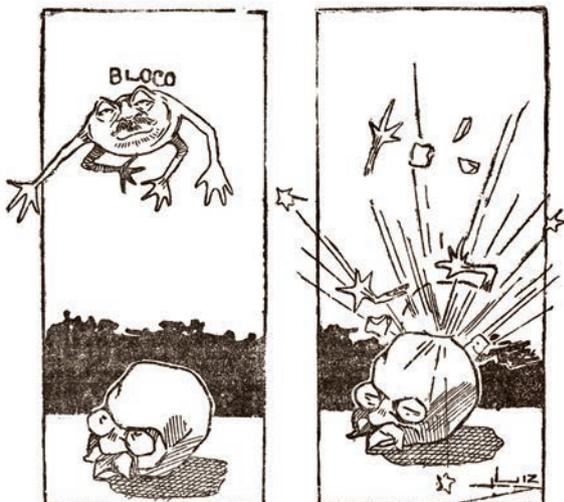
"- Não tomo ruy-barbo, já disse!
É contra as minhas tendências.
- Talvez prefiras hermes-brabo"

Raul | "Politica domestica" | *O Século*, 4/6/1909

- Não tomo ruy-barbo, já disse!
É contra as minhas tendências.
- Talvez prefiras hermes-brabo...



Luiz | "Idéas limpas..." | *Jornal do Brasil*, 28/5/1909



“- São pedra, senão eu te arrebento!...
- !!!!...”

Luiz | “A história do sapo (Contada pelos do Jardim de Infância)” | *Jornal do Brasil*, 10/3/1908

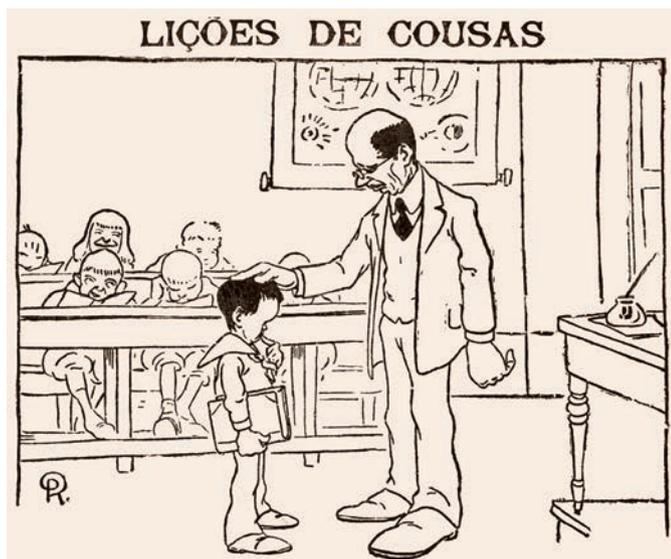
O grupo de jovens intelectuais e políticos que formava o Jardim da Infância buscava romper com as velhas lideranças caudilhescas, como a representada pela figura de Pinheiro Machado. Figuras como David Campista e Carlos Peixoto Filho, os mais renomados, assim como Pandiá Calógeras, Miguel Calmon, Eloi de Sousa e João Luis Alves. Jovens que circulavam na sociedade carioca e frequentavam a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Afonso Pena, primeiro presidente mineiro, teve em sua candidatura o apoio de uma ampla união de forças federativas, o Bloco. Uma vez eleito, Pena procurou limitar a interferência desta coligação, alcançando ao poder uma jovem frente ministerial e parlamentar que seria apelidada pelas forças de oposição e pela crônica política da época como “Jardim da Infância” (FAQUIN, 2007).

O “Jardim da Infância” teve duração efêmera. As mortes de João Pinheiro em 1908 e de Afonso Pena em 1909, e, por fim, a vitória de Hermes da Fonseca, contribuíram para o desaparecimento do grupo.

“ – Menino, que é escola?
- “Ex-colla” é uma cousa que se fazia nos exames.
- E bloco?
- Esperança perdida,...ou adiada...”

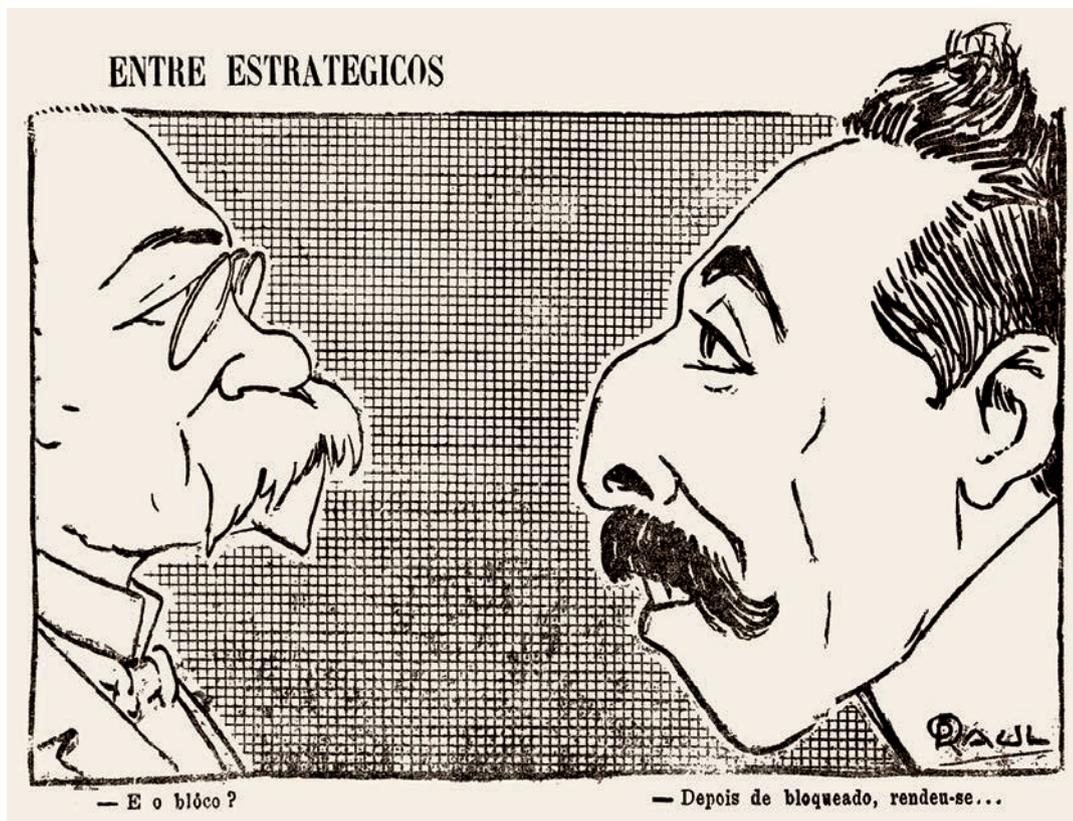
Raul
“Lições de cousas”
Jornal do Brasil, 15/3/1909





“A. Penna – Ora bolas!... Parecia um ovo de cascavel e... não passa de um simples ovo de sapo...”

J. Carlos | “O parto da montanha” | *O Diário*, 14/5/1908

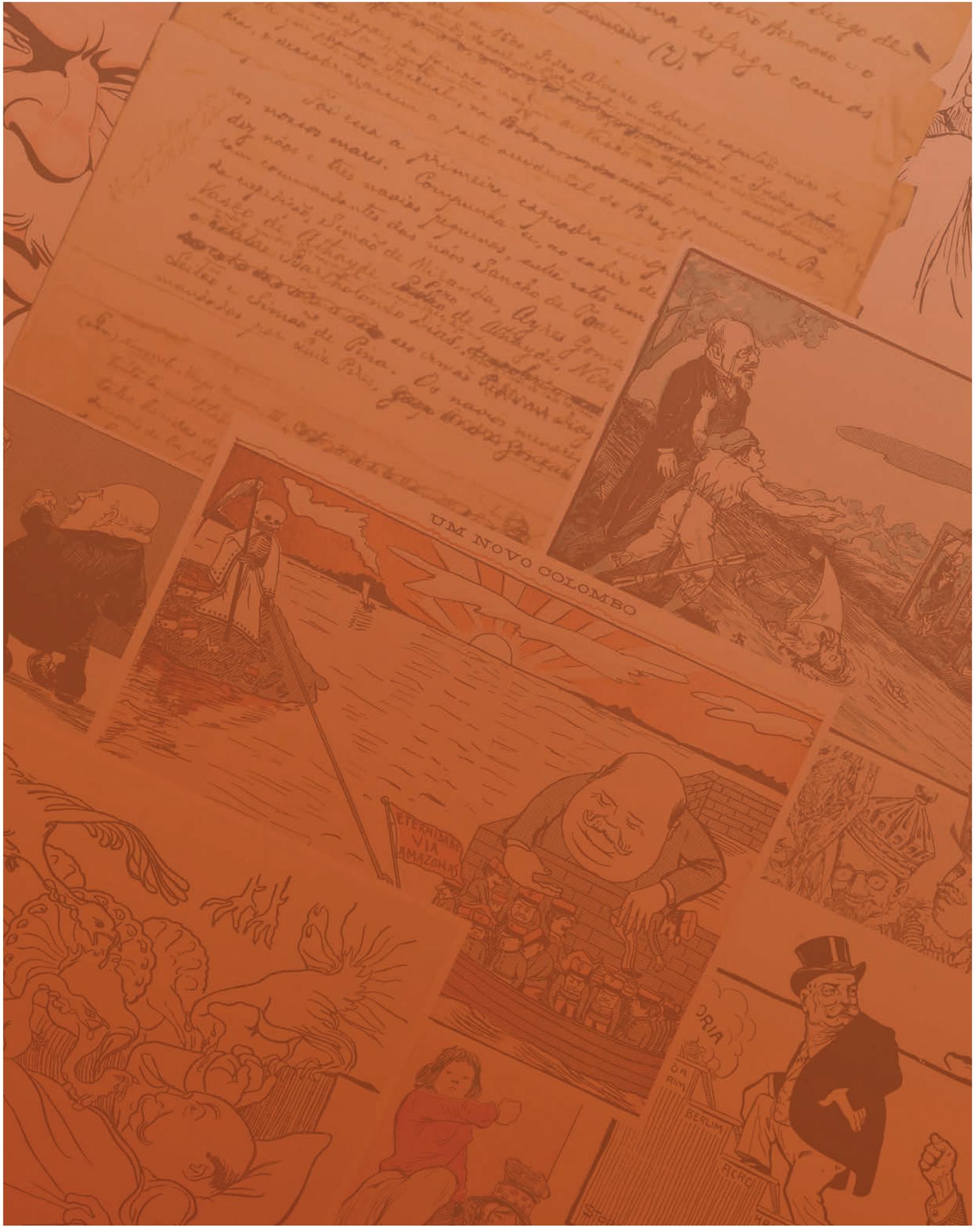


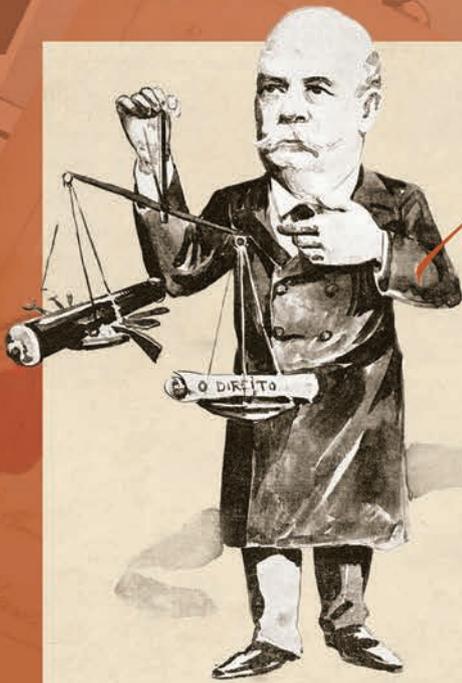
Raul | "Entre estrategicos" | *Jornal do Brasil*, 15/3/1908

Por fim, Pinheiro Machado, um dos políticos mais influentes da República Velha, foi quem lançou a candidatura de Hermes à presidência. Teve papel predominante no movimento que visava apaziguar as disputas entre as oligarquias regionais, implantado no governo do marechal. A “política das salvaçãoes” foi responsável pelo aumento das tensões no Estado da Bahia, que apoiou Rui Barbosa, e por seu extremo no episódio do bombardeio da Bahia, em janeiro de 1912. Este lamentável episódio da política nacional combalou profundamente Rio Branco, que já se encontrava nessa época com a saúde abalada e veio a falecer em fevereiro do mesmo ano.

A *charge* representa os desentendimentos de Rio Branco com Pinheiro Machado por causa da agressiva política interna que o senador desenvolveu com a “política das salvaçãoes”. A imagem reproduz uma rinha de galo, o Chanceler Rio Branco luta com Pinheiro Machado, o Chantecler, fazendo alusão ao recente sucesso dos cinematógrafos: *O Chantecler*, lançado em 1910. A película é uma crítica a acontecimentos e tipos políticos da época: O Chantecler é Pinheiro Machado; Rui Barbosa, o rouxinol; e os quatro Estados que apoiaram Rui nas eleições também estão representados. O filme foi exibido no Cinematógrafo Rio Branco, na rua Visconde do Rio Branco nº 42 e no Pavilhão Internacional.

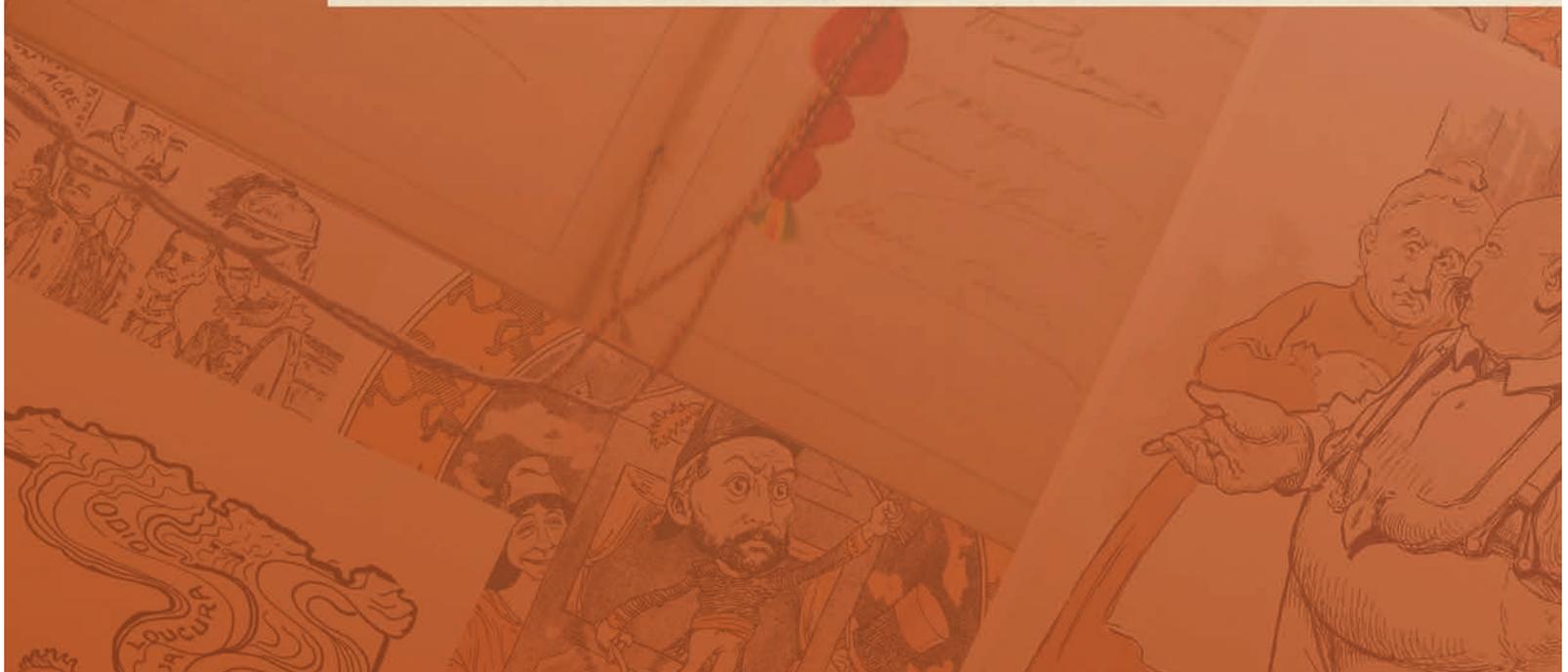






A Diplomacia da Paz

Na defesa da soberania



A Questão do Acre

A Questão do Acre foi o que mais pesou na decisão de Rio Branco em aceitar o convite para o Ministério das Relações Exteriores do governo de Rodrigues Alves e voltar para o Brasil. O entendimento da questão adotado pelo governo anterior, de Campos Salles, era para ele completamente equivocado (in FUNAG, 2002:67). Partia do princípio de que o Acre era território boliviano e não brasileiro. Além disto, não questionava a soberania boliviana e o Tratado de Ayacucho, assinado em 1867, que demarcava de forma imprecisa a fronteira entre os dois países. A região, no entanto, era habitada por brasileiros e, parte dela, reivindicada também pelo Peru. Logo depois de sua posse, o Barão do Rio Branco, como primeira providência, telegrafou ao ministro do exterior da Bolívia decidido a impedir por todos os meios qualquer agressão à população de brasileiros que ocupava a área em litígio. A partir daí o Brasil passa a sustentar como fronteira



“Os arreganhos da Bolívia denotam que ella tem as costas quentes.”

K. Lixto | Sem título
O Malho, 24/1/1903

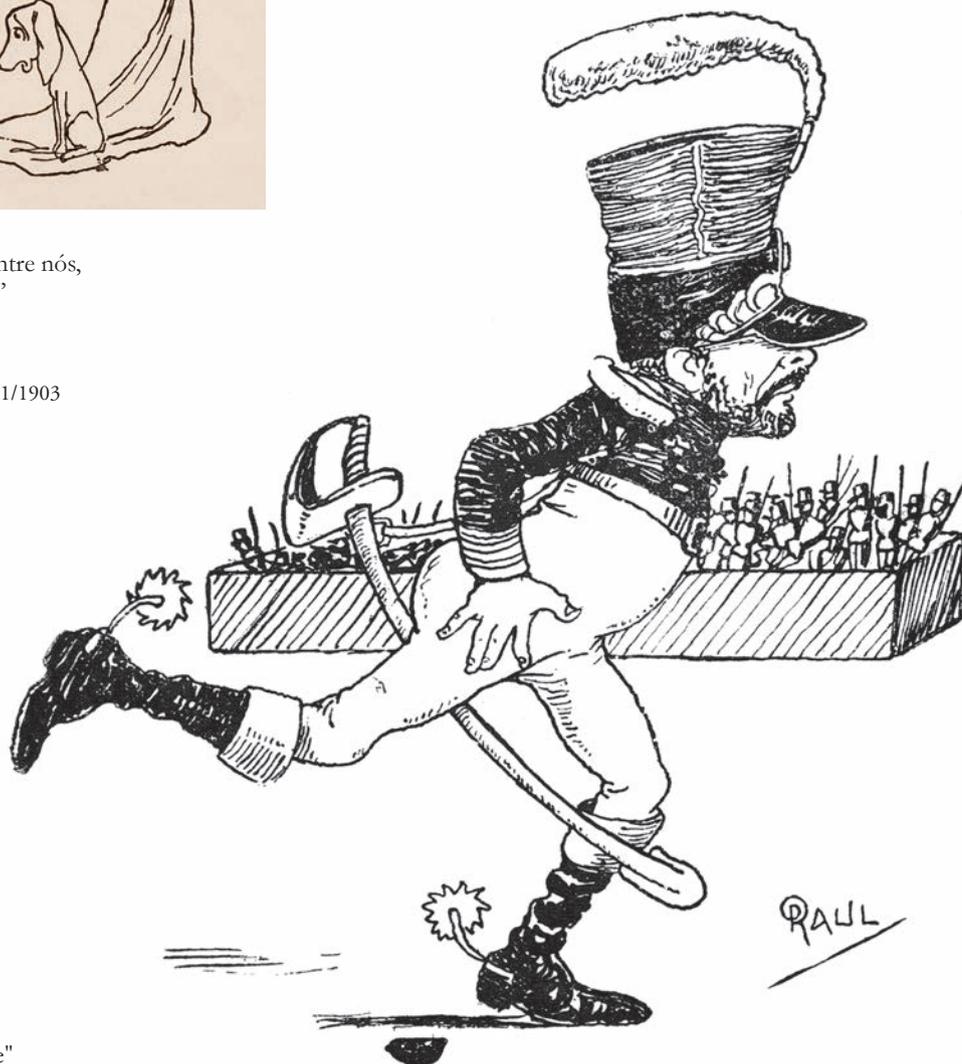
a linha do paralelo de 10°20'. Forças bolivianas marcham para a região contestada e ameaçam enfrentar militarmente o Brasil. O presidente da Bolívia, general Pando, comandou pessoalmente as tropas bolivianas que seguiram para o Acre ameaçando os colonos brasileiros, contra os quais não chegou a se bater. O episódio foi tratado com extrema ironia na imprensa brasileira.





“Nada mais há de commum entre nós, senhora! Já que é da Bolívia...”

Raul | “O grande motivo”
Sem identificação do periódico, 2/1/1903



Raul | “A caminho do Acre”
O Malho, 31/1/1903

A partida do Pando para uma partida arriscada

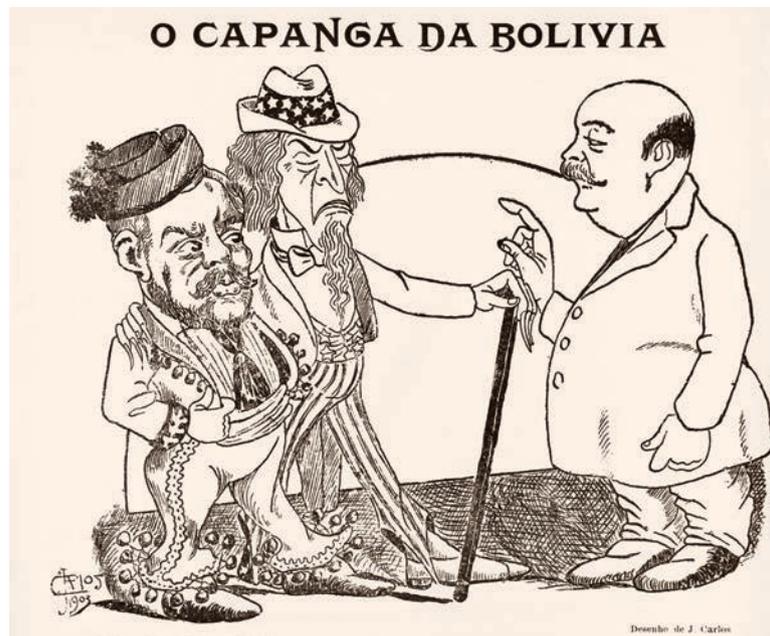
“É com isto, minha senhora, que curamos macaquinhos no sótão dos vizinhos.”

K. Lixto | Sem título
O Malho, 31/1/1903



“R.B. - Amigo Pando, a Bolívia dispõe de um bom guarda-costas.
Tio Sam - Oh! Senhor Barron como quer senhor que um país sem litoral tenha guarda-costas?”

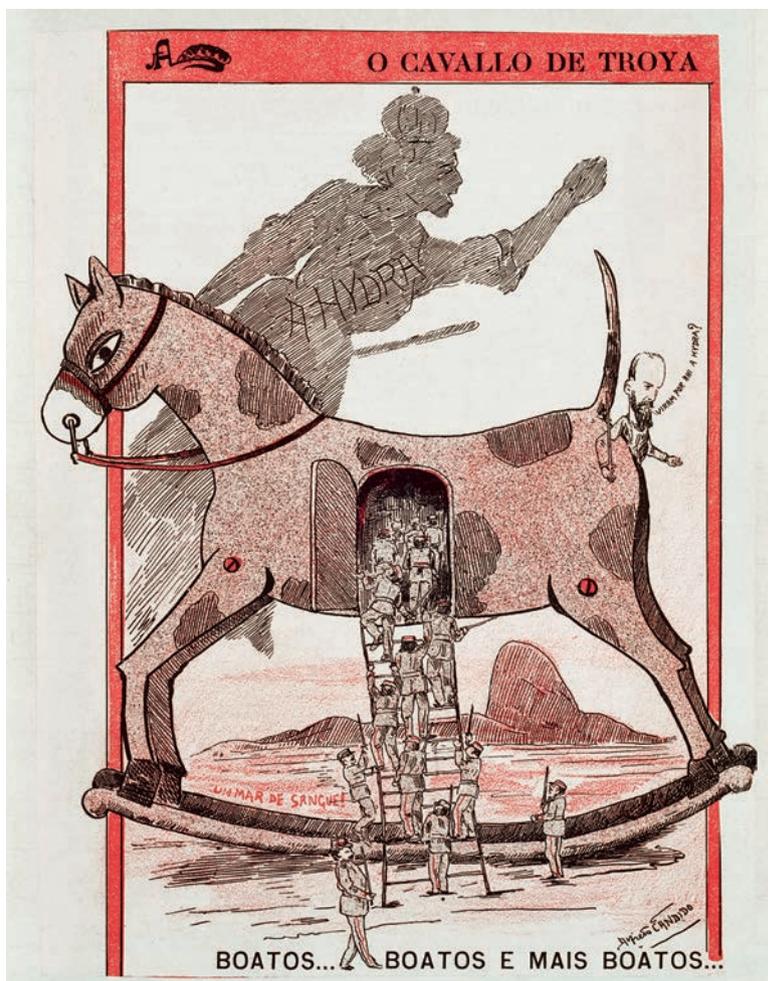
J. Carlos | “O capanga da Bolívia”
Tagarela, 29/1/1903





Byby | "Política internacional" | *Tagarela*, 23/4/1903

O Barão determina - com autorização presidencial - a ocupação militar do território do Acre. A área era disputada por causa da exploração da borracha, tendo a Bolívia apoiado, em julho de 1901, um consórcio de investidores dos EUA, Grã-Bretanha, Alemanha e França: o Bolivian Syndicate. O arrendamento do Acre ao grupo consorciado se daria por um período de trinta anos e representava grandes riscos para o Brasil, antes de tudo porque o único acesso ao território arrendado era pelos rios da Amazônia, ferindo assim nossa soberania nacional.



Alfredo Cândido | "O Cavallo de Troya"
A Larva, 13/11/1903

“Quando no crâneo liso de um estadista ha três cabellinhos, que se eriçam, cuidado, Pando, cuidado!...”

C. Miragy (Julião Machado)
 “Cuidado!...” | *Jornal do Brasil*,
 7/2/1903



Para resolver essa questão que envolvia tantos interesses, Rio Branco optou por recusar o encaminhamento à arbitragem e a fazer acordos separados com os envolvidos. Primeiramente com o Peru, comprometeu-se a negociar apenas após a resolução da questão com a Bolívia e, com os membros do Bolivian Syndicate, Rio Branco questiona a validade deste acordo entre as partes sem a anuência do Brasil. Adota a estratégia de afastar os EUA do Bolivian Syndicate, apelando para a Doutrina Monroe, de forma a trazê-la a uma interpretação mais próxima possível dos nossos interesses, ou seja, procurando mostrar que os princípios da maior potência eram válidos para os demais países americanos, e pressiona a retirada dos investidores, com o fechamento do Amazonas. Além disso indeniza regiamente os investidores, com cento e dez mil libras, pagas em 10 de março de 1903 por Assis Brasil.

“Manejo por traz dos bastidores”

Raul | “Grande exibição de forças...
occultas” | *Tagarela*, 29/1/1903

Grande exibição de forças...ocultas



Manejo por traz dos bastidores.



“Tio Sam: - Como está próximo o carnaval, talvez que com este disfarce não me conheçam...”

Bambino | “Mascarado” | *Revista da Semana*, nº 142, 1903

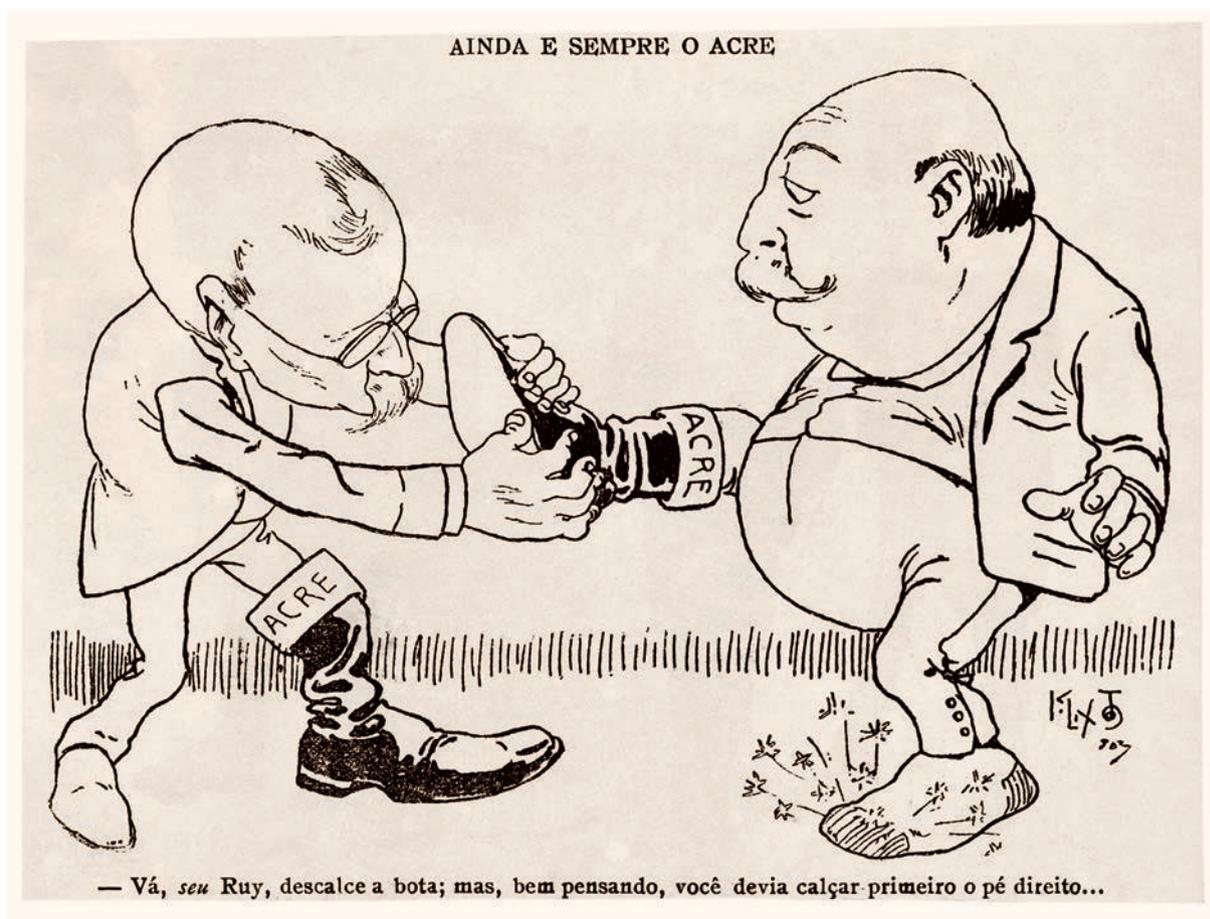
O QUE ACONTECERA' NA QUESTÃO DO ACRE



“Bol. – No hagas caso, hombre, que eso fue uma broma.
Brasil – Sim, mas não façás d’essas taes bromas porque podíam te sahir muito caras.
Tio Sam – Eu não contava com isto.”

Ilegível | “O que acontecerá na questão do Acre” | *O Malho*, 7/2/1903

As negociações iniciadas em meados de 1903 têm como representantes da Bolívia Claudio Pinilla e Fernando Guachalla e, do lado brasileiro, o próprio chanceler, Assis Brasil e Rui Barbosa, este último favorável à arbitragem. Estava claro para Rio Branco que a solução da Questão do Acre estava em negociações políticas e compensações financeiras e territoriais. Rui discorda da proposta de indenização à Bolívia, por meio, entre outras compensações, da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e se exonera.





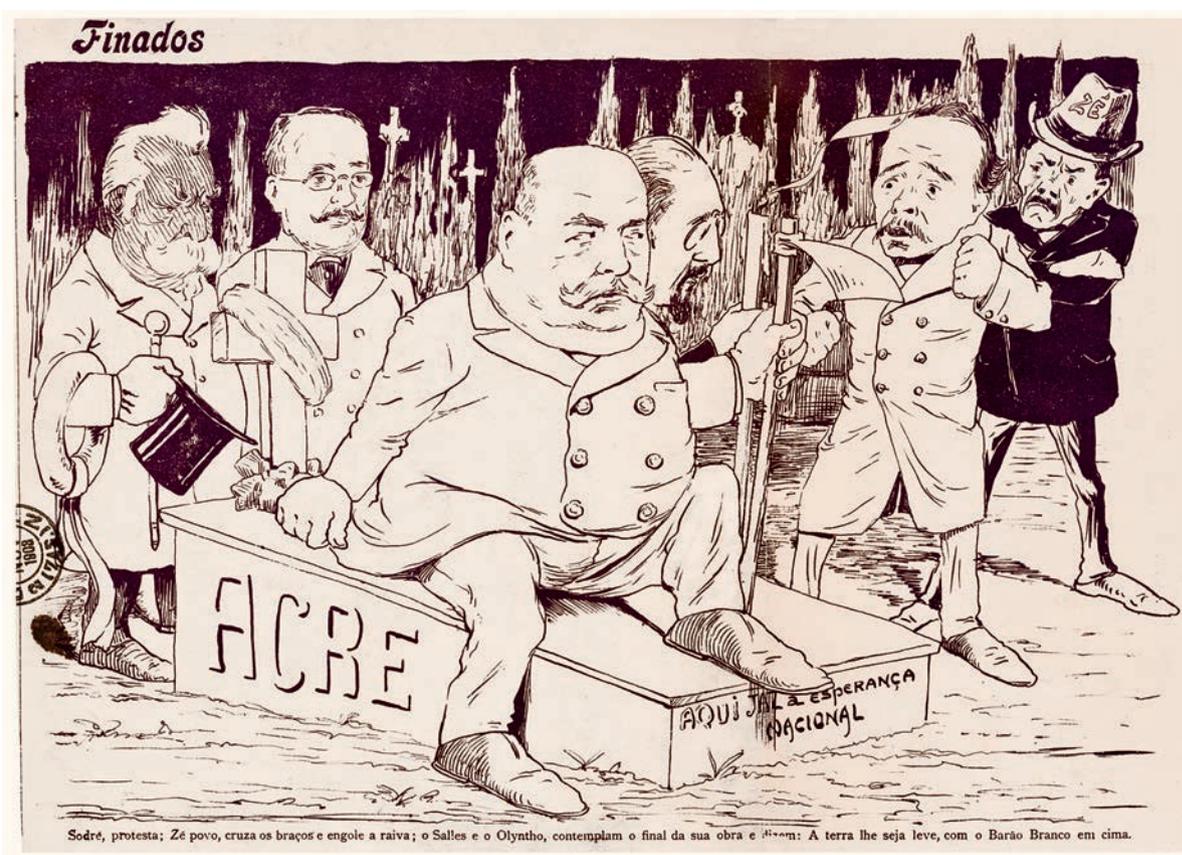
Alfredo Cândido | "Questão do Acre - A pesca" | *A Larva*, 1903





“- Prove esta droga, é amarga no começo, mas doce no fundo.
- No fundo já estou eu...”

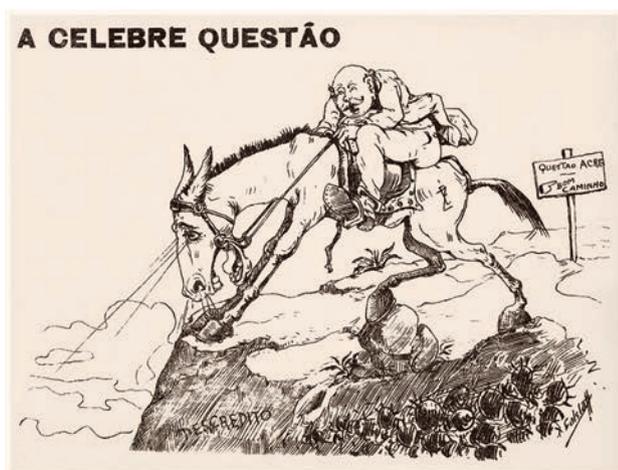
Falstaff | “A grande droga” | *O Malho*, 7/11/1903



“Sodré, protesta; Zé povo, cruza os braços e engole a raiva; o Salles e o Olyntho contemplam o final da sua obra e dizem: A terra lhe seja leve, com o Barão do Rio Branco em cima.”

Amaro | “Finados” | *Tagarela*, 5/11/1903

À medida que as negociações avançam, cresce a oposição às propostas do Barão ao governo boliviano para pôr fim ao conflito. Há manifestações na Câmara e no Senado, lideradas por Lauro Sodré, positivista que acusa o chanceler de imperialista, por pretender retomar o território do Acre, e Rui Barbosa, que se opõe às concessões territoriais e financeiras oferecidas à Bolívia.

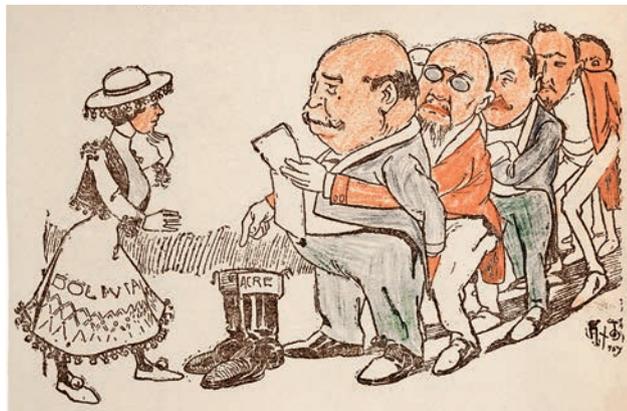


Falstaff | "A célebre questão" | *Tagarela*, 3/12/1903



“- Vá, seu, Rio Branco, despache a coisa, que a expectativa é duvidosa.
- Duvidosa é a sua atitude. Pensa que Roma se fez num dia?”

Raul | "O Acre" | *O Malho*, 21/11/1903



“Descalçou o par de botas mas nos custou muito caro.”

K. Lixto | “Resultado final” | *Correio da Manhã*, 21/11/1903



“R. B. - Mais um pouco à esquerda...
B. - Só por 40 mil contos
R. B. - Bem, póde vir buscar o cobre.”

Falstaff | “Questão Acérrima” | *Tagarela*, 10/12/1903

Em 17 de novembro de 1903, o Tratado de Petrópolis foi assinado, encerrando as disputas territoriais entre o Brasil e a Bolívia pelo Acre. O governo brasileiro indenizou a Bolívia em dois milhões de libras esterlinas e obrigava-se a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Em contrapartida, a Bolívia abria mão de grande parte do território em litígio. O tratado realizou uma permuta de territórios que assim foi resumida pelo Barão:

“Em troca de 142.900 quilômetros quadrados de terra que lhe disputávamos e de 48.100 de terra que era reconhecidamente sua, isto é, em troca de 191.000 quilômetros quadrados – damos à Bolívia entre os rios Madeira e Abunã uma área de 2.296 quilômetros quadrados, que não é habitada por brasileiros e que o é por bolivianos. Se o título em nome do qual lhe pedimos a cessão das bacias do Acre e dos rios que ficam a oeste deste era o de serem esses territórios habitados e cultivados por concidadãos nossos, como poderíamos honestamente negar à Bolívia extensão muito menor, habitada e utilizada por seus nacionais?”
(*Apud.* VIANNA FILHO, 1996:330)



“- Seu Juca! Porque é que o Barão não subiu a Petropolis durante a discussão do tratado?
- Ora, D. Hortencia; para provar que de forma alguma subia a serra.”

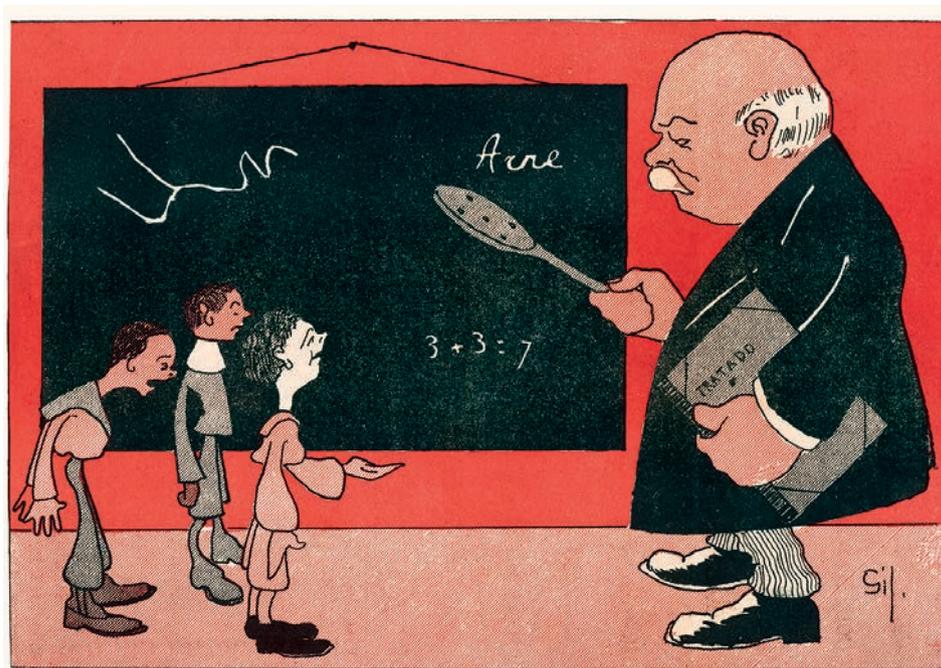
Gil | Sem título | *A Avenida*, 30/1/1904



K. Lixto | “Pum” | *O Malho*,
26/12/1903

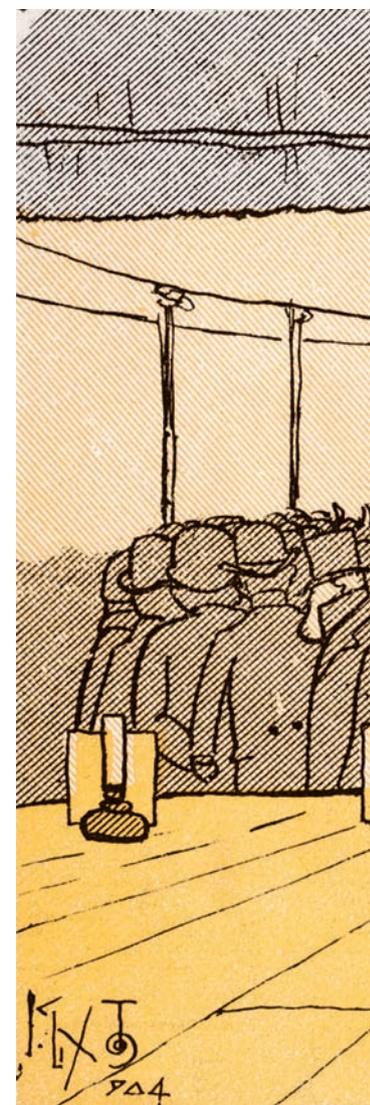
O reconhecimento, no entanto, de que a negociação com a Bolívia havia sido uma vitória do Barão custou a se dar. Até mesmo após os longos debates travados na Câmara e no Senado para a aprovação do Tratado de Petrópolis. Como se pode observar na crítica mais contundente de K. Lixto e na *charge* anônima de celebração do primeiro carnaval após a sua assinatura. Aí estão representados Rodrigues Alves como Rei Momo; do seu lado direito, Leopoldo de Bulhões, Ministro da Fazenda, toca tambor; o Barão, com um chapéu com as palavras Tratado de Petrópolis e Acre, toca pandeiro; Lauro Müller, Ministro da Viação e Obras Públicas, toca tamborim e J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, bate bumbo. Mais atrás, veem-se os ministros da Guerra, marechal Francisco de Paula Argollo, e da Marinha, contra-almirante Júlio Cesar de Noronha.

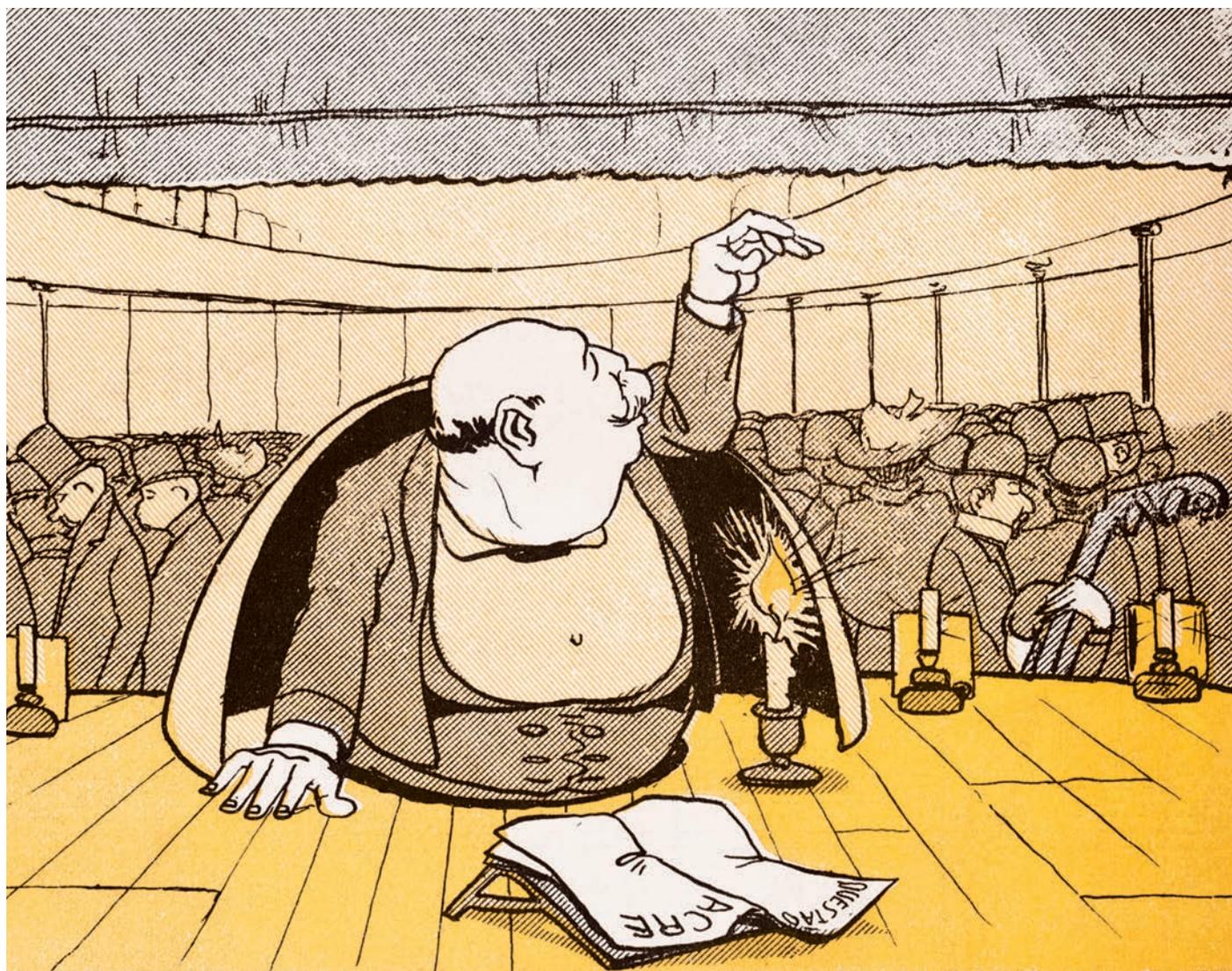




“Andem lá, meninos! Deem a mão à palmatoria!”

Gil | Sem título | *A Larva*, 23/1/1904





K. Lixto | "A comédia acabou - (disse o palhaço)" | *O Malho*, 9/1/1904

Litígio de fronteira com o Peru

Logo após o entendimento com a Bolívia, surge um novo contencioso, dessa vez com o Peru. Na caricatura que segue, estão aí representados como “os três reis magros”, o Barão do Rio Branco, Manoel de Oliveira Lima, nomeado ministro no Peru, mas que nunca assumiu o cargo, e Custódio José Coelho de Almeida, que carrega um banco que representa o Banco do Brasil, do qual era diretor. Este último personagem é também uma alusão a Jorge de Albuquerque Coelho (1565), filho de Duarte Coelho e personagem da *Nau Catarineta* – composição poética de tradição oral. A *charge* mostra os três levando presentes, no dia de Reis (6 de janeiro), ao “Grão Jesú”, o presidente Rodrigues Alves, no Palácio do Catete.



“Aqui estamos nós três. Ultra-estafados
Vimos chegando de longinquas terras;
Corremos campos e galgamos serras
P’ra vir fazer aqui nossos reisados.

Tu, ó Cattete, paço dos morgados,
Que o menino Jesú no seio encerras,
Vê si tuas portas para nós descerras
Pois trazemos-te uns brindes escovados:

- Rio Branco traz um doce: é muito acre...
- O Coelho, um banco... é manco, mas alacre;
- Eu, Lima (capital), trago um Perú!
É quanto nestes tempos, tristes, agros,

Podemos vos trazer, ó Grão Jesú,
Nós tres que somos reis, e somos magros.
(Da náó Catharininha).

DARIO.

K. Lixto | “Os Três Reis Magros de Agora (reisado ‘ad instar’ dos mellos amoras)”
O Malho, 9/1/1904

O Peru chega a ocupar militarmente áreas na região do Alto Rio Purus e Alto Rio Juruá. O Barão pressiona para que o Peru recue e negocie as questões territoriais, ao mesmo tempo em que exige do governo brasileiro o imediato deslocamento de um contingente de 6.000 homens para a região. Conforme havia acordado anteriormente com o Peru, Rio Branco ressaltava os direitos deste país, no artigo VIII do Tratado de Petrópolis:

“A República dos Estados Unidos do Brasil declara que ventilará diretamente com a do Peru a questão de fronteiras relativa ao território compreendido entre a nascente do Javari e o paralelo de 11°, procurando chegar a uma solução amigável do litígio sem responsabilidade para a Bolívia em caso algum.”



“E o Peru também quer milho?”

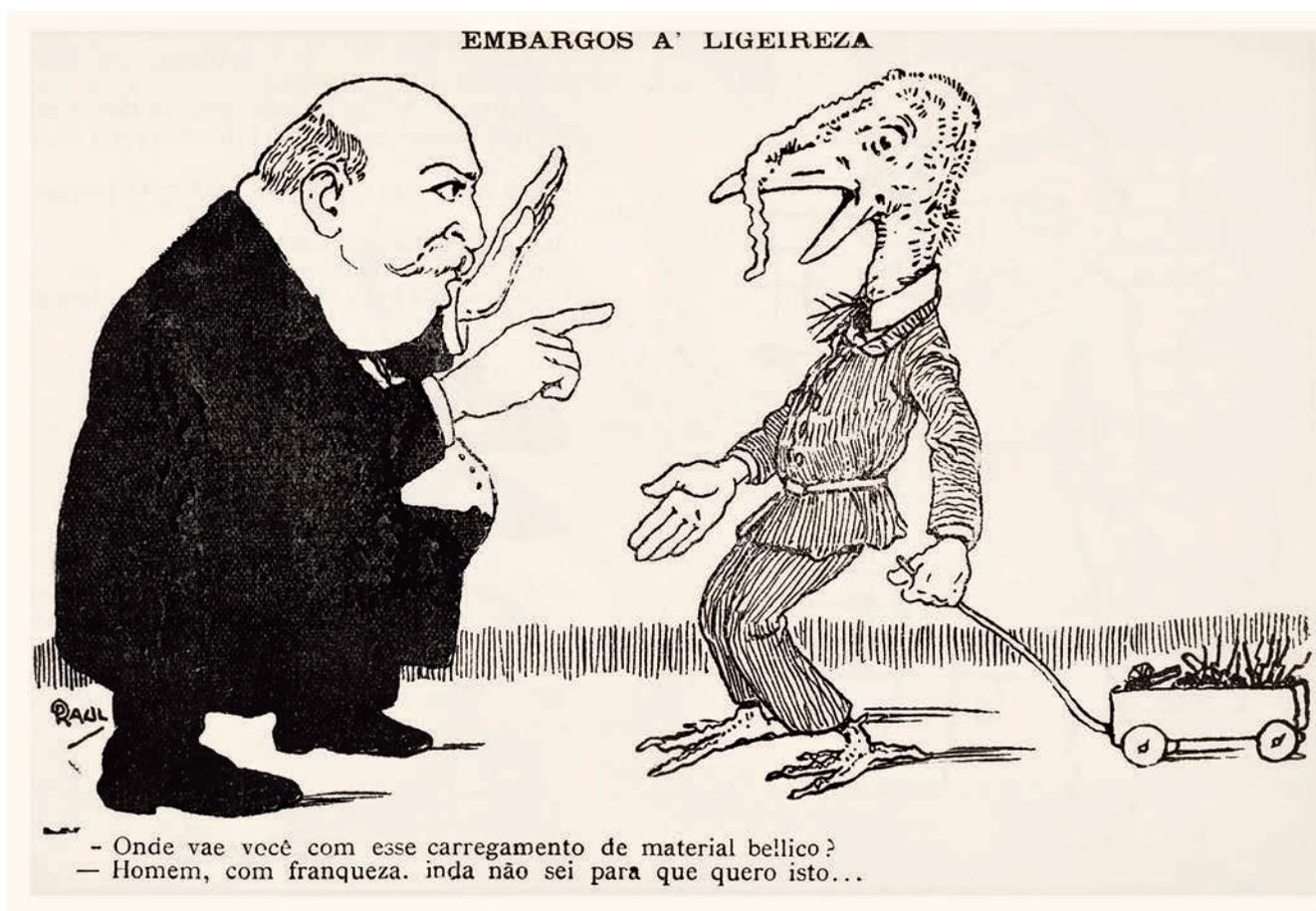
Gil | “Gallinheiro internacional” | *A Avenida*, 23/4/1904

No entanto, estas garantias não eram suficientes, pois o Peru aspirava obter as mesmas concessões feitas à Bolívia no Tratado de Petrópolis, mas queria submeter o litígio a juízo arbitral, com o que Rio Branco não concordava. Em vista do trânsito contínuo de armamentos com destino a este país, o Barão informou ao governo peruano, em 16 de maio de 1904, que o Brasil proibira a entrada de armas e outros elementos de guerra pelo Rio Amazonas. Esclareceu que tal proibição não era ainda o exercício de represálias, mas o direito do Brasil à própria segurança nacional.



“- Safa! É Peru por todos os lados, agora!”

K. Lixto | “O pesadelo do Barão” | *A Avenida*, 23/4/1904





“- Dinheiro para Perú? nunca!
Faça jantar de galinha, de pato, de carneiro... do diabo até! De Perú é que nunca. Tem paciência.”

PIADA OFFICIAL

“- Precisamos ter cuidado com o Perú.
- Não me dirá porque?
- Não sabe? Não ouviu dizer que há por
lá treme-terra?”

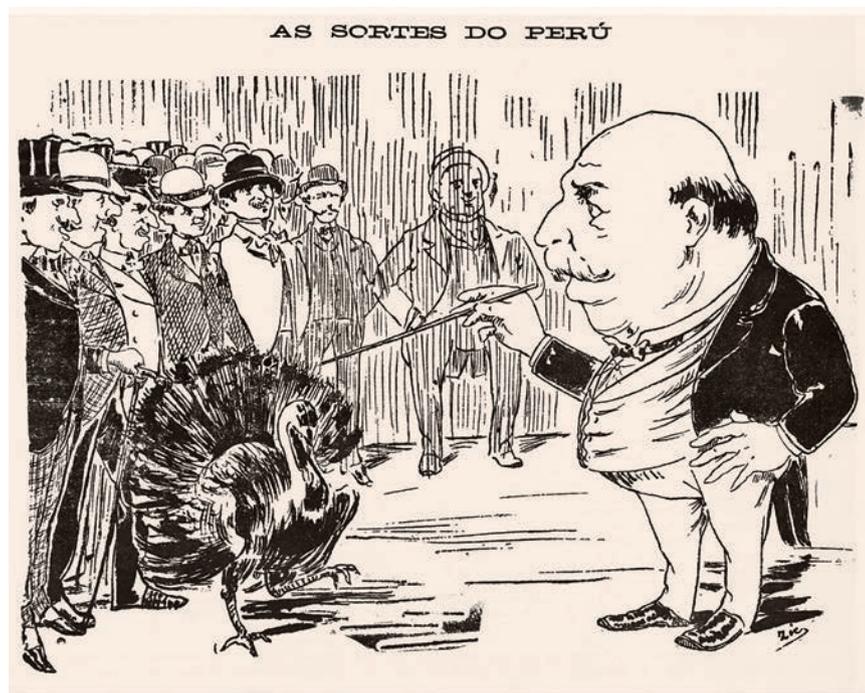
Raul | “Piada oficial” | Sem identificação de periódico, 1904



A questão foi finalmente regulada pelos dois acordos Rio Branco-Velarde, de 12 de julho de 1904. O primeiro estipulava prazo de cinco meses e meio (até 31 de dezembro de 1904) para a solução definitiva da questão de limites. O segundo neutralizava a área litigiosa (bacias do Alto Purus e do Alto Juruá), entregando o governo a uma comissão mista brasilo-peruana, até a solução da controvérsia, e iniciava a discussão sobre a fronteira entre os dois países.

“- Vamos lá, meu Barão, vamos lá e quero ver se o Peru me resiste!...”

Raul | “Caracoles!!” | *Tagarela*,
23/6/1904



“- Vejam, meus senhores, vejam como dança este perú, no passo do urubú malandro, depois da minha nota.
- Bravo! bravo! O barão é um turuna para amansar estes bichos! Bravissimo!”

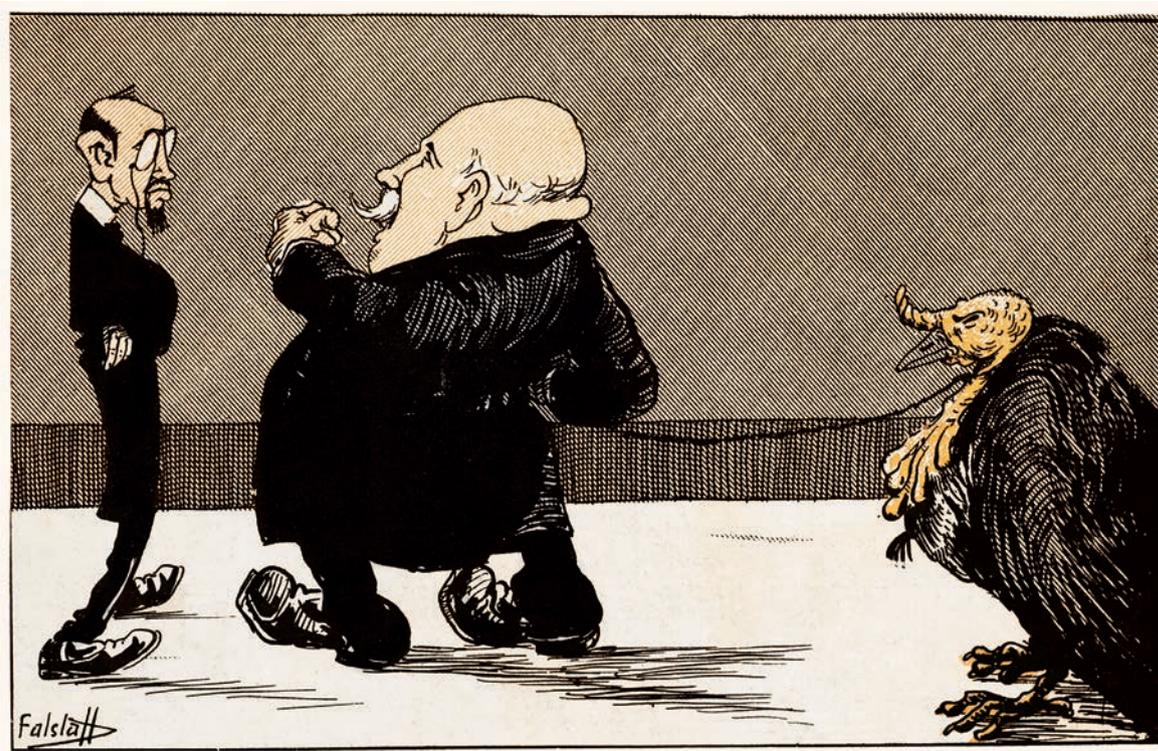
Zic | “As sortes do Perú” | *O Malbo*, 4/6/1904



K. Lixto | "O Perú de roda"
Avança, 4/6/1904

A morosidade nas negociações gerou muitas críticas na imprensa, que chamavam a atenção da sociedade e das autoridades para as perdas de vidas de brasileiros na região em litígio. Não apenas pelas atrocidades cometidas pelos peruanos contra as populações ribeirinhas, mas também dos soldados brasileiros “puxados pela morte”, atacados pela malária.

Os limites entre Peru e Brasil foram estabelecidos depois de seis anos de negociações pelo Tratado do Rio de Janeiro, de 8 de setembro de 1909.



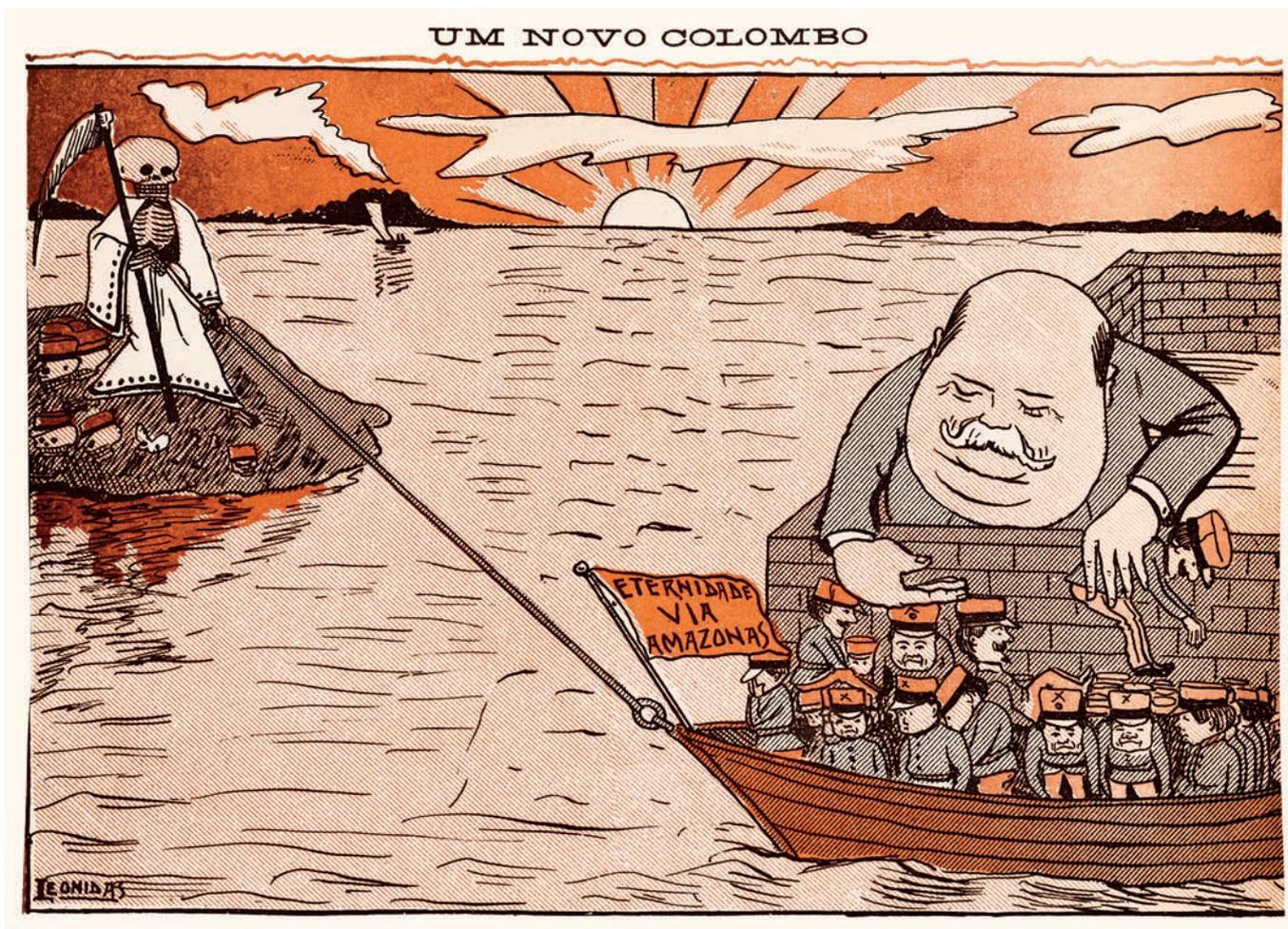
“Barão - Está prompto o bicho. Agora é só escolher o mólho com que o havemos de comer.
R. Alves - ...Ou com que havemos de ser comidos.”

Falstaff | “O ‘modus vivendi’ com o Perú” | *O Malho*, 23/7/1904



“O Malho. – Vê, excellentíssimo, o que têm sido as invasões peruanas? Saques, trucidação de brasileiros, esposas e donzellas violentadas, o diabo a quatro! É preciso não dormir mais.
R. Alves. – Sim; mas o Rio Branco...
O Malho. – Qual! Contra infamias dessa ordem a melhor diplomacia é... faca no bicho!”

Alfredo Cândido | “O Perú em ponto de... Faca!” | *O Malho*, 11/6/1904



“Barão: - Não é por mal, meus filhos; mas o dever exige que vocês fiquem lá pelas fronteiras do Perú ou... do outro mundo! Tende paciência, enquanto eu faço o relatório...”

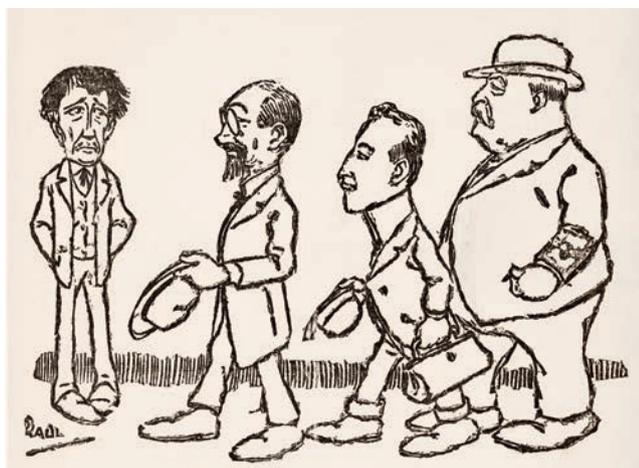
Leonidas | "Um novo Colombo" | *O Malho*, 15/10/1903



Raul | "Na fronteira do Norte" | *Jornal do Brasil*, 12/11/1907

O caso *Panther*

Enquanto negociava com o Peru, Rio Branco se defrontou com a poderosa Alemanha. A questão conhecida como o caso *Panther* ilustra bem a tensão entre nações com perfis opostos: a imperialista Alemanha e o Brasil, que firmava sua independência política. Em 27 de novembro de 1905, por ordem do comandante do navio de guerra alemão, o cruzador *Panther*, marinheiros desceram no porto de Itajaí, Santa Catarina, e fizeram interrogatórios e buscas para localizar um de seus homens que havia desertado, em vez de reportar o problema às autoridades policiais nacionais. O caso ganhou repercussão na imprensa e entre dezembro de 1905 e janeiro de 1906 circularam notícias indignadas com a violação da soberania brasileira. O Barão exigiu uma retratação da Alemanha, mas ao mesmo tempo em que exigia do governo alemão o pedido de desculpas protocolares, não deixava de subir para Petrópolis nesses meses do verão carioca que tanto temia; no que era criticado pela opinião pública, que apontava este hábito como uma das razões da morosidade na resolução do caso.



“- Os meus negócios não podiam ser tratados com mais presteza? os orçamentos, o caso ‘Panther’...
- Sim, sim, veremos, agora vamos para Petropolis.
- Vae mudar de Estado! Que gente com sorte!”

Raul | “Villegiatura” | *Jornal do Brasil*, 19/12/1905

“- Bem podia ser um chopp menos gelado e menos ralo...”

Raul | “A solução” | *Jornal do Brasil*, 12/1/1906





A Panthera – Eu ouvi dizer no louro Rheno que esta terra era unicamente povoada por fêras...

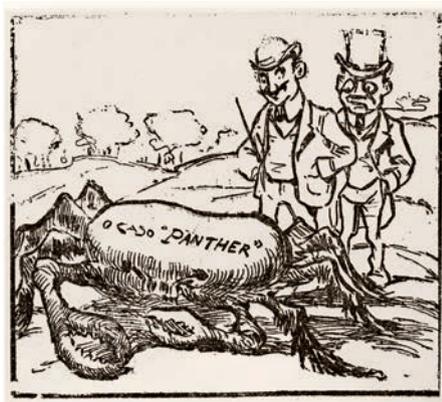
O Chancellor – É quasi isso com uma diferença. Aqui as fêras não invadem hoteis, nem mesmo na hora do “avança”.

Falstaff | “Os *Nibelungen* e as Trovas do Sertão” | *Gazeta de Notícias*, 7/1/1906



A possibilidade de um confronto com a grande potência europeia não impediu o Barão, no entanto, de defender intransigentemente a “dignidade e a honra do Brasil”. O episódio se encerra de maneira satisfatória, tendo o ministro plenipotenciário da Alemanha no Rio de Janeiro apresentado, em nome do imperador Guilherme II, o pedido de desculpas pelo incidente, acrescentando não ter havido a intenção de ferir a soberania do território brasileiro. A atitude firme, decidida e corajosa de Rio Branco de enfrentamento à prepotência alemã mereceu o reconhecimento até de quem se bateu com frequência contra o Brasil, o ministro do exterior argentino, Estanislau Zeballos. (LINS, 1965).

“Em Petrópolis: – Ah! Que bom! Como se vive bem aqui! Que briza embriagadora tonificante! – Como isto é mil vezes melhor do que a torturante cadeira do Cattete!...”



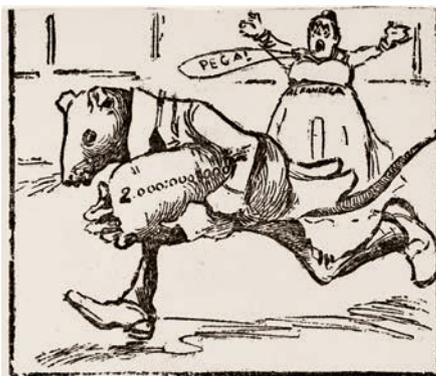
“As negociações sobre o caso Panther, caminham... carangueijalmente, - Em 1915 estará tudo resolvido, Se Deus quizer.”



“Zé Povo. – Pois sim senhores! Olhem que tenho sorte! Além de marchar como trinta, impingem-me de quando em vez, fígados com tubérculos, carnes podres, rins bichados, etc. etc.! Além de esfolado...envenenado!... Valha-me Deus!”



“Oh! deliciosa chuva!
Humanitaria chuva! Bendita
chuva! Abate este pó que nos
suffoca, refresca-nos a pelle!”



“Mais um desfalque! Agora
coube a vez da Alfandega.
– Mil e tantos pacotes de
arame grosso!...
Que grandes ratazanas!”



“A famigerada Cabeça de
Porco, continua a ser um antro
de faccinoras e vagabundos.
A polícia bem podia guizar a
famosa cabeça, mas não o faz,
diz ella, porque não tem cabeça
para se preocupar com
pequeninas cousas.”

A América para os americanos, vale para todos

As relações do Brasil com os Estados Unidos da América foram construídas passo a passo pelo Barão do Rio Branco.

“Assim o Brasil, desde os primeiros dias da revolução que o separou da mãe-pátria, pôs particular empenho em se aproximar politicamente dos Estados Unidos da América...”, pois é “... dever da geração atual cultivar com o mesmo empenho e ardor com que a cultivaram os nossos maiores”. (Artigo do Barão do Rio Branco no *Jornal do Commercio*, sob pseudônimo, J. Penn, 12 de maio de 1906).

O historiador norte-americano Bradford Burns (1966) tratou das relações do Brasil com os EUA e, a respeito de Rio Branco, ele observa que: “Ele foi bastante hábil para usar a política e a diplomacia norte-americanas para seus próprios fins e objetivos” (*Apud*, RICUPERO, in: FUNAG, 2002:91). Há consenso entre os analistas da política externa de Rio Branco que havia uma forte motivação para essa aproximação e que esta se deu de forma calculada e pragmática.

Desde o início da República as relações do Brasil com os EUA se intensificaram com a assinatura de acordos bilaterais de comércio. Mas, na gestão de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores, houve uma nítida opção preferencial. Um novo acordo tarifário, permitindo a livre entrada do café brasileiro, foi assinado com os Estados Unidos, em 1903. Em reciprocidade, é assinada a lei 1.144, de 30 de dezembro do mesmo ano, em que o governo brasileiro concedia um diferencial tarifário de 20% em favor de certos produtos importados dos Estados Unidos. O acordo estabelecia que a redução pudesse atingir o limite de 20% desde que fosse compensadora de concessões feitas a gêneros de produção brasileira, como o café. Vantagens maiores pretendidas pelos EUA eram firmemente rechaçadas.

POLITICA INTERNACIONAL



Abusa suppondo-a fraca



Mas aqui manda ella

Uma das características centrais da conduta de Rio Branco foi colocar o conhecimento da História e da Geografia a serviço da defesa dos interesses nacionais. Desta maneira, ele já havia conquistado a admiração dos americanos na questão de Palmas, em que o presidente Cleveland, como árbitro na questão, lhe deu ganho da causa contra a Argentina. Com o mesmo tipo de conduta, desenvolve suas relações com os Estados Unidos. Rio Branco fez uso, em defesa do país, daquilo que os norte-americanos mais prezavam: a Doutrina Monroe.

“Rio Branco executou com lealdade e fidelidade a política pan-americana, como ele a concebia e imaginava. A doutrina Monroe não era, no seu conceito, um pronunciamento unilateral de autodefesa dos Estados Unidos, mas uma fórmula de unidade para todos os países da América Latina em condições de igualdade. Fórmula flexível e elástica, pois nem sequer constituía ainda um princípio assentado de direito internacional.” (LINS, 1965: 322).



“Tio Sam: - Ué? Um homem!...”

C. Miragy (Julião Machado)

“A quase interminável questão do Acre” | *Jornal do Brasil*, 28/12/1902

AS FESTAS DO TIO SAM

Este entendimento foi útil ao Brasil em diversos momentos, sendo o mais sensível deles no enfrentamento ao perigo da criação de um Estado não soberano, dirigido por empresas norte-americanas associadas a europeias do consórcio Bolivian Syndicate.

“- Ah! Se eu pudesse apanhar este presunto!!!”

Raul | “As festas do Tio Sam” |
Sem identificação de periódico, 1904

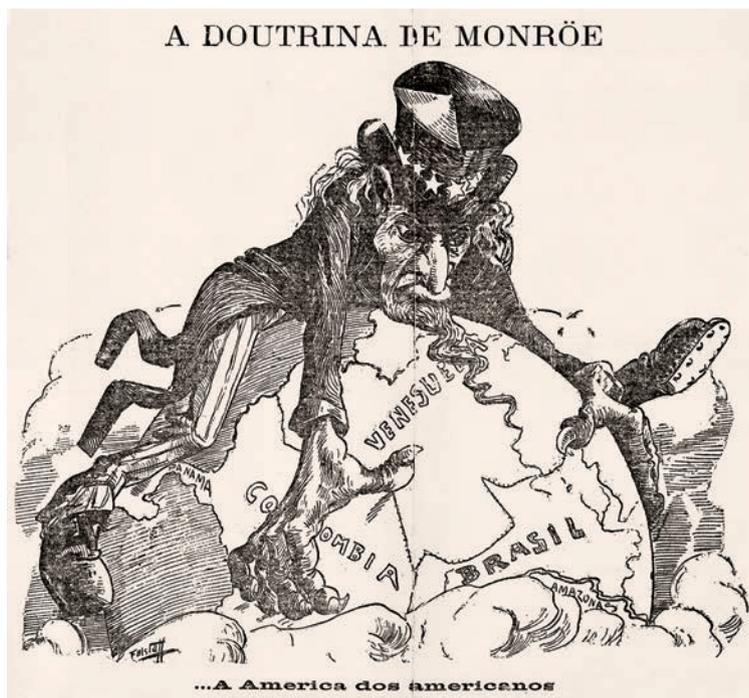
O PROTECCIGNISMO YANKEE

“- Divino presunto, eu te vou pôr ao abrigo das ‘minhas’ necessidades”

Gil | “O proteccionismo Yankee”
Sem identificação de periódico, 1904

Na análise de Ricupero, a concepção de Rio Branco para a política externa do Brasil foi estreitar os vínculos com os países vizinhos e, simultaneamente, com os Estados Unidos. A política brasileira deveria ser de aproximar e harmonizar a política norte-americana e a latino-americana. A partir dessa premissa, Rio Branco esforçou-se junto aos países latino-americanos, durante a realização da IV Conferência Pan-Americana (1910), em Buenos Aires, para que endossassem a Doutrina Monroe, desistindo da causa devido a controvérsias de alguns países como a Argentina (in: FUNAG, 2002:92).

Em 1905, nomeia Joaquim Nabuco para a recém-criada embaixada do Brasil em Washington. Nabuco partilhava com o Barão do entusiasmo pelo pan-americanismo. Juntos organizam a III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro, de 23 de julho a 27 de agosto de 1906, que conta com a presença de Elihu Root, secretário de estado norte-americano, e presidente honorário da conferência. Rio Branco, também presidente da conferência, encarregou-se com esmero da reunião, cuidando pessoalmente de todos os detalhes, especialmente do local do evento. A seu pedido foi reconstruído o antigo pavilhão do Brasil na exposição de Saint Louis, EUA, em 1904, que recebe o nome de Palácio Monroe. O Barão estimula o secretário de estado Elihu Root a visitar, após a conferência, Buenos Aires, Montevideu e Santiago. Estava sempre atento a uma maior cooperação interamericana, objetivando intervir oportuna e criteriosamente em prol das boas relações nas Américas.



Falstaff | "A doutrina de Monröe"
Gazeta de Notícias, 29/1/1905



Doutrina de Monröe

Telegrammas dirigidos a *La Prensa*, de Buenos Aires, noticiam que o governo dos Estados Unidos vai nomear addidos militares para as legações americanas na America do Sul.

Os referidos telegrammas dizem mais que o governo de Washington procura por esse modo estar perfeitamente informado de tudo quanto lhe possa interessar saber, na eventualidade desta parte da America se converter por ventura, para os Estados Unidos, em esphera de sua acção militar.

A America é dos Americanos... do Norte.



“É que os piores vizinhos são os de ao pé da porta.”

O.I.S. (Raul) | “A verdade” | 1903



Raul | “Ao Bom Vizinho”
Jornal do Brasil, 22/3/1908

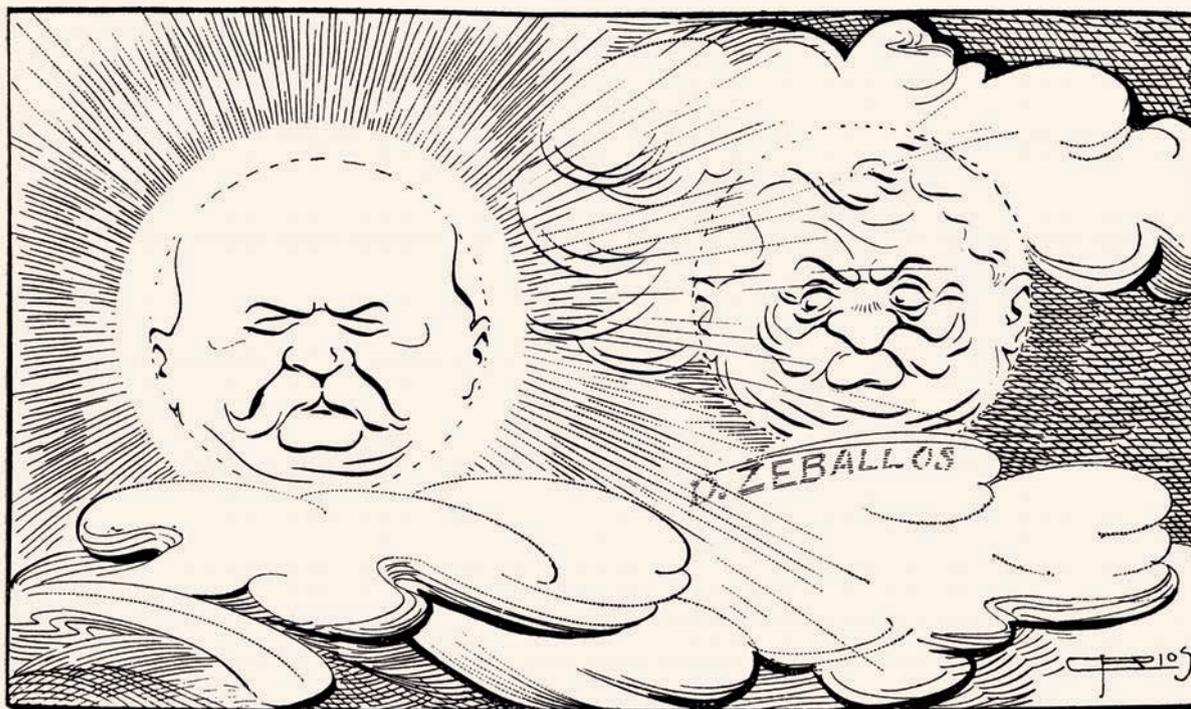
As dificultosas relações com a Argentina

As relações entre Brasil e Argentina seguiram estremecidas desde a vitória obtida pelo Barão do Rio Branco na Questão de Palmas², em 1895. Nessa época o Barão era cônsul em Liverpool quando foi designado por Floriano Peixoto para cuidar do caso do território que a Argentina reivindicava e denominava Missões, povoado por brasileiros e nacionais de terceiros países, que não a Argentina. A questão era arbitrada pelo presidente dos EUA, Grover Cleveland, e teve como representante pelo lado argentino, Estanislau Zeballos. Instado a defender os interesses nacionais e consolidar nossas fronteiras, Rio Branco apresentou minuciosa e bem estudada exposição de motivos, para a qual arrolou mapas e documentos, como era de seu feitio. O laudo de arbitragem foi totalmente favorável ao Brasil e Zeballos apresentou felicitações a Rio Branco, por seu brilhante êxito, apertando-lhe a mão. E, para maior desconcerto do argentino, Rio Branco retrucou: “Tive uma causa fácil de defender, enquanto a sua era extremamente difícil” (*Apud*, RICUPERO, in: FUNAG, 2002:56).

² Também chamada de Missões, pelos argentinos, foi a primeira vitória do Brasil em questões limítrofes a ser creditada a Rio Branco, “que jamais admitiu para aquele território a denominação dada pela Argentina, porque as missões católicas espanholas nunca se estabeleceram na então Comarca de Palmas, oeste de Santa Catarina.” (cf. *Obras do Barão do Rio Branco*, volume I, Questões de Limites - República Argentina, 2ª ed, Brasília: Ministério das Relações Exteriores/ FUNAG, 2012:211)

“Barão: - E é este anão que me quer fazer sombra!...
As nações: - Não faça caso, barão! O homem é pequeni-
no, tem o coração perto da língua, e deve ser conservado
para prova de que os frascos minúsculos são os que
contêm os melhores... venenos!”

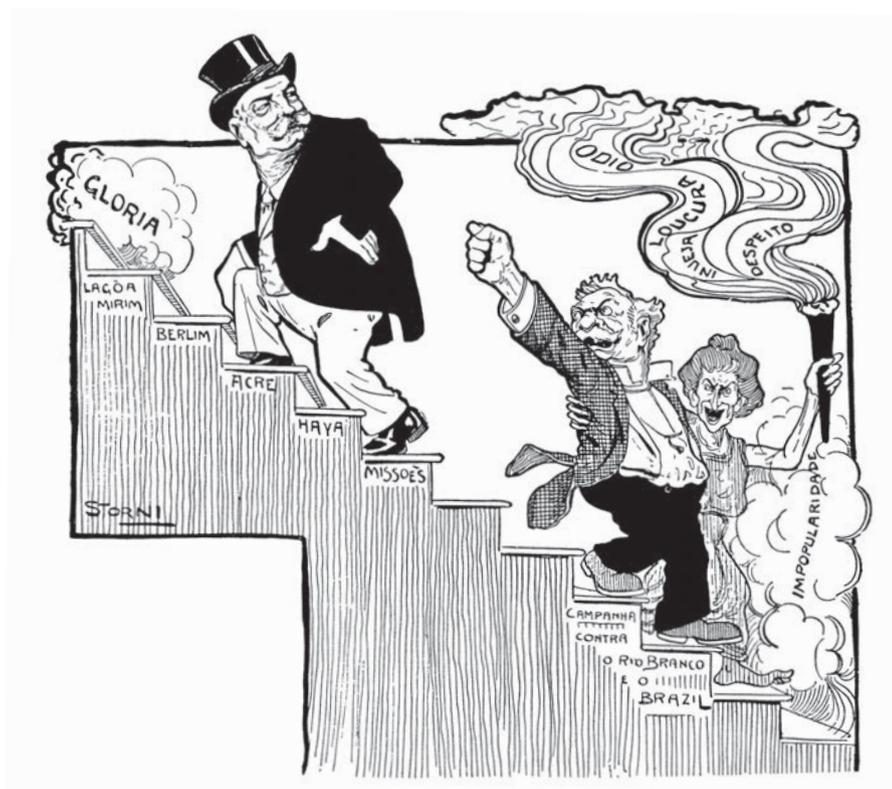
Herônio | “Circo diplomatico” | *O Malho*, 13/6/1903



“A LUA – Eu bem podia aparecer mais frequentemente... Mas este diabo ofusca-me o brilho...”

J. Carlos | “No firmamento internacional” | *O Diário*, 17/5/1908

Maior aproximação entre as três nações da América do Sul, Argentina, Brasil e Chile, sempre foi uma aspiração de Rio Branco. Esboçou claramente seu pensamento a respeito, em carta de 22 de novembro de 1904, ao ministro plenipotenciário do Brasil em Buenos Aires. Nela o Barão “formulou e sugeriu a criação entre os três países da América do Sul de um instrumento legal que levasse a atitudes voltadas para a paz e ordem na região” (BUENO, 2012:69). No entanto, resistências da Argentina, cujo chanceler considerava esta iniciativa de Rio Branco uma interpretação equivocada do pan-americanismo, fizeram com que o projeto não tivesse prosseguimento. Rio Branco acalentou firmemente essa ideia e, em 1907, iniciou negociações com a Argentina e o Chile para a assinatura de um tratado de “cordial inteligência política”, conhecido como ABC. Nova crise entre Brasil e Argentina se interpôs ao andamento do acordo. Em 1908, por conta da modernização da Marinha brasileira, a imprensa portenha fomentou grande animosidade entre os dois países.



“Zeballos: - Pillo! Embustero! Maldita sea la tierra... Que te coja um toro por detrás! Quitate para allá que no te puedo ni ver, fantasma de mis ensueños, que yo odio e además tu geracion, tu patria e tu diplomacia... Caramba!

Rio Branco: - Ché, camaráa. Hay que tomar tilia para los nervios. Si usted se pone asi furioso hay que darle una camisa de fuerza, pues en camisa de onze varas ya se ha puesto usted hace mucho tiempo! Que te vaya bien!..”

Storni | “So para moer, ou seja - ‘tirando el pelo” | *O Malho*, 26/9/1908



Penna: - Isto é um inferno! O diabo queria ser presidente n'esta terra! Não tenho um minuto de sossego! Não há dinheiro, as rendas baixam, e quando o paiz precisa de ordem, de trabalho e de paz - zás! apparecem os boatos do raio da guerra! Guerra com quem? Por que? Para que?

Barão: - Quem é o boateiro, sinão o Zeballos?! O melro aponta-me ao mundo com o facho acceso, prompto a fazer rebentar a bomba, mas elle é que é o maior petroleiro da América do Sul... Um refinado e atrevidíssimo petroleiro!

Zé povo: - Sim, senhores! Mas a verdade é que para essa 'estrallada' está influindo muito a sincada da mensagem presidencial, quando disse que o Brasil estava em paz com quasi todas as nações... Não há duvida que o Zeballos, soprando a guerra, é um refinadíssimo... idiota; mas não o será menos quem lhe der importância e... trela!

J.R. Lobão | "A guerra... Por telegrammas!"
O Malho, 12/9/1908

A pretensão de Estanislau Zeballos de determinar limites para a ampliação das Forças Armadas brasileiras provocou o Barão a pronunciar-se sobre a questão em eloquente discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para o qual fora eleito presidente no ano anterior. O

chanceler argentino renunciou após a descoberta de seu plano de invadir o Rio de Janeiro, caso o Brasil não se curvasse à equivalência naval pretendida por ele. Ainda assim, com o fim de legitimar sua diplomacia, interceptou mensagem entre Rio de Janeiro e Santiago, adulterando-lhe o conteúdo e divulgou na imprensa as inequívocas intenções de supremacia bélica de Rio Branco. O grave incidente do telegrama nº 9, como ficou conhecido, terminou com a decisão de Rio Branco de tornar pública a chave de decifração dos telegramas do Itamaraty, o que comprovou a intriga de Zeballos e sua desmoralização.



"Barão - Quem está no aparelho?
Uma voz - "La Prensa" de Buenos Aires.

Barão - É favor transmitir aos vossos innumerados leitores que ficou resolvido no ultimo despacho colectivo ceder ao Japão os navios mandados construir pelo Brasil; o marechal Hermes já foi comprado pela Allemanha; dentro em pouco o almirante Alexandrino será vendido aos Estados Unidos; o exercito e a marinha esperam as offertas da França. O material bellico será vendido a peso, a quem maior quantia offerecer. Para terminar serei vendido em praça pública."

J. Carlos | "O bom humor do Barão"
Careta, 1º/8/1908

"Penna: - Sim, senhor, seu barão!
Bello tiro internacional, o seu discurso de 11 de junho, no Instituto Historico!

Hermes e Alexandrino: - Tiro de polvora secca, mas bom para espantar fantasmas...

Zé Povo: - Foi um tiro de honra nas intrigas guerreiras do Zeballos... É bom, porém, não nos descuidarmos de guardar as costas, para maior de espadas... Confiar desconfiando sempre, como dizia o Marechal de Ferro... - E dinheiro haja! - como diz o bom atirador."

Storni | "A renuncia do Sr. Zeballos"
O Malho, 20/6/1908





“Barão: - Habrá alguno valiente que se quiera bater con l’otro valiente?
Caramba!”

Herônio | “Após a queda de D. Zeballos” | *Jornal do Brasil*, 3/7/1908

Justiça seja feita com o Uruguai

Os biógrafos de Rio Branco afirmam unanimemente que ele não alimentava sonhos imperialistas, almejava o equilíbrio entre os países da América do Sul. A ideia do ABC não se concretizou, mas foi a semente do Mercosul.

Em 1909, resolve o Barão conceder ao Uruguai o condomínio da Lagoa Mirim, melindrando ainda mais a Argentina. As relações argentino-uruguaias vinham se desgastando em decorrência da divergência quanto à jurisdição sobre o Rio da Prata. O uso comum das águas platinas era questionado pela Argentina que reivindicava exclusividade de navegação, enquanto o Uruguai defendia a partilha do direito.



“BARÃO - Ai, amor das nações, a quanto obrigas!...”

Oscar | “Mulheres, mulheres...”
Degas, 29/8/1908

Um protocolo entre os dois países regulando essa questão só foi assinado em 1910. Mas, em outubro do ano anterior, o Brasil assinou com o Uruguai o Tratado de Retificação de Limites. Rio Branco corrigia assim o que julgava uma injustiça do governo imperial com a República Oriental do Uruguai, e fazia a concessão do direito de navegação e de jurisdição na Lagoa Mirim e Rio Jaguarão, antiga reivindicação uruguaia. Em gratidão, Rio Branco é homenageado tendo seu nome sido dado a uma cidade na fronteira. O Barão põe em evidência a intransigência argentina quanto ao limite fluvial no Prata. (DORATIOTO, 2000:142)



“A obstrução — Camara — Bom. Isto fica para quando se annunciar. E agora neguem que a Camara não fechou com chave de ouro.”

“Firme! — Zé — Qual, madama! É um esforço inútil. Elle está muito firme no seu pedestal...”

Bambino | “Resenha da Semana - 02”
 Jornal do Brasil, 9/1/1910



“I - No Itamaraty

Barão: - Precisamos fazer alta diplomacia, doutor! É um absurdo não reconhecermos a jurisdição comum na Lagoa-Mirim: Vou conceder isso! A diplomacia de Imperio foi sempre contra, mas eu vou dar ao Uruguay esse direito - Les petits cadeaux font des grands amis. Moacyr: - Oh! isso é muito importante. Posso repetilo na Camara?

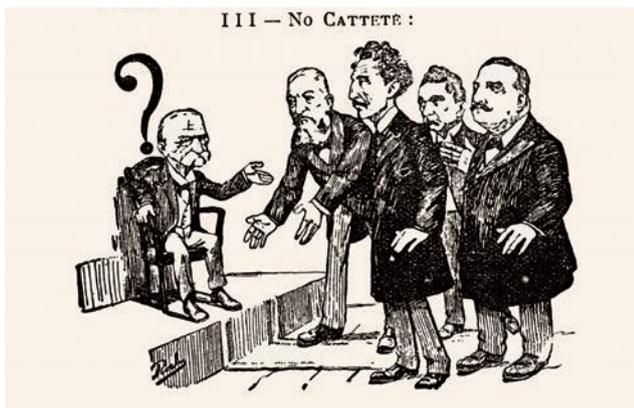
Barão: - Póde, não é segredo! Já falei aos chefes políticos, já mandei dizer para Buenos Ayres e até o João Francisco sabe d'isso...



II - Na Camara

Moacyr: - Senhores! Em nome do governo, eu posso declarar a Camara que é um facto, uma resoulção assentada, o reconhecimento pelo Brazil da jurisdição comum para a navegação na Lagoa-Mirim.

Voices: - Oh! Oh!

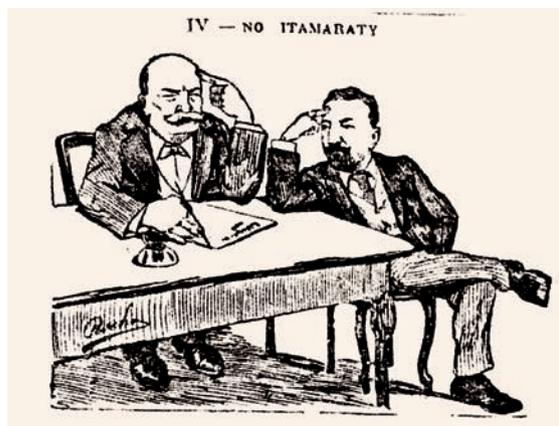


III - No Cattete:

Penna: - É inutil virem os senhores com ares espantados... O Moacyr fallou na Camara sobre a Lagoa-Mirim por sua conta e risco; não fallou em nome do governo, que tem alli o leader [e o] presidente para se manifestar quando entender. Eu de nada sei e o que o Moacyr disse não são potocas!...

Glycerio, Pinheiro e Azeredo: Ahn! Isso sim!... Isso é outro cantar...

Cassiano: - Sim, porque de outro modo, eu me veria forçado a fazer o papel do Moacyr. Teria de interpellar o governo... Saber porque não sahem os relatorios de certos ministros... e trataria de esquadrinhar que historia é essa de - Dinheiro haja! - que por ahi anda...



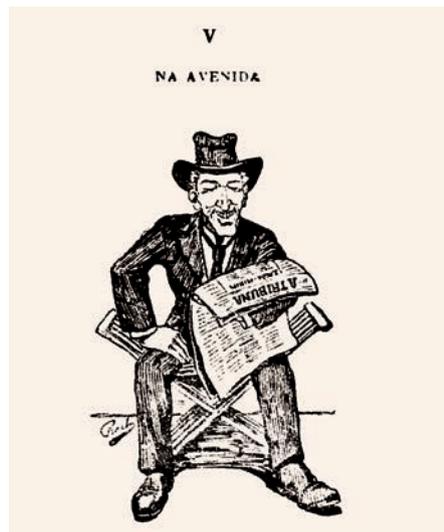
IV - No Itamaraty

Barão: - Seu Moacyr, foi o diabo você ter dado com a língua nos dentes... Agora precisamos arranjar uma explicação para esta embrulhada...

Moacyr: - Mas repare que eu perguntei ao seu Barão si podia contar a cousa na Camara...

Barão: - Mas foi o diabo! Emfim, vamos embrulhar a embrulhada, a ver si sahimos d'este embrulho... Vou mandar uma explicação para os jornaes publicarem. Foi o diabo eu não me ter lembrado de que você era da opposição.

Moacyr: - Perdão! Mas isso é só lá na Camara...



V - Na Avenida

Zé Povo: - Ora, esta! Quanto mais se vive mais se aprende!... Mas isto é uma comedia!... Um opposicionista que priva com o governo e falla em nome d'ele. Um ministro dando ao Uruguay um direito que o Brazil sempre lhe recusou... Um presidente que de nada sabe em assumpto de tal importancia... Qual! Isto é mais que uma comedia: é uma pandega!"

Rocha | "O escandalo - assu da Lagoa-Mirim" | *O Malho*, 29/8/1908

“Bueno[s] Aires, 21 (D). – A Prensa continua a guardar o mais absoluto silencio sobre as festas que se estão fazendo no Rio de Janeiro ao Sr. Dr. Saenz Peña’ (Tele-gramma do Jornal do Brasil)”
 “Esperem pelo resto. Quando a nossa ‘amiga’ começar a fallar, é peor que vinte sogras rabugentas!...”

Bambino | “Mutismo” | *Jornal do Brasil*, 23/9/1910

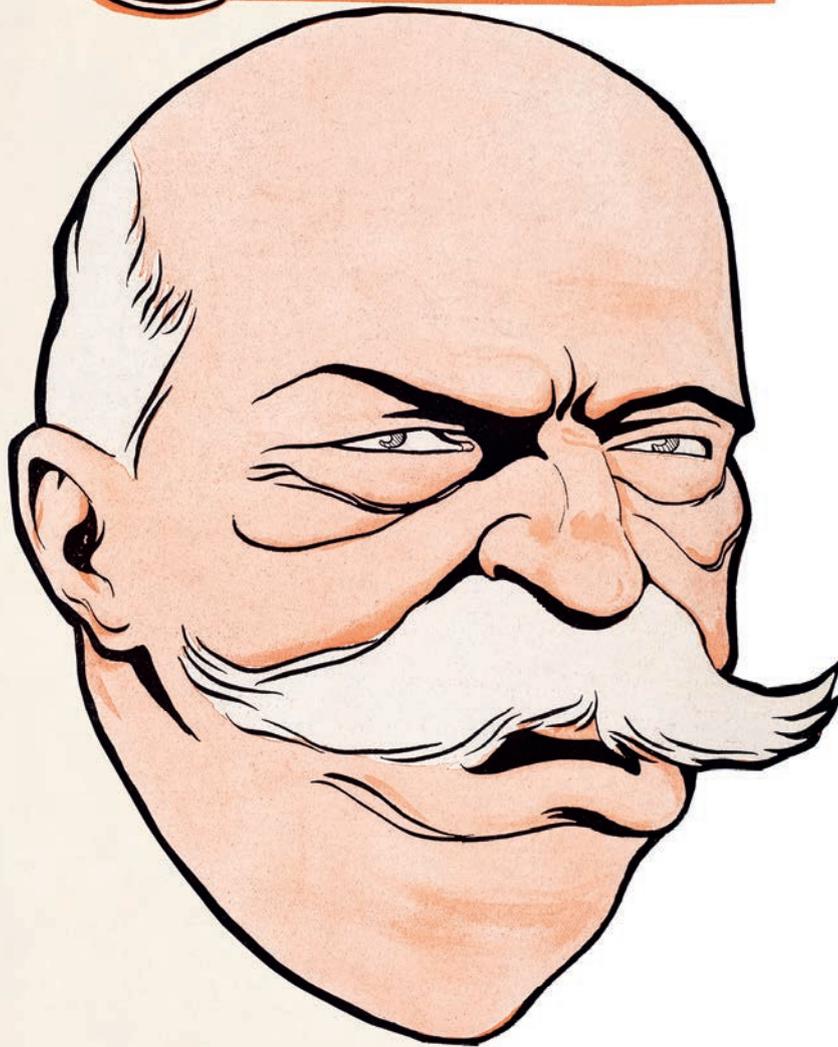


Conclusão

No período que esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores (1902-1912), o Barão do Rio Branco foi responsável pela consolidação das atuais fronteiras do país e pelo estabelecimento da doutrina de unidade latino-americana como fundamento para a inserção do Brasil no mundo. Ao defender o respeito, em condições de igualdade, a todos os países, foi o pioneiro do aspecto central da diplomacia e do direito internacional: o respeito pela soberania das nações.

Pela hábil negociação diplomática, o Barão conseguiu definir 32% das fronteiras terrestres do Brasil, além de incorporar cerca de 900 mil km² ao território nacional. No período que esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores, Rio Branco patrocinou a assinatura de tratados limítrofes com a Bolívia (1903), Equador (1904), Venezuela (1905), Guiana Holandesa (Suriname) (1906), Colômbia (1907), Peru (1909) e Uruguai (1909). Quando chegou ao ministério, já havia solucionado a Questão do Amapá, com a França (1900), e a Questão de Palmas, com a Argentina (1895). Tudo isso de forma pacífica, todavia firme.

CARETA



J. Carlos | "Capa" | *Careta*, 13/06/1908

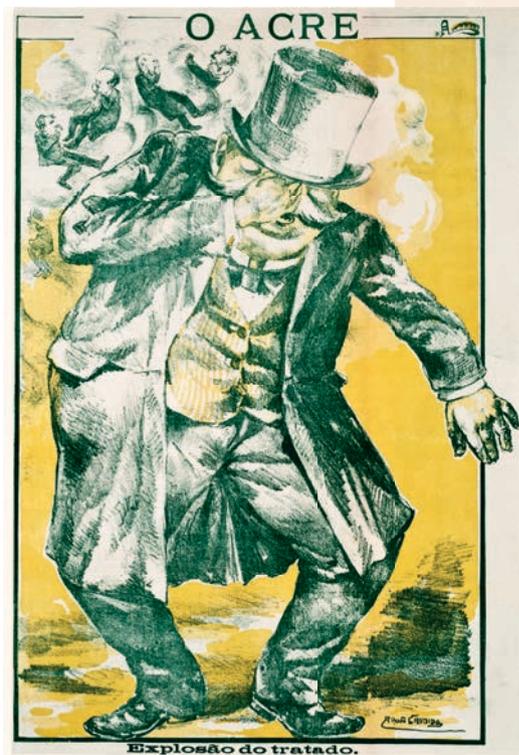
Biografia dos Caricaturistas do Barão

(organizados por ordem alfabética de suas assinaturas mais usuais)

Fonte: Herman Lima. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1963. 4 vols.

Agostini

Angelo Agostini (1843-1910). Imigrante da Itália, republicano e abolicionista de intensa atividade como desenhista em diversas revistas ilustradas, desde os anos 60 do século XIX. Na era republicana criou o *Dom Quixote* (1895) e colaborou em *O Malho*, *Gazeta de Notícias* e *O Tico-Tico* (1905), para o qual criou o logotipo. Assinava também AA em suas *charges*.



Alfredo Cândido | "O Acre"
A Larva, 6/11/1903

Alfredo Cândido

(1879-1960), português, falecido em Lisboa, usou também o pseudônimo de J. Dubois. De 1903 a 1905 esteve em grande evidência em *O Malho*, para o qual produziu capas. Antes atuou no *Jornal do Brasil* e foi o fundador de *A Larva*, no qual desenhava com exclusividade e criticava severamente o governo Rodrigues Alves e seus ministros.

Amaro

Amaro do Amaral (1875-1922), irmão de Crispim do Amaral, começou trabalhando na Bahia, com passagens pela Europa para estudos. Publica suas *charges* no *Jornal do Brasil*, a partir de 1902, e na *Revista da Semana*. Foi o fundador do semanário humorístico, o *Fian!* (1903). Assina com Luiz e Raul algumas *charges*, em que adotam o pseudônimo de Amariz.

Bambino

Artur Lucas (?-1929). Ilustrador e caricaturista, começou a aparecer em 1890, nas páginas do *Mequetrefe* do Rio de Janeiro, colaborando sucessivamente em *Rio-Revista*, *Galáxia*, *A Bruxa*, *A Semana Ilustrada*, *Mercúrio*, *Revista da Semana* e *Jornal do Brasil*, no qual de 1900 a 1911, com ilustrações na capa, elaborava um resumo das notícias da semana.



Bambino | "Cozinha Diplomática".
Jornal do Brasil, 26/5/1910

Byby

Henrique Puisseguir ou Henry Puissegryr (?). Apesar do nome, ByBy era brasileiro. Colaborou em *O Tagarela*, *O Malbo* e *Revista da Semana*, na primeira década de 1900. Fez capas para *O Malbo*.



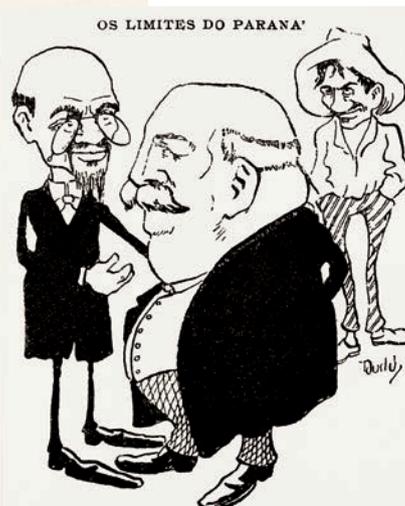
Crispim do Amaral | "Finalmente!"
A Avenida, 28/11/1903

Crispim do Amaral

(1858-1911), pernambucano, cenógrafo e decorador do Teatro Amazonas, com formação em artes na Europa. No Rio de Janeiro trabalhou como caricaturista em *O Malbo*, que ajudara a fundar, e em *A Avenida*.

Dudu

Cícero Valadares, (?-1945). Baiano, adotou esse pseudônimo nas *charges* políticas de *O Malbo*. Seu desenho, como observa Herman Lima, sempre se ressentiu de espontaneidade. Destacou-se como desenhista em publicações infantis. Colaborou em *O Tico-Tico*.



Dudu | "Os limites do Paraná"
O Malbo, 6/8/1904



Falstaff | sem título
Tagarela, 19/11/1903

Falstaff

Augusto dos Santos Falstaff (?-1910). Lançado na terceira versão da *Semana Ilustrada*, onde atuou desde 1898. Desenvolveu a atividade de caricaturista, a partir de 1902, em *Tagarela*, *O Malho* e *Gazeta de Notícias*. “Seus desenhos não tinham originalidade, eram da escola antiga, exagerados, mas engraçados”, de acordo com Herman Lima.

Gil

Carlos Lenoir (1878-1906). Assinou também Gil Vaz, em seus primeiros desenhos. Colaborou em *A Gazeta de Notícias*, *O Malho*, *A Avenida*, entre 1903-5. “Grande e malgrado” desenhista, morreu tuberculoso aos 28 anos.



Gil | "Mama... Sem ter chorado!"
A Avenida, 27/2/1904

Herônio

Mario Antonio de Barros (1879-1944), paulista radicado em Curitiba. Larga atividade entre 1908 e 1910, em *O Malho*, com várias *charges* políticas no centro da revista.

J. Carlos

José Carlos de Brito e Cunha (1884-1950), caricaturista de intensa produção. Iniciou-se em 1902, em *O Tagarela*, e colaborou nas principais revistas ilustradas de sua época, entre elas *Careta*, *A Avenida*, *Fon-Fon*, *O Malho*, *O Tico-Tico*, e nos jornais *Gazeta de Notícias*, *A Noite* e *O Diário*. J. Carlos foi um dos maiores glorificadores de Rio Branco. Suas famílias se uniram quando o neto do Barão, Miguel do Rio Branco, casou-se com uma das filhas de J. Carlos.



J. Carlos | Sem título.
Gazeta de Notícias, 11/5/1908

Julião Machado

(1863-1930). Caricaturista e cenógrafo português, emigrou para o Brasil no final do Império. Ocupou lugar de destaque na imprensa do Rio de Janeiro, onde colaborou no *Jornal do Brasil* na *Gazeta de Notícias*. Foi um dos primeiros a introduzir a cor em seus desenhos ao fazer uso da fotogravura por zincografia. Criou o jornal ilustrado *A Bruxa*. Assinou também suas *charges* como C. Miragy e J. Richard.



J. Richard (Julião Machado) | "Lata diplomática" | *Tagarela*, 5/3/1903

K. Lixto

Calisto Cordeiro, (1877-1957). Caricaturista e ilustrador, iniciou sua carreira com desenhos para *O Mercurio*, no qual trabalhava Raul Pederneiras. Juntos, fundaram o jornal humorístico *O Tagarela*, em 1902. Participou também da criação de *O Malho* e colaborou com inúmeras revistas cariocas como *O Tico-Tico*, e o jornal *A Gazeta de Notícias*.



K. Lixto | "Ruy-Rio-Acre".
Tagarela, 6/8/1903

Leônidas

Leônidas Freire, (1882-1943) Cearense, colaborou intensamente em *O Malho* e *Tagarela*, com desenhos de linhas ríspidas e figuras recortadas. Um dos fundadores de *O Tico-Tico*. Assinou algumas de suas *charges* como Léo.



Leonidas. | "Um homem que não se engasga"
O Malho, 3/9/1904



Lobão | "Pisando no callo de S.Ex."
O Malbo, nº 314, 1908

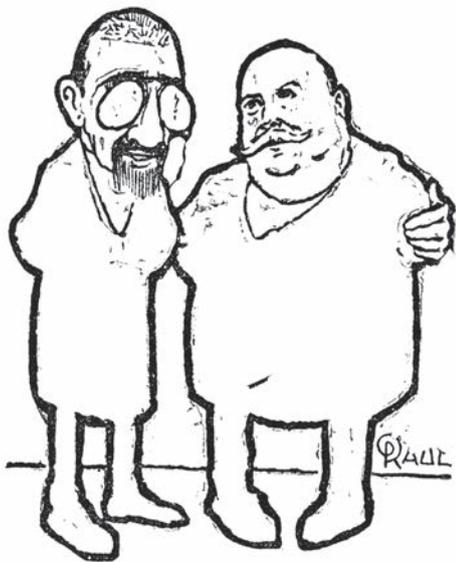
Ramos Lobão, (?-1914). Português imigrou para o trabalhar numa fábrica de móveis. Em 1905 passou a n *O Malbo*, onde fez várias capas de *charges* políticas. ios anúncios que evidenciam nítida influência dos ienses.

Luis

Luis Carlos Peixoto de Castro, (1889-1970), arquiteto, decorador e teatrólogo, além de chargista, usou também o pseudônimo Gip e, em dupla com Raul, assinavam Raiz. Trabalhou em diversas revistas ilustradas tais como *O Malbo*, *A Avenida*, *Fon-Fon*, mas principalmente no *Jornal do Brasil* e *Revista da Semana*.

Raul

Raul Pederneiras (1874-1953). Caricaturista, pintor, ilustrador, professor, escritor, homem de teatro e delegado. Iniciou sua carreira em *O Mercurio*, em 1898. Trabalhou no *Jornal do Brasil* como redator e ilustrador e colaborou em *Tagarela*, do qual foi fundador, *O Malbo*, *Fon-Fon* e *Dom Quixote*. Espirituoso, fez uso constante do trocadilho em suas *charges*. Assinou também com o pseudônimo de Oscar e O.I.S, para ser lido como: Oh, Yes!



Raul | "Trocadilho oficial"
Gazeta de Notícias, 29/1/1905

R.C

Renato de Castro (1878-1942) inicia a ilustração do noticiário da polícia na *Gazeta de Notícias*. Colaborador assíduo de *O Malbo* com *charges* políticas de um "desenho fino e elegante". Foi pioneiro das publicações infantis, idealizador da revista *O Tico-Tico*.

Rocha

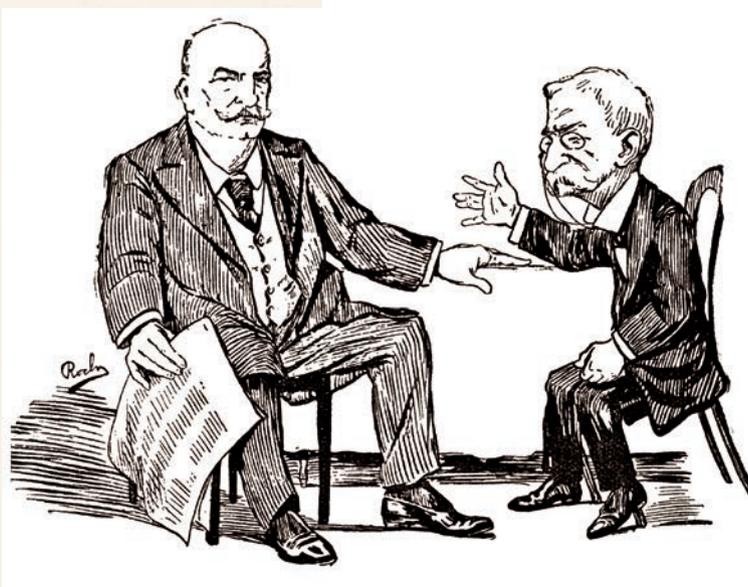
Augusto Rocha (?-1939). Caricaturista, desenhador de animais e músico consagrou-se com histórias infantis nas páginas de *O Tico-Tico*. Iniciou-se em *Tagarela*, em 1902, trabalhou em *A Avenida*, desde seu começo, 1903, e neste mesmo ano passa a colaborar com *O Malho*, onde foi capista por mais de 30 anos. Assinava também AR em suas *charges*.

Storni

Alfredo Storni (1881-1966). Satirista gaúcho colaborou com as revistas *O Malho*, desde 1906, atuando ao lado de K. Lixto, Raul, Julião Machado e J. Carlos. Assinou também com o pseudônimo "Bluff". Storni estabeleceu certos estigmas fisionômicos que se transformaram em marca registrada de seus desenhos.

Vasco Lima

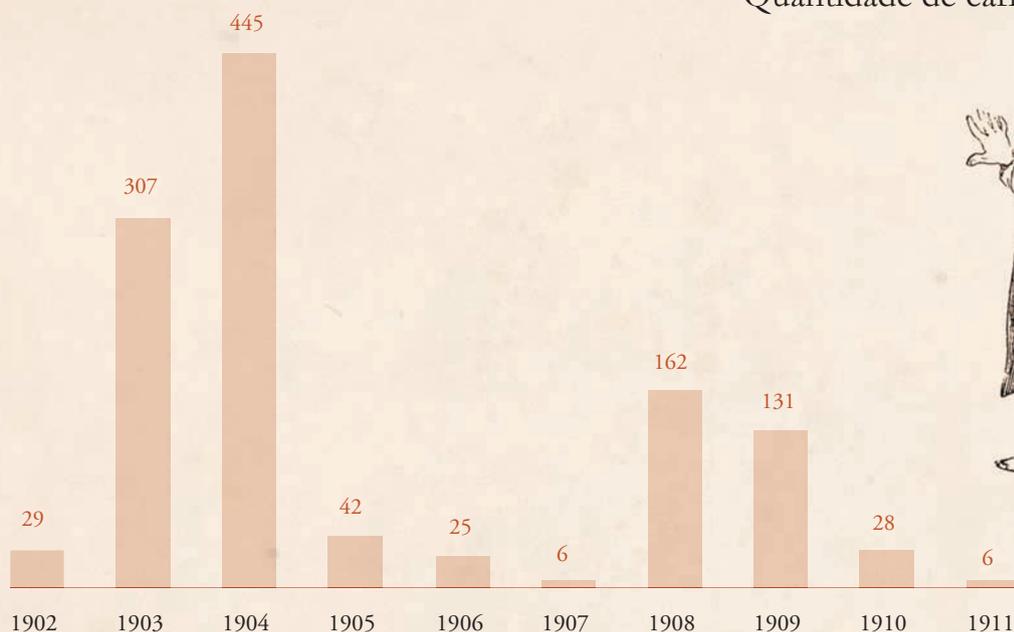
Vasco Machado de Azevedo Lima (1883-?). Português, neto de brasileira, veio para o Brasil trabalhar como balconista, mas logo começa a publicar suas *charges* em jornais: *A Gazeta de Notícias* e *A Tribuna*. Em 1905, estreia em *O Malho* e, a partir daí colabora em quase todas as revistas ilustradas da época, como *Fon-Fon* e *A Avenida*.



Rocha | "Todos os caminhos vão ter a Roma" | *O Malho*, nº 308, 1904

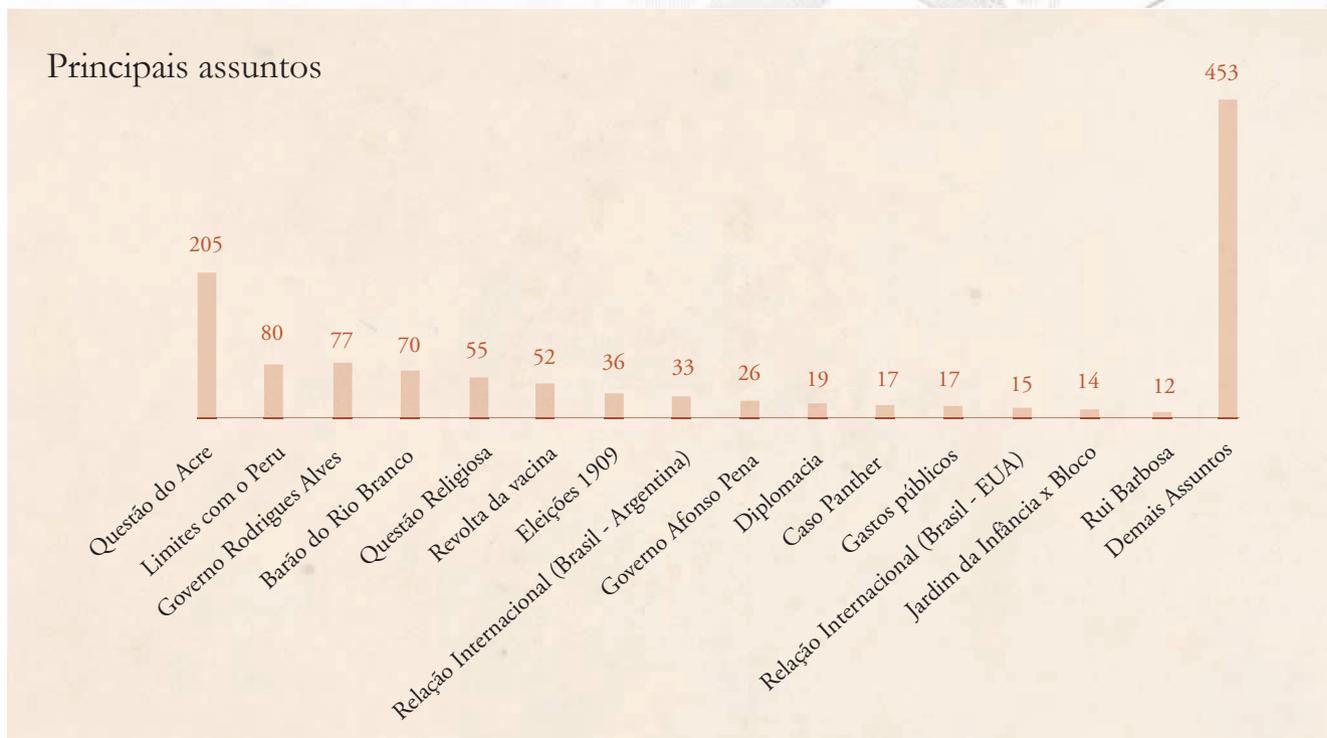
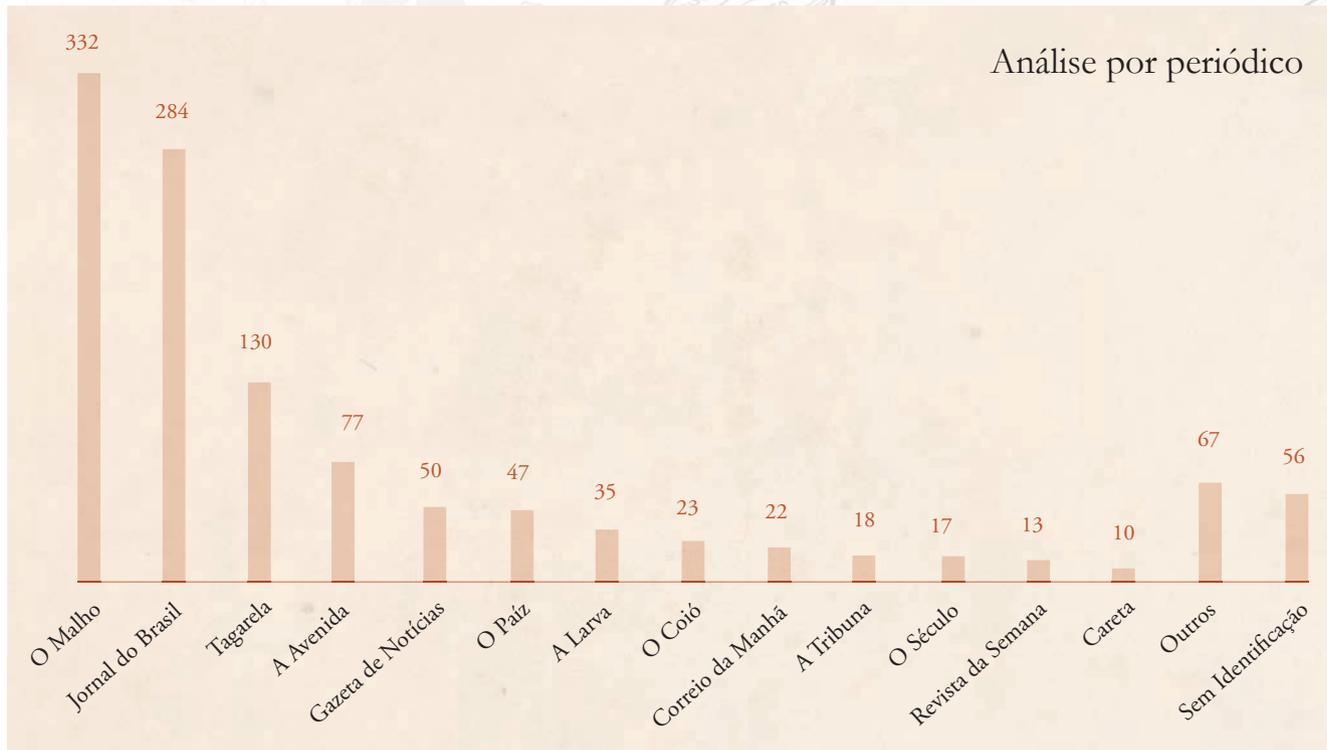
Gráficos de distribuição das caricaturas

Quantidade de caricaturas por ano



Análise por autor





Referências Bibliográficas

AMORIM, Celso Luis Nunes. A atualidade do Barão do Rio Branco. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1: 9-34.

BARBOSA, Rui. Obras completas de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v. 36, t. 1, 1909. (<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>)

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BITTENCOURT, Armando Senna. O emprego do poder militar como estratégia de Rio Branco. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

BUENO, Clodoaldo. Rio Branco e a política internacional de sua época. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

BURNS, E. Bradford. *The unwritten alliance*. Columbia University Press, 1966.

BUSS, Paulo. Diplomacia da Saúde nos tempos do Barão e nos dias de hoje: o Barão do Rio Branco e a saúde pública. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

Catálogo da exposição “Rio Branco: 100 anos de memória”. Curadoria ministro Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos. Rio de Janeiro: CHDD; Brasília: MRE, 2012.

CORREA, Luis Felipe de Seixas. O Barão do Rio Branco chefe de missão: Liverpool, Washington, Berna e Berlim. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

DORATIOTO, Francisco F. M. A política platina do Barão do Rio Branco. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, v. 43, n. 2, 2000:130-149. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n2/v43n2a06.pdf>

Exposição que ao Sr. presidente da República dirigiu o Sr. Ministro das Relações Exteriores em 27 de dezembro de 1903. Anexo ao Tratado de Petrópolis. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904.

FAQUIN, Giovanni Stroppa. *Políticos da nova raça: o jardim da infância e a experiência do poder na Primeira República*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://www.dominio-publico.gov.br/download/texto/cp055502.pdf>
Acessado em: 15/10/2012

FONSECA JUNIOR, Gelson. Rio Branco diante do monroísmo e do pan-americanismo: anotações. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.



FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Rodrigues Alves*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. 2 vols.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco: uma biografia fotográfica. Textos de Rubens Ricupero & organização iconográfica de João Hermes Pereira de Araújo, com a colaboração de Ricardo Joppert. 2ª ed: revista e ampliada. Brasília: FUNAG; Rio de Janeiro: CHDD, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Departamento de Museus e Centro Culturais, 2007. (Coleção Museu, Memória e Cidadania). Disponível em: http://nau.ufrj.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf

HEYMANN, Luciana Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 19, 1997:41-66. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041/1180>

_____. O indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, Ano XLVB, n. 2, jul.-dez., 2009:40-57.

Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A03.pdf

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1963. 4 v.

LINS, Álvaro. *Rio Branco – Biografia*. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1995.

LUNA, Dom Joaquim G. de. Os monges Beneditinos no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, 1952. Disponível em: <http://www.institutodoceara.org.br/asp/imagens/revporano/1952/1952-Monges-BeneditinosnoCeara.pdf> Acessado em: 15/10/2012

LUSTOSA, Isabel. Histórias de presidentes. *A República no Catete (1897-1960)*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PAULA, João Antonio de. *Raízes do desenvolvimentismo: pensamento e ação de João Pinheiro*. São Paulo: Pesquisa & Debate, vol 15, n. 2 (26), 2004.

Disponível em:

[http://www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/edicoes/\(26\)joao_antonio.pdf](http://www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/edicoes/(26)joao_antonio.pdf)

Acessado em 15/10/2012

PEREIRA, Margareth da Silva. A exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *Revista Arqtexto*, nº 16.

Disponível em:

http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/01_MSP.pdf

Acessado em: 16/10/2012

RICÚPERO, Rubens. Acre: o momento decisivo de Rio Branco. Fundação Alexandre Gusmão, Seminário Internacional: Barão do Rio Branco – 100 Anos de Memória. Rio de Janeiro: Palácio Itamaraty e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 8 a 10 de maio de 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré (org.). *O civilista. Rui Barbosa no imaginário político dos chargistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

_____. *A Águia de Haia. Rui Barbosa no imaginário político dos chargistas brasileiros*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

VIANA FILHO, Luis. *A vida do Barão do Rio Branco*. São Paulo: UNESP, 2008.

A *Fundação Alexandre de Gusmão* (FUNAG), instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, bloco H,
anexo 2, térreo, sala 1
70170-900 - Brasília, DF
Telefones: (61) 2030 6033 / 6034
Fax: (61) 2030 9125
www.funag.gov.br

O *Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD), da Fundação Alexandre de Gusmão / MRE, sediado no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, prédio onde está depositado um dos mais ricos acervos sobre o tema, tem por objetivo estimular os estudos sobre a história das relações internacionais e diplomáticas do Brasil.

Palácio Itamaraty
Avenida Marechal Floriano, 196
20080-002 - Rio de Janeiro, RJ
Telefones: (21) 2233 2318 / 2079
www.funag.gov.br/chdd
chdd@funag.gov.br

Todos os esforços foram envidados no sentido de localizar a totalidade dos detentores dos direitos autorais das obras contidas neste livro. A Fundação Alexandre de Gusmão está à disposição para corrigir e conceder os créditos aos titulares que não foram encontrados até o fechamento dessa edição.



“Comquanto na balança da minha consciência pese mais o direito que a força, sem temer os embates do destino, demonstrarei ao mundo inteiro que o Brasil, se o procuram o encontram.”

Amaro do Amaral | Sem título | *Revista da Semana*, 1/2/1903



Este livro foi editado com o patrocínio da Petrobras por ocasião da celebração do Primeiro Centenário da Morte do Barão do Rio Branco, impresso em Couché Matte 150 g, em dezembro de 2012, na gráfica Santa Marta, João Pessoa, Brasil.